

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA**



**Faculdade de Letras**

**A DISTRIBUIÇÃO E A EXPRESSÃO GRAMATICAL DO  
FUTURO DO CONJUNTIVO NO PORTUGUÊS DE  
MOÇAMBIQUE**

**Víctor Mércia Justino**

**Dissertação de Mestrado em Linguística**

**2011**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA**



**A DISTRIBUIÇÃO E A EXPRESSÃO GRAMATICAL DO  
FUTURO DO CONJUNTIVO NO PORTUGUÊS DE  
MOÇAMBIQUE**

**Víctor Mércia Justino**

**Orientação: Professora Doutora Ana Maria Martins  
Co-orientação: Professora Doutora Anabela Gonçalves**

**Dissertação de Mestrado em Linguística**

**2011**

## **Agradecimentos:**

— muito especial, e em primeiro lugar, às Professoras Doutoradas Ana Maria Martins e Anabela Gonçalves, orientadoras desta tese, pelas críticas, pelas sábias sugestões e pelo imprescindível apoio, que constituíram um estímulo intelectual e me iluminaram em todas as fases da elaboração deste trabalho;

— aos meus professores do mestrado em Linguística, nomeadamente os Professores Doutores Inês Duarte, Manuela Ambar, Gabriela Matos, Ana Maria Martins, Tjerk Hagemeijer, Anabela Gonçalves, Ana Lúcia Santos, Maria João Freitas, Ana Isabel Mata e Alina Villalva, pelas lições de Sintaxe, Linguística Comparada, Linguística Educacional e Morfologia;

— à Professora Doutora Perpétua Gonçalves, a quem devo o meu interesse pelo ensino, pela investigação e pela linguística, e pelo que representa no meu percurso académico e profissional;

— à Fundação Calouste Gulbenkian, pela bolsa de estudo que me permitiu frequentar o mestrado em Lisboa;

— aos meus pais: meus progenitores e meus sogros, por todo prestimoso apoio e amizade;

— à Ana Gabriela Lopes do Rosário Cumbana, minha esposa e companheira, e à Shirley Cáila Cumbana, minha filha, pela compreensão, paciência e cumplicidade;

— por fim, e não em último lugar, a todos meus familiares, amigos, colegas de profissão e do mestrado e a todos os informantes, por tudo, **muito obrigado!**

Lisboa, Junho de 2011

Víctor Mércia Justino Cumbana

A DEUS

e

ao meu '*chará*' Faniquiço

# Índice

Índice de quadros e de figuras	i
Resumo	ii
Abstract	iv
<b>0. INTRODUÇÃO</b>	1
<b>1. METODOLOGIA</b>	5
<b>1.1. A natureza dos dados</b>	5
<b>1.2. O <i>corpus</i> oral</b>	7
1.2.1. Caracterização da amostra	7
1.2.2. Materiais e procedimentos	9
1.2.3. Tratamento dos dados	12
<b>1.3. Os <i>corpora</i> escritos: testes de produção provocada e de juízo de gramaticalidade</b>	15
1.3.1. Caracterização da amostra	15
1.3.2. Material e procedimentos no teste de produção provocada	17
1.3.3. Material e procedimentos no teste de juízo de gramaticalidade	19
1.3.4. Tratamento dos dados escritos	22
<b>2. A DISTRIBUIÇÃO E A EXPRESSÃO GRAMATICAL DO FUTURO DO CONJUNTIVO NO PE</b>	23
<b>2.1. A distribuição do futuro do conjuntivo em orações condicionais introduzidas por <i>se</i></b>	24
2.1.1. Sobre a genericidade	27
2.1.2. Os resultados do teste de juízo de gramaticalidade do grupo de controlo	31
2.1.3. Os dados do teste de produção provocada	37
<b>2.2. Orações temporais introduzidas por <i>quando</i></b>	42
<b>2.3. O infinitivo flexionado</b>	45
<b>2.4. Conclusões</b>	50

<b>3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DO PM</b>	51
<b>3.1 O futuro do conjuntivo no Português de Moçambique</b>	51
<b>3.2. A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em orações adverbiais condicionais de <i>se</i> e temporais de <i>quando</i> no PM</b>	57
3.2.1. Resultados do teste de produção escrita provocada	58
3.2.1.1. O futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por <i>se</i>	58
3.2.1.2. O futuro do conjuntivo em temporais introduzidas por <i>quando</i>	67
3.2.2. Resultados do teste de juízo de gramaticalidade	71
3.2.2.1. O futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por <i>se</i>	71
3.2.2.2. O futuro do conjuntivo em temporais introduzidas por <i>quando</i>	73
3.2.2.3. Resultados dos testes de produção provocada e do teste de juízo de gramaticalidade: conclusões preliminares	75
3.2.3. A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo nos dados de fala espontânea	76
3.2.3.1. O futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por <i>se</i>	77
3.2.3.2. O futuro do conjuntivo em temporais introduzidas por <i>quando</i>	81
<b>3.3. Comparação dos resultados de produção escrita provocada com os resultados de fala espontânea</b>	84
<b>3.4. Conclusões</b>	85
<b>4. O PM E O PE NUMA PERSPECTIVA COMPARATIVA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	87
<b>4.1. Uso sobregeneralizado do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais</b>	87
<b>4.2. O futuro do conjuntivo em temporais</b>	94
<b>4.3. A regularização paradigmática do futuro do conjuntivo</b>	97
<b>4.4. Conclusões</b>	102
<b>5. PARA UMA APLICAÇÃO DIDÁCTICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA</b>	103
<b>5.1. O ensino da gramática: pistas e fundamentos</b>	104
<b>5.2. Sequência didáctica I: a distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais introduzidas por <i>se</i></b>	111

<b>5.3. Sequência didáctica II: a regularização paradigmática do futuro do conjuntivo</b>	119
<b>5.4. Conclusões</b>	122
<b>6. CONCLUSÕES</b>	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXOS	135

## Índice de quadros e figuras

<b>Quadro 1:</b> Caracterização da amostra – dados espontâneos	8
<b>Quadro 2:</b> Perfil sociolinguístico dos sujeitos do PM	16
<b>Quadro 3:</b> Paradigmas de flexão verbal do futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado	46
<b>Quadro 4:</b> Resultados dos sujeitos que usam o infinitivo flexionado em vez de futuro do conjuntivo no PE	47
<b>Quadro 5:</b> Resultados do teste de produção provocada em frases condicionais com verbos irregulares no PM	62
<b>Quadro 6:</b> Resultados do teste de produção provocada em temporais com verbos irregulares	70
<b>Quadro 7:</b> Regularização morfológica do futuro do conjuntivo no PM	98

\*\*\*

<b>Figura 1:</b> Resultados do teste de produção provocada em frases condicionais no PE	25
<b>Figura 2:</b> Distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais com leitura factual pouco acessível	39
<b>Figura 3:</b> Distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em frases condicionais com leituras genérica habitual e hipotética acessíveis	41
<b>Figura 4:</b> Resultados do teste de produção provocada de frases temporais no PE	42
<b>Figura 5:</b> Resultados dos dois tipos relevantes de estruturas temporais do PE	45
<b>Figura 6:</b> Resultados da tarefa de produção provocada em frases condicionais no PM	58
<b>Figura 7:</b> Resultados da tarefa de produção provocada em frases temporais no PM	67
<b>Figura 8:</b> Resultados dos dois tipos relevantes de condicionais no PM	69
<b>Figura 9:</b> Tempo e modo em condicionais nos dados de fala espontânea da população instruída do PM	77
<b>Figura 10:</b> Tempo e modo em temporais nos dados orais da população instruída do PM	81
<b>Figura 11:</b> Resultados da distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais de se com interpretação factual dificilmente acessível, em PM e PE	89
<b>Figura 12:</b> O futuro do conjuntivo em condicionais com interpretação factual dificilmente acessível e com interpretação factual facilmente acessível	90
<b>Figura 13:</b> Resultados da distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais de se com leituras factual e hipotética facilmente acessíveis, em PM e PE	91
<b>Figura 14:</b> Estruturas temporais com futuro do indicativo ou imperativo na raiz em PM e PE	95
<b>Figura 15:</b> Formas de infinitivo flexionado em vez de futuro do conjuntivo na tarefa de produção escrita provocada, em PM e PE	101

## Resumo

A dissertação aqui apresentada insere-se na área da Linguística Educacional, entendida, no sentido mais restrito, como uma ciência que integra e articula entre si a Linguística e o Ensino de línguas.

Com esta investigação, cumprem-se dois objectivos centrais: o de compreender a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no Português de Moçambique (PM) e o de construir uma sequência didáctica para estudantes do Ensino Superior. Esta sequência inscreve-se no modelo do laboratório/oficina gramatical (Duarte 1992, 2008, e.o.) e resulta da constatação de uma diferença considerável entre o conhecimento linguístico dos sujeitos inquiridos e a gramática da língua de ensino, o Português Europeu (PE).

Nesta dissertação são tidos em consideração dados de escrita e de fala espontânea. No que diz respeito ao PM, o *corpus* de fala espontânea é constituído por entrevistas realizadas a 34 falantes nativos desta variedade; o *corpus* escrito resultou da aplicação de dois testes distintos – produção provocada e juízo de gramaticalidade – a 23 estudantes universitários. Relativamente ao PE, só foi constituído um *corpus* de escrita, usando as mesmas tarefas levadas a cabo pelos falantes de PM: o teste de produção provocada foi aplicado a 19 estudantes universitários, o teste de juízo de gramaticalidade foi realizado com 10 linguistas falantes de PE.

A análise comparada dos dados do PM e do PE permite mostrar, por um lado, uma nova tendência na formação da gramática do PM, nomeadamente o uso sobregeneralizado do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais introduzidas por *se*. Por outro lado, mostra-se que a regularização paradigmática do futuro do conjuntivo por aproximação às formas de infinitivo flexionado é uma estratégia bastante recorrente no PM, o que poderá vir a ter como consequência a perda de algumas das formas lexicalizadas dos verbos irregulares.

No que diz respeito ao ensino da gramática, apresentam-se e discutem-se diferentes opções metodológicas, como as abordagens de *ensino explícito* e/ou *implícito* (Ellis 1997), o ensino *com foco na forma* (Larsen-Freeman 2009) e a *aprendizagem por descoberta* (Hudson 1992, 1999; Duarte 1992, 2008). Partindo de algumas destas abordagens, propõe-

se um conjunto de exercícios que exploram a distribuição do futuro do conjuntivo em condicionais e as formas dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo.

Com este trabalho esperamos contribuir para a caracterização da gramática do PM, bem como para o melhoramento das abordagens do ensino da língua portuguesa em Moçambique.

**Palavras chave:** *futuro do conjuntivo, presente do indicativo, infinitivo flexionado, frases condicionais, frases temporais*

## Abstract

This dissertation falls within the field of Educational Linguistics, understood in a narrow sense as a domain where Linguistics and Language Teaching converge.

The goal of this work is two-fold: it contributes for the understanding of the use and the grammatical expression of the future subjunctive in the Portuguese variety spoken in Mozambique (MP) and proposes a sequence for teaching based on the results of the research. This proposal is inspired by the “grammar laboratory” model (Duarte 1992, 2008, among others) and empirically supported by the data we collected and analysed. These data show a considerable difference between the linguistic knowledge of the inquired subjects and the grammar of the language of teaching, standard European Portuguese (EP).

In this dissertation, spoken and written data are considered. As for MP, 34 native speakers have been interviewed in order to constitute the spoken *corpus*; the written *corpus* of MP results from the application of two tests – elicited production and grammaticality judgment tests – to 23 graduation students. Concerning EP, only a written *corpus* has been built, using the same tasks performed by Mozambican subjects: the elicited production test was applied to 19 graduation students and the grammaticality judgment test was answered by 10 linguists.

Comparing the results of the analyses of the PM and PE data, a new tendency towards the formation of the MP grammar was observed, concerning the overgeneralized use of the future subjunctive in conditional structures with *se* ‘if’. On the other hand, we found clear evidence that the paradigm of the future subjunctive is being simplified in the sense that the MP speakers tend to extend the inflectional paradigm of regular verbs to irregular verbs. This has the effect that the future subjunctive is in the verge of converging, at the morphological level, with the inflected infinitive. This might lead to the loss of the lexicalized forms of irregular verbs.

Considering grammar teaching, several methodological strategies were reviewed and examined, in particular the *explicit* and/or *implicit approaches* (Ellis, 1997), the *focus on form* approach (Larsen-Freeman 2009), and the *discovery learning* approach (Hudson 1992, 1999; Duarte 1992, 2008). Based upon some of these approaches, we propose a set of exercises exploring the distribution of tense/mood in conditionals with *se* ‘if’, as well as the inflection of irregular verbs in the future subjunctive.

With this work we hope to contribute to the characterization of the MP grammar as well as to the improvement of language teaching in Mozambique.

**Keywords:** *future conjunctive, present indicative, inflected infinitive, conditional clauses, temporal clauses*

## 0. *Introdução*

O Português que se fala em Moçambique (PM), independentemente de ser adquirido como primeira língua (L1) ou como segunda língua (L2) (situação mais comum), difere do Português Europeu padrão (PE), tomado oficialmente como variedade de referência.<sup>1</sup> Neste contexto, são fundamentais estudos sobre as diferentes propriedades linguísticas desta variedade do Português. Por outras palavras, afigura-se conveniente dispor de trabalhos que procurem satisfazer os requisitos de adequação descritiva e explicativa da *Língua Interiorizada*<sup>2</sup> dos falantes do PM. No quadro destas exigências, há já vários trabalhos, sobretudo de descrição geral das diferentes componentes da gramática do PM, entre eles, os de Gonçalves (2010a, 2010b, 2001, 1997) e Dias (2009). Mas, até onde conseguimos averiguar, são inexistentes trabalhos sobre *A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no Português de Moçambique*, tema central desta dissertação.

Para além da escassez de estudos, ao nível desta componente da gramática do PM, a escolha do futuro do conjuntivo como objecto de estudo é duplamente motivada. É motivada, em primeiro lugar, por razões linguísticas, concretamente pela necessidade de compreender produções de estudantes universitários que apontavam para uma generalização do uso do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais introduzidas por *se* e para o uso do infinitivo flexionado no lugar do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares, indiciando, neste último caso, um fenómeno de regularização paradigmática do infinitivo flexionado. Em segundo lugar, a escolha é motivada por razões didácticas, concretamente, pela necessidade de aprofundar as metodologias de ensino da gramática, principalmente aquelas que permitem explicitar o conhecimento gramatical da língua de ensino em estudantes universitários moçambicanos que apresentam uma gramática do PM já quase estabilizada.

---

<sup>1</sup> Para Gonçalves & Siopa (2005) as alterações que a língua portuguesa em Moçambique tem vindo a sofrer devem-se em grande parte ao processo de aquisição como L2 e à falta de exposição dos falantes à norma do PE.

<sup>2</sup> Entendida como estado final da Faculdade da Linguagem (FL) de um dado indivíduo, i. e., sistema cognitivo resultante do desenvolvimento da FL, em contacto com os dados linguísticos da comunidade linguística (cf. Chomsky 1995).

Assim, neste estudo, analisa-se, em primeiro lugar, o uso do futuro do conjuntivo no PM, procurando identificar quais os contextos da sua ocorrência na língua falada e escrita, e, tendo em conta contextos específicos, a saber orações condicionais encabeçadas por *se* e orações temporais encabeçadas por *quando*, descrever o uso e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo. Em segundo lugar, o estudo tem por objectivo propor opções de ensino da gramática que ajudem os estudantes a desenvolver a sua competência linguística no uso de estruturas da língua padrão.

Para uma discussão profícua e, conseqüentemente, melhor compreensão da distribuição e da expressão gramatical do futuro do conjuntivo no PM, visto este não apresentar ainda padrão de referência, tomou-se como referência o PE padrão, o que implicou o tratamento do mesmo tópico gramatical para o PE.<sup>3</sup> Por essa razão, os dados empíricos tomados como base para a descrição do PM e do PE foram recolhidos em cada um dos contextos mencionados. Para o PM, tomou-se como base um *corpus* oral de 34 entrevistas e um *corpus* escrito obtido através de testes escritos, um de produção provocada e outro de juízo de gramaticalidade, junto de 23 estudantes universitários. Para o PE, o estudo contou com *corpora* escritos, um obtido através de uma tarefa de produção provocada aplicada a 19 estudantes universitários e outro obtido através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade aplicada a 10 falantes, todos eles linguistas.

Partindo da descrição feita para o PE, que traz algo de novo à compreensão do uso do futuro do conjuntivo por oposição ao presente do indicativo em condicionais e em temporais, especificamente a relevância da noção de *genericidade* (Carlson 1995, 2005) que utilizámos ao longo deste trabalho, discutimos o uso do futuro do conjuntivo em PM, mostrando que o seu uso tende a generalizar-se às condicionais em geral, incluindo aquelas em que, no PE, o uso do presente do indicativo é ‘quase obrigatório’ por se tratar de genéricas universais (cf. (1a)), ou é preferencialmente seleccionado quando o valor factual é acessível no momento da enunciação (cf. (1b)), tendo (1b) interpretação equivalente a *já que estás com ressaca, bebe uma água*.

---

<sup>3</sup> Como já afirmado por Machava (1994:59) estudos de natureza comparativa entre o PM e o PE nas diversas áreas contribuem para um maior conhecimento do PM e conseqüentemente para a fixação da respectiva norma.

- (1) a. Se o canhoeiro *for* uma árvore, então pertence ao reino vegetal. (PM)  
b. Se tu *estiveres* com ressaca, bebe uma água. (PM)

Em estruturas temporais, à semelhança do PE, os dados mostram que, no PM, o futuro do conjuntivo é obrigatoriamente seleccionado em contextos de co-ocorrência com tempos da frase matriz no futuro do indicativo ou imperativo (cf. (2)). Em temporais genéricas habituais, com presente do indicativo (com valor genérico/atemporal) na raiz, a selecção do futuro do conjuntivo é de duvidosa aceitabilidade, em contraste com as frases sem valor genérico/atemporal, como mostra a marginalidade de (3a) face a (3b).

- (2) a. Quando *chegares*, telefona-me.  
b. Quando nós *irmos* o Paulo, diremos o necessário.
- (3) a. ??Quando *estiver* mau tempo, os barcos não circulam nos Açores.  
b. Quando *tiver* um diamante, ofereço-o à minha mãe.

Por fim, em relação à expressão do futuro do conjuntivo, verifica-se que o recurso às formas supletivas do infinitivo flexionado em contextos de uso do futuro do conjuntivo é muito produtivo, o que poderá vir a contribuir para a perda de certas formas lexicalizadas ou para a possibilidade de se usar duas formas de expressão do futuro do conjuntivo para o mesmo verbo irregular no PM:<sup>4</sup>

- (4) a. Se a iniciativa **se manter**, a ajuda será estendida a todos.  
b. Quando **veres** os colegas, diz(-lhes) que há fichas.

Portanto, ao longo deste trabalho, estes serão os principais aspectos a analisar do ponto de vista da interface sintaxe/semântica e sintaxe/morfologia, e, ainda, ao nível do ensino da gramática.

---

<sup>4</sup> Em certas ocasiões ocorre também em produções do PM o uso do presente do indicativo para expressar o futuro do conjuntivo:

- (i) Se o barco **vira**, eu não posso morrer, posso nadar.  
(ii) Se eu te **levo** para Lichinga, vais encontrar pessoas que falam Português de maneiras diferentes.

A dissertação está organizada em 6 capítulos, seguidos de 5 anexos.

O capítulo 1 centra-se na metodologia utilizada na recolha e no tratamento de dados orais e escritos. Nele é ainda caracterizada a amostra e são descritos os materiais e os procedimentos de recolha de *corpora*.

No capítulo 2 descreve-se a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais introduzidas por *se* e em temporais introduzidas por *quando* no PE, tendo como base empírica os resultados das tarefas de produção provocada e de juízo de gramaticalidade e recorrendo à bibliografia sobre este assunto.

O capítulo 3 começa pela identificação, em geral, dos contextos de ocorrência do futuro do conjuntivo no PM. Seguidamente, procede-se à apresentação e à análise dos resultados das tarefas escritas de produção provocada e de juízo de gramaticalidade, bem como dos dados de fala espontânea relativamente à distribuição e à expressão gramatical do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais e em temporais. Ainda neste capítulo, através da análise, descrição e comparação de diferentes dados do PM, põem-se em evidência as questões centrais deste trabalho, nomeadamente a tendência para o uso preferencial do futuro do conjuntivo em condicionais em geral e em certas temporais, e a problemática da flexão dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo.

A partir da comparação entre os resultados do PM e do PE, no capítulo 4, procede-se à discussão das questões gerais desta investigação decorrentes da descrição e análise dos dados.

O capítulo 5 é dedicado ao ensino da gramática. Neste capítulo, reflectimos sobre as abordagens e fundamentos do ensino da gramática e propomos um conjunto de actividades didácticas, inscritas no laboratório gramatical, que visam explicitar a distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em estruturas condicionais no PE e a flexão dos verbos no futuro do conjuntivo.

Finalmente, no capítulo 6, apresentamos as conclusões gerais deste trabalho e indicamos algumas pistas para trabalhos futuros.

## 1. *Metodologia*

A realização da pesquisa sobre a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no PM implicou a tomada de um conjunto de decisões a respeito da natureza dos dados a recolher, dos materiais e procedimentos a adoptar na recolha e do posterior tratamento a dar aos dados recolhidos. Desta forma, apresentam-se neste capítulo: (i) a caracterização dos dados recolhidos no âmbito desta investigação (secção 1.1); (ii) a caracterização da amostra relativa às entrevistas (secção 1.2.1) e dos sujeitos que responderam aos testes escritos (secção 1.3.1) e, por último, (iii) os materiais e procedimentos seguidos na recolha e tratamento dos dados orais espontâneos (entrevistas) (secções 1.2.2 e 1.2.3), e dos dados escritos de produção provocada (secção 1.3.2) e de juízo de gramaticalidade (secção 1.3.3).

### 1.1. **A natureza dos dados**

O nosso interesse pelo uso do futuro do conjuntivo no PM foi desencadeado pela observação empírica de dados recolhidos em contexto de ensino e aprendizagem da língua portuguesa no ensino superior e em contexto de uso espontâneo e informal desta língua, principalmente por estudantes universitários. Essa observação levou-nos à formulação das seguintes ideias iniciais:

(i) os falantes, por vezes, adoptariam as formas do infinitivo flexionado na flexão do futuro do conjuntivo de verbos irregulares;

(ii) o futuro do conjuntivo sobressairia generalizadamente em orações condicionais introduzidas por *se*;

(iii) tal como nos dados dialectais do PE,<sup>5</sup> o presente do indicativo em PM ocorreria em condicionais hipotéticas em que, no PE padrão, ocorre o modo conjuntivo.

Com o objectivo de confirmar estas primeiras impressões sobre o futuro do conjuntivo em PM, e tendo em conta a escassez de dados naturais consistentes produzidos pela população universitária, procedemos à realização de *entrevistas orais* e

---

<sup>5</sup> Esta semelhança observou-se quando comparámos resultados dos dados do CORDIAL-SIN com os dados do PM, recolhidos nos *corpora* do PM do CLUL e da tese de Gonçalves (1990), no trabalho intitulado “A distribuição do futuro do conjuntivo nos dialectos do PE”, realizado no âmbito do Seminário de Linguística Comparada (Mestrado em Linguística 2009-2010).

de *testes escritos de elicitación*<sup>6</sup> que permitiram criar uma base de dados específica para este trabalho. Quer as entrevistas orais quer os dados escritos de elicitación tiveram como objectivos analisar:

- (i) a distribuição do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais introduzidas por *se*;
- (ii) a distribuição do futuro do conjuntivo em estruturas temporais introduzidas por *quando* com valor simultaneamente temporal e condicional;
- (iii) a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no que se refere à morfologia flexional.

A opção por dados de diferentes tipos (orais e escritos; espontâneos, provocados e de juízo de gramaticalidade) encontra fundamentação no pressuposto de que quanto mais representativos e diversificados forem os dados melhor permitem captar e compreender os fenómenos que se pretende estudar.<sup>7</sup> Esta ideia está presente em vários trabalhos. Sinclair (1996), por exemplo, defende que o *corpus* de língua falada corrido em paralelo com o *corpus* de língua escrita permite fornecer evidências gerais sobre a gramática, o léxico, a fraseologia e o estilo de uma língua. Efectivamente, ao recolhermos dados de produção oral espontânea através de *entrevistas*, partimos do princípio de que, como é consensualmente entendido na literatura, os dados produzidos oralmente reflectem com maior exactidão o conhecimento espontâneo e intuitivo da língua-alvo: “Uma quantidade substancial de dados provenientes de língua falada, em especial gravações de conversas espontâneas entre pessoas, é encarada como uma das mais ricas fontes de conhecimento” (Sinclair 1996: 81). Quanto à realização de *testes de elicitación*, apoiámo-nos na ideia de que estes permitem, por um lado, “elicitar certos aspectos que o pesquisador queira testar” (Seliger & Shohamy 1989:177),<sup>8</sup> e, por outro, obter um *corpus* robusto com as estruturas que são alvo de análise e que, mesmo sendo

---

<sup>6</sup> Usamos este termo para nos referirmos, no caso específico deste trabalho, aos testes escritos de produção provocada e de juízo de gramaticalidade aplicados ao nosso público-alvo com o propósito de elicitar as construções em estudo.

<sup>7</sup> Tem sido frequentemente notado que “a variação é desejável para que os resultados não sejam alterados pela homogeneidade do *corpus*” Reis (2006:43).

<sup>8</sup> E apoiámo-nos ainda, na mesma linha, na opinião de Thornton (1998:79) de que “The elicited production methodology is appropriate for evaluating scientific hypotheses”.

conhecidas pelos falantes, podem não ocorrer nas produções espontâneas (Thornton 1998: 78-79; Espada 2009:44).<sup>9</sup>

Assim, a base empírica principal deste estudo é constituída por um *corpus* oral, obtido através de entrevistas feitas a 34 informantes com diferentes níveis de escolaridade, e um *corpus* escrito, obtido através de um teste de produção provocada e de um teste de juízo de gramaticalidade realizados junto de 23 estudantes universitários moçambicanos. O estudo conta, adicionalmente, com dois *corpora escritos*, recolhidos em contexto de Português L1, um obtido através de uma tarefa de produção provocada (a mesma aplicada aos estudantes moçambicanos) realizada junto de 19 estudantes universitários portugueses, falantes de português L1, e outro obtido através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade junto de 10 falantes do PE, todos eles linguistas. Nas secções seguintes, serão fornecidas mais informação sobre os *corpora*.

## **1.2. O *corpus* oral**

### **1.2.1. Caracterização da amostra**

Tendo como objectivos a obtenção de dados de língua falada para o presente estudo e o alargamento de *corpora* do PM do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), identificámos e entrevistámos 34<sup>10</sup> sujeitos com perfis diferentes quanto ao nível de escolaridade, à idade, à profissão, à(s) língua(s) materna(s) e à língua que é usada mais frequentemente nas interações verbais quotidianas. Veja-se o Quadro 1,<sup>11</sup> que constitui uma versão sintetizada dos dados sociolinguísticos dos informantes, dados que são apresentados em versão mais detalhada no Anexo 5.

---

<sup>9</sup> Sobre as vantagens de tarefas de eliciação, sobretudo a de produção provocada, veja-se a seguinte citação de Thornton (1998:79) “it enables the experimenter to evoke sentences corresponding to complex syntactic structures, ones that occur only rarely”.

<sup>10</sup> Estes sujeitos foram entrevistados nas suas instituições académicas (Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e Universidade Pedagógica), em suas casas (por serem vizinhos e conhecidos do entrevistador) ou nos seus locais de trabalho (na UEM, lojas, etc.).

<sup>11</sup> Quadro inspirado em Gonçalves & Siopa (2005).

Quadro 1: Caracterização da amostra – dados espontâneos

VARIÁVEL		N.º	%
GÉNERO	Masculino	20	58,8
	Feminino	14	41,1
IDADE	15-24	7	20,5
	25-45	20	58,8
	+ 45	7	20,5
PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	Estudante/Trab./Est.	18	52,1
	Outras tarefas	17	47
GRAU DE ESCOLARIDADE	3 <sup>a</sup> -7 <sup>a</sup> (Nível Primário)	4	11,7
	8 <sup>a</sup> -10 <sup>a</sup> (Nível Básico)	10	29,4
	11 <sup>a</sup> -12 <sup>a</sup> (Nível Médio)	16	47
	Bacharel/Licenciado	4	11,7
LÍNGUA MATERNA	Português	14	41,1
	Língua Bantu	20	58,8
LÍNGUA DE USO CORRENTE	Português	20	58,8
	Língua Bantu/Português	11	31,4
	Língua Bantu/Port./LE	3	8,8

Resumidamente, do perfil sociolinguístico dos informantes entrevistados, concluímos que, relativamente à variável *género*, 58,8% dos inquiridos são do género masculino e 41,1%, do sexo oposto.

No que se refere à variável *idade*, mais da metade da população (58,8%) está na faixa etária jovem adulta entre 25 e 45 anos, e a restante população distribui-se entre uma população jovem com uma idade compreendida entre os 20 e os 24 anos (20,5%) e uma população adulta com mais de 45 anos (20,5%).

Relativamente à variável *profissão* ou *ocupação*, cerca de metade dos inquiridos (52,9%) são estudantes ou estudantes/trabalhadores<sup>12</sup>. Os restantes (47%) são exclusivamente trabalhadores, e exercem actividades distintas, tais como as de sapateiro, guarda, assistente de limpeza, de bar e de loja, segurança, músico, empregado de comércio e secretariado.

Quanto ao grau de *escolarização*, os informantes com o nível mais alto possuem formação superior (bacharelato ou licenciatura) e os que se situam no nível mais baixo têm entre a 3<sup>a</sup> e a 4<sup>a</sup> classes. Os informantes com nível médio – 12<sup>a</sup> classe concluída –

<sup>12</sup> São, essencialmente, professores, seguranças, bibliotecários, assistentes de limpeza e assistentes administrativos.

são a maioria (47%), comparativamente aos níveis primário (11,7%), básico (29,4%) e superior (11,7%).

De acordo com os dados recolhidos, a maioria dos informantes respondeu que a sua língua materna (L1) é uma das seguintes línguas moçambicanas: Changana, Ronga, Matshwa, Chope, Sena e Nyungwé. O Português é a L1 de 41,1% dos sujeitos.

A maioria dos informantes usa normalmente a língua portuguesa como meio de comunicação nas interacções do quotidiano (58,8) e os restantes afirmaram que usam sistematicamente o Português e uma das línguas bantu (31,4%), ou ainda o Português, uma das línguas bantu e uma língua estrangeira (Inglês ou Francês).

A amostra constituída é uma amostra de “conveniência” (Carmo & Ferreira 1998), não probabilística, seleccionada de acordo com a conveniência do investigador e de acordo com os objectivos do trabalho.

### 1.2.2 . Materiais e procedimentos

A recolha dos dados orais teve lugar na cidade de Maputo (Moçambique) entre os meses de Agosto e Outubro de 2010. Os dados foram registados através de um gravador digital de marca e modelo Tascam HD-P2, com dois microfones da marca e modelo Shure Beta 53, unidireccionais, correspondentes a um equipamento *padrão corrente*, definido como aquele capaz de fazer gravações digitais que podem ser processadas pelo computador (cf. Sinclair 1996:83).

Para as diferentes fases<sup>13</sup> da constituição do *corpus* de língua falada – preparação, condução e tratamento das entrevistas – foram relevantes as experiências anteriores de Gonçalves (1990) e Bacelar do Nascimento *et al.* (1987), cujos princípios foram seguidos no presente trabalho. As entrevistas foram conduzidas pelo investigador e variam entre vinte minutos e uma hora e trinta minutos de conversa, num total de cerca de 26 horas. As gravações foram realizadas individualmente, com cada um dos falantes previamente identificados. Procurou-se que a situação coloquial fosse o mais natural possível, que as entrevistas fossem, sempre que possível, num ambiente conhecido do

---

<sup>13</sup> Definidas por Sinclair (1996:82) como sendo três: *prévia à gravação*, na qual os objectivos se encontram articulados, e deles derivam as especificações do tipo de gravação pretendido; *fase de gravação*, durante a qual se planeia e se controla a gravação, e *posterior à gravação*, na qual se definem os critérios de transcrição e se efectua a mesma.

entrevistado (em casa ou no local de trabalho ou de estudo); que os estímulos fossem o mais diversificados possível, e foi dada uma máxima liberdade discursiva ao entrevistado (cf. Bacelar do Nascimento 1987:13). Assim, os locais de entrevistas foram combinados previamente entre o investigador e o entrevistado; dado o perfil dos falantes, as entrevistas decorreram, na sua maioria, em salas de aula ou em gabinetes da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da UEM. Decorreram em ambiente calmo, na maioria das vezes em espaços fechados, com o mínimo de interferência de ruídos que pudessem prejudicar a qualidade técnica da gravação, e sem muita movimentação de pessoas para não distrair ou intimidar os entrevistados.

Antes do início da entrevista, foram dados a conhecer ao entrevistado os objectivos da entrevista: *investigação sobre o Português falado em Moçambique (e não, por exemplo, análise da sua forma individual de falar Português)* (Gonçalves 1990) e, em particular, recolha de dados para a investigação em Linguística Aplicada no âmbito da formação do investigador no mestrado. No final da entrevista, cada entrevistado assinou opcionalmente uma declaração de autorização com o seguinte teor:

*Declaro autorizar, sem contrapartidas, a gravação da minha voz, a transcrição ortográfica, o eventual tratamento do som e da transcrição e a publicação dos resultados para fins científicos e pedagógicos.*

Relativamente aos procedimentos de gravação e tendo em vista os objectivos desta pesquisa e futuros trabalhos sobre as propriedades linguísticas das diferentes áreas da gramática do PM (Sintaxe, Morfologia, Semântica, Fonética, Fonologia, etc.), foram formuladas perguntas que permitissem aos informantes produzir espontaneamente enunciados longos, tendo o papel do entrevistador sido reduzido ao mínimo. Assim sendo, as entrevistas foram semi-estruturadas com dois grupos de perguntas: (i) as perguntas iniciais, de resposta breve e formuladas com o intuito de motivar a conversa e permitir a rápida adaptação do entrevistado ao equipamento de gravação, orientavam-se para a obtenção do perfil sociolinguístico do informante (*nome, morada, idade, local de nascimento, profissão, língua materna, conhecimento de línguas*, entre outras informações); (ii) as restantes questões orientavam-se para tópicos como *autobiografia*

*do entrevistado, custo de vida no país, estado do país, dia-a-dia, o crime, corrupção, culinária, educação, desporto, doença, sonhos, planos, cultura, música moçambicana*, entre outros, temas livres que, geralmente, variaram de acordo com os interesses e os perfis dos entrevistados.

Para garantir a emergência de formas do futuro do conjuntivo e/ou do presente do indicativo, principalmente em temporais e condicionais, foi necessário provocar o seu uso em algumas entrevistas, pedindo-se aos informantes que iniciassem as suas frases por *se* ou *se não* ou por *quando* ou *quando não*; o que permitiu obter frases como as que se apresentam em (5):

- (5) a. Se não vou correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos. (JR41)<sup>14</sup>
- b. Se tivermos tempo, domingo iremos à Igreja. (AJ65)
- c. Este fim de semana, quando eu estiver em casa, hei-de me ocupar a fazer encomendas. (NC62)

Foi, ainda, sugerido aos informantes que apresentassem alternativas a uma situação por eles exposta, imaginando que esta não pudesse acontecer como planeado, por algum imprevisto. Seguem-se alguns exemplos ilustrativos dos resultados obtidos com esta sugestão:

- (6) a. Se não tiver repolho, preparo assim. (ALAC40)
- b. Amanhã irei a Facim independentemente do que for a acontecer. (LFM49)

Também foi solicitado que usassem determinados verbos numa frase por eles inventada ou sugerida pelo entrevistador, de acordo com a seguinte instrução:

*Imagine que vai sair este fim de semana, vai ao cinema e não ao teatro ou à piscina... Comece a sua frase por se ou por quando. Por exemplo: Se não (usando o verbo ir) cinema, este fim de semana, irei ao teatro.*

As frases, em (7), são exemplos de dados obtidos a partir da instrução referida:

---

<sup>14</sup> Código do informante que produziu a frase. Este código permite identificar o sujeito no *corpus* recolhido. Sobre os critérios de codificação, ver o último parágrafo desta secção.

- (7) a. Se não for à piscina, vou ao teatro. (D44)  
b. Este fim de semana, se eu não ver filme, hei-de sair com a família.  
(DBL60)

Finalmente, pediu-se, por vezes, a entrevistados estudantes que formulassem hipóteses sobre um trabalho de pesquisa começando por *se* ou *quando*:

- (8) Se os agricultores forem formados, terão melhor produtividade. (D44)

### 1.2.3 . Tratamento dos dados

Após a recolha de dados, procedeu-se à sua transcrição. Começou-se por ouvir na íntegra as 34 entrevistas, ao que se seguiu a transcrição ortográfica de todos os contextos de ocorrência do futuro do conjuntivo (cf. (9)) e do infinitivo flexionado como forma alternativa ao futuro do conjuntivo (cf. (10)), dado que a nossa intuição inicial era a de que os falantes usavam esta forma em contextos de futuro do conjuntivo.<sup>15</sup>

- (9) a. Quando o dia *chegar*, vai acontecer. (NZC39)  
b. Se ele *quiser beber*, deixo. (ALAC40)  
c. Gostava de dar valor o que *tiver* na altura. (EG64)
- (10) a. Quanto mais haver saúde, lá para frente vou. (ASS47)  
b. Os profissionais que terem que estar lá, têm que ser profissionais de verdade. (CFM54)  
c. Se você fazer isso, eu vou entregar o relatório. (AN56)

Foram ainda transcritas todas as frases que na oração adverbial condicional, como em (11), e na adverbial temporal com valor simultaneamente de temporal e condicional, como em (12), ostentavam formas verbais no presente ou no futuro perifrástico do indicativo, também pelo facto de estas formas terem sido inicialmente

---

<sup>15</sup> A transcrição ortográfica é defendida como consideravelmente suficiente para uma análise vocabular ou sintáctica da língua (cf. Bacelar do Nascimento 1987:51). Sobre as normas de transcrição de *corpora* oral, veja-se Bacelar do Nascimento (1987: 42-51).

identificadas em produções que motivaram este trabalho de investigação (cf. secção 1.1).

- (11) a. Se eu te **levo** para Lichinga, vais encontrar pessoas que falam Português de maneiras diferentes. (NZC39)  
b. Se não **vou correr** nas manhãs, estou com (*um*) grupo de amigos. (JR41)
- (12) a. Quando os pais não **se entendem**, não há-de haver boa harmonia. (MIM37)  
b. Quando não **queremos** fazer aquilo ali, pôr na água cozinhar. (AN56)  
c. O governo quando **aumenta** salários, os investidores triplicam os preços. (R46)

Para a constituição do *subcorpus* de frases temporais com o presente do indicativo que fossem relevantes para esta pesquisa, isto é, que ostentassem o valor de temporais e condicionais, fizemos apelo, como critério principal, à possibilidade de substituição do operador *quando* pelo operador *se* com manutenção da gramaticalidade (cf. (13)), permitindo excluir todos os casos como os ilustrados em (14), em que é veiculado apenas o valor temporal.

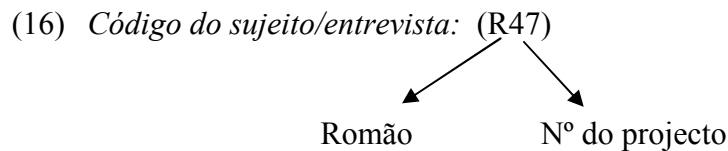
- (13) a. {Quando/ Se} os pais não **se entendem**, não há-de haver boa harmonia. (MIM37)  
b. {Quando/ Se} **precisam** de mim, eu estou presente. (NC62)
- (14) a. {Quando/??Se} ele **morre**, morre nas mãos da primeira mulher. (AB68)  
b. De manhã, {quando/??se} eu **saio** para a faculdade, ele está lá a dar aulas. (DBL60)  
c. {Quando/?? Se} **estamos** no campo, existem zonas secas e férteis. (AJ65)

Em temporais introduzidas por *quando*, foi ainda necessário seleccionar apenas aquelas em que o presente do indicativo assume o valor de presente (incluindo o valor

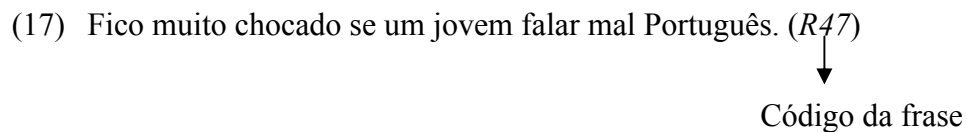
genérico),<sup>16</sup> de modo a excluir todos os casos de ocorrência de presente com valor de passado, como em (15), em que a temporal não tem interpretação condicional.

- (15) a. Quando **começamos a ir** à escola, minha mãe aparecia. (DBL60)
- b. Quando **volta** para Tete, teve contacto com a minha mãe. (AG61)
- c. Quando **termino** o ensino básico, ingresso no Seminário. (NAWM38)
- d. Quando **reparo** no chão, vejo a bota colonial. (AN56)

Na linha de vários trabalhos com *corpora* orais (cf. Gonçalves 1990, Bacelar do Nascimento *et al.* 1987, e.o.), atribuímos a cada inquirido um código (o mesmo da entrevista), constituído por letras maiúsculas que correspondem às iniciais dos nomes dos entrevistados,<sup>17</sup> seguidas de um número, que corresponde ao número do projecto de gravação, atribuído automaticamente pelo aparelho usado nas gravações (cf. 16).



Garantimos, assim, a autonomia e a localização da entrevista, a possibilidade de a manipular isoladamente e a localização das frases dos sujeitos. Por esta última razão, às frases utilizadas neste trabalho atribuímos o código da entrevista (cf. (17)).



---

<sup>16</sup> Transcrevemos todas as frases em que o presente foi usado com valor genérico para expressar factos habituais:

- (i) Quando as pessoas **estudam**, preferem seguir o padrão europeu. (DBL60)
- (ii) Quando as pessoas **alimentam-se**, não pensam muito na maldade. (MIM37)

<sup>17</sup> Este procedimento é inspirado na codificação dos informantes dos *corpora* do projecto *A Competência em Português dos Estudantes Universitários em Moçambique* do Departamento de Línguas da UEM, coordenado pela Professora Doutora Perpétua Gonçalves.

### **1.3. Os *corpora* escritos: testes de produção provocada e de juízo de gramaticalidade**

Como se referiu anteriormente, os testes de produção provocada e de juízo de gramaticalidade permitem elicitar estruturas linguísticas que o investigador quer testar, sobretudo quando estas podem não ocorrer ou ocorrem apenas esporadicamente na produção espontânea. Deste modo, para obter informação sobre a distribuição e a expressão do futuro do conjuntivo em condicionais e em temporais numa situação diferente da produção oral espontânea, aplicámos a estudantes universitários moçambicanos (nossa população principal) dois testes de elicitación, um de *produção provocada* e outro de *juízo de gramaticalidade*, através dos quais se espera que os falantes reflectam acerca do funcionamento das regras gramaticais, como é próprio do modo escrito. Mais tarde, a fim de descrevermos a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em PE, aplicámos o teste de produção provocada a uma amostra de 19 estudantes universitários portugueses, e desenhámos e aplicámos um outro teste de juízo de gramaticalidade a 10 falantes do PE.

#### **1.3.1. Caracterização da amostra**

Os testes de elicitación foram aplicados a três grupos diferentes: um grupo de estudantes universitários moçambicanos a frequentar o 1º ano da licenciatura em Ensino de Português da FLCS da UEM; um grupo de estudantes universitários portugueses a frequentar o 1º ano da licenciatura em Ciências da Linguagem do Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e um outro grupo de falantes do PE, todos eles linguistas.

Relativamente à população universitária moçambicana, de uma média de 27 sujeitos submetidos a cada um dos testes escritos (tarefa de produção provocada e juízo de gramaticalidade), foram apurados 23<sup>18</sup> informantes, 17 do género masculino e 6 do género feminino. No que respeita ao perfil sociolinguístico destes informantes e no que diz respeito à variável *idade*, verifica-se que cerca de 60,8% dos informantes estão numa

---

<sup>18</sup> A não inclusão de 4 sujeitos tem que ver com o facto de estes não terem participado dos dois testes.

faixa atípica da população universitária a frequentar o primeiro ano, isto é, acima dos 25 anos, estando os restantes 39,1% na idade esperável (20-24 anos).

Relativamente à *L1*, 60,8% dos sujeitos afirmaram que têm como L1 uma língua bantu (Changana, Ronga, Xitshwa, Echuwabo e Macua), tendo os restantes o Português como sua L1.

Quanto à *língua de comunicação*, a maioria dos informantes respondeu que usa uma ou duas línguas bantu e o Português (73,9%) para comunicar no dia-a-dia. Os outros declararam usar sistematicamente uma ou duas línguas bantu e uma língua estrangeira (Inglês ou Francês), e apenas um informante usa somente o Português como língua de interacção em situações do quotidiano.

O ambiente familiar (casa) e a escola continuam a ser os contextos mais privilegiados de aprendizagem da língua portuguesa em Moçambique. No entanto, pelo facto de o Português ser L2 para a maioria da população moçambicana, a escola continua a ser o local privilegiado de aprendizagem desta língua para a maioria dos falantes que constituem a amostra deste estudo, conforme se pode observar pelos resultados dos inquiridos: 60,8% afirmam ter aprendido o Português na escola e os restantes 39,1% afirmam ter aprendido o Português em casa.

O Quadro 2 sintetiza a informação sociolinguística sobre os informantes moçambicanos que produziram os dados escritos deste estudo.

Quadro 2: Perfil sociolinguístico dos sujeitos do PM

VARIÁVEL		N.º	%
GÉNERO	Masculino	17	73,9
	Feminino	6	26,1
IDADE	20-24	9	39,1
	25-40	14	60,8
LÍNGUA MATERNA	Português	9	39,1
	Língua Bantu	14	60,8
LÍNGUA DE USO CORRENTE	Português	1	3,4
	Língua Bantu/Português	17	73,9
LOCAL DE APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS	Língua Bantu/Port./LE	5	21,7
	Casa	14	60,8
	Escola	9	39,1

Quanto à população universitária portuguesa, foram submetidos ao teste escrito de produção provocada 19 sujeitos cuja língua materna é o PE, sendo 13 do género feminino e os restantes (7) do género masculino. À excepção de dois informantes, um com 37 e outro com 39 anos, a idade dos sujeitos oscila entre os 17 e os 24 anos, sendo a maioria (13 informantes) os que têm entre os 17 e os 18 anos de idade.

Por fim, o último grupo de sujeitos a que, adicionalmente, se recorreu neste trabalho, devido à necessidade de tornar mais fina a descrição do futuro do conjuntivo no PE, e testar a adequação da descrição em aspectos particulares, são 10 falantes do PE, todos eles linguistas (doravante, *grupo de controlo* do PE).

### 1.3.2. Material e procedimentos no teste de produção provocada

O teste de produção provocada (cf. Anexo 3) é constituído por 45 frases, das quais 17 são distractoras.<sup>19</sup> A tarefa solicitada aos informantes consistiu em preencher os espaços em branco com uma forma adequada dos verbos apresentados entre parênteses, tendo sido dada a seguinte instrução:

*Preencha os espaços vazios com a forma adequada dos verbos que se encontram entre parênteses*

Em (18), apresentamos, a título ilustrativo, um conjunto de frases fornecidas aos informantes:

- (18) a. Se o casal não \_\_\_\_\_ (ter) filhos, poderá adoptá-los.
- b. Precisamos de mil paus para \_\_\_\_\_ (ir) à discoteca.
- c. Quando \_\_\_\_\_ (dar) 12 horas, feche as portas da loja.

Neste teste, as frases que constituem o objecto deste estudo são num total de 28, distribuídas aleatoriamente em 19 condicionais e 9 temporais.<sup>20</sup> Assim, no que respeita

---

<sup>19</sup> Nas frases distractoras, os contextos frásicos admitiam o verbo no infinitivo flexionado e não flexionado, no presente e no futuro do conjuntivo, no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito do indicativo.

<sup>20</sup> A diferença entre o número de condicionais e o de temporais testadas decorre do facto de, inicialmente, o nosso objectivo se limitar à análise das primeiras. Contudo, ao analisarmos os resultados globais do teste de produção provocada, constatámos que os resultados em temporais eram interessantes, por isso decidimos alargar o estudo a essas estruturas. No entanto, a diferença não influenciará os

às frases condicionais, foram fornecidas frases que poderiam corresponder a condicionais hipotéticas (cf. (19)) e a condicionais factuais (cf. (20)).<sup>21</sup>

- (19) a. Se eles tchovarem (tchovar), o carro pega.<sup>22</sup>  
b. Se as crias forem (ser) fêmeas, ganhamos com isso.
- (20) a. Se o canhoeiro é (ser) uma árvore, então pertence ao reino vegetal.  
b. Se estás (estar), com babalaza, bebe uma Coca.<sup>23</sup>

A maioria das frases condicionais apresenta na prótase uma forma verbal flexionada no presente, no futuro do indicativo ou no imperativo, como pistas sintácticas para a flexão do verbo na apódose, tal como mostram os exemplos:

- (21) a. Se eles \_\_\_\_ (tchovar), o carro pega.  
b. Se o casal não \_\_\_\_ (tiver) filhos, poderá adoptá-los.  
c. Se tu \_\_\_\_ (vir) a Inhambane, não deixes de ir ao Tofo.

Quanto às frases temporais, são introduzidas pelo conector *quando* e podem ter associados ao valor temporal os valores hipotético (cf. (22)) ou factual (cf. (23)).<sup>24</sup>

- (22) a. Quando nós irmos (ver) o Paulo, diremos o necessário.  
b. Quando tu terminares (terminar) o trabalho, desliga o computador.

---

resultados, dado que a análise das duas estruturas será feita separadamente e os resultados apresentados, do ponto de vista quantitativo, serão relativos a cada tipo de estrutura e não absolutos

<sup>21</sup> No entendimento de que uma condicional é factual quando o “conteúdo das duas proposições se verifica no mundo real, no intervalo de tempo relevante” (Brito 2003:706). Já em condicionais hipotéticas, a condição remete para um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação (Brito, *idem*:707), estando “aberta a possibilidade de o antecedente ser verdadeiro” Marques (2001:333).

<sup>22</sup> No teste aplicado aos falantes do PM, usaram-se itens lexicais específicos desta variedade, de forma a tornar as frases mais naturais para os falantes. Assim, *tchovar* é equivalente a *empurrar* em PE.

<sup>23</sup> *Babalaza* = *Ressaca*

<sup>24</sup> Sobre esta questão, estruturas temporais com valor temporal e condicional, veja-se Brito (2003).

- (23) Quando está (estar) mau tempo, os barcos não circulam na baía de Inhambane.

As frases apresentam, na raiz, tempos verbais no futuro do indicativo e no imperativo (cf. (22)), bem como no presente do indicativo (cf. (23)).

Os verbos seleccionados para a produção escrita provocada distribuem-se por dois grupos: verbos regulares na flexão do futuro do conjuntivo, como *matrecar*, *divulgar*, *tchovar*, *chover*, *terminar* e *atingir*, e verbos irregulares na flexão do mesmo tempo/modo, como *ter*, *pôr*, *vir*, *haver*, *ser*, *dispor*, *dizer*, *estar*, *querer*, *ir*, *dar* e *ver*.<sup>25</sup>

O teste foi aplicado à turma seleccionada (da FLCS da UEM) na parte inicial de uma das aulas da disciplina de Língua Portuguesa.<sup>26</sup> O teste foi aplicado pelo investigador e teve a duração de 25 minutos. Antes do início da realização do teste, demos a conhecer os seus objectivos, como aconteceu relativamente às entrevistas orais. De seguida, instruímos os informantes sobre o preenchimento da parte inicial do teste, referente a dados sociolinguísticos, e sobre a tarefa que lhes era solicitada. Nas mesmas condições, mas com algumas alterações ao nível lexical (cf. nota 25), o mesmo teste (vide Anexo 2) foi aplicado a estudantes universitários portugueses.<sup>27</sup>

### 1.3.3. Material e procedimentos no teste de juízo de gramaticalidade

Assumindo, como afirmam muitos autores, que a tarefa de juízo de gramaticalidade permite aceder com maior fidelidade ao conhecimento intuitivo dos falantes (cf. Duarte 2009), bem como a ideia de que o comportamento dos falantes em tarefas de produção pode não coincidir com o seu comportamento em tarefas de juízo de gramaticalidade, construímos e aplicámos à população moçambicana que respondeu ao teste de produção provocada o teste de juízo de gramaticalidade.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> No teste aplicado aos sujeitos do PE, utilizámos o verbo *avariar* em vez de *matrecar*, e o verbo *empurrar* em vez de *tchovar*.

<sup>26</sup> Agradecemos ao doutor Carlito Companhia, professor desta disciplina, por ter aceitado que eu aplicasse o teste numa parte da sua aula.

<sup>27</sup> Agradecemos igualmente à Professora Madalena Colaço por ter permitido fazermos a recolha de dados junto de estudantes portugueses durante a parte inicial da sua aula.

<sup>28</sup> Este teste foi aplicado apenas à nossa população-alvo principal, estudantes universitários moçambicanos.

O teste de juízo de gramaticalidade é constituído por 10 grupos de frases; ao informante era solicitado que seleccionasse, de entre três frases, aquela que considerava correcta, para o que demos a seguinte instrução:

*Das frases apresentadas em cada grupo, marque com uma cruz (X) a que lhe parece correcta.*

Em (24), apresentamos, a título ilustrativo, um conjunto de frases fornecido aos informantes.

- (24) a. Se pores o metal ao lume, ele derrete. [ \_ ]  
b. Se pões o metal ao lume, ele derrete. [ \_ ]  
c. Se puseres o metal ao lume, ele derrete. [ \_ ]

Nesta tarefa, em cada grupo de frases ocorriam três frases com o mesmo tempo verbal na raiz (futuro do indicativo, presente do indicativo ou imperativo) e três tempos verbais diferentes na encaixada de cada frase, isto é, uma frase com futuro do conjuntivo, uma com infinitivo flexionado e uma com presente do indicativo. Cada grupo de frases correspondia a um tipo preferencial de condicional – com valor hipotético (cf. (25)) ou com valor factual (cf. (26)) – e a um tipo preferencial de temporal – com valor condicional hipotético (cf. (27)) ou com valor condicional factual (cf. (28)).

- (25) a. Se ela nos dar muita grana, não é kakata. [ \_ ]  
b. Se ela nos der muita grana, não é kakata. [ \_ ]  
c. Se ela nos dá muita grana, não é kakata. [ \_ ]

- (26) a. Se pores o metal ao lume, ele derrete. [ \_ ]  
b. Se pões o metal ao lume, ele derrete. [ \_ ]  
c. Se puseres o metal ao lume, ele derrete. [ \_ ]

- (27) a. Quando temos tempo, beberemos um copo. [ \_ ]  
b. Quando tivermos tempo, beberemos um copo. [ \_ ]  
c. Quando termos tempo, beberemos um copo. [ \_ ]
- (28) a. Quando faz muito calor, as pessoas ferram<sup>29</sup> tarde. [ \_ ]  
b. Quando fizer muito calor, as pessoas ferram tarde. [ \_ ]  
c. Quando fazer muito calor, as pessoas ferram tarde. [ \_ ]

Na tarefa de juízo de gramaticalidade, seleccionámos um subconjunto dos verbos testados na tarefa de produção provocada, nomeadamente *ter, fazer, dar, estar, ser, ver, vir, ir, pôr e haver*, distribuídos em 5 frases condicionais e em 5 frases temporais.

O teste de juízo de gramaticalidade foi aplicado pelo investigador à turma do 1º ano do curso de licenciatura em Ensino de Português da FLCS da UEM que tinha respondido ao teste de produção provocada, no início de uma das aulas de Língua Portuguesa, duas semanas após a realização do primeiro teste. No próprio dia, antes do teste, foram recordados os objectivos desta recolha e foi explicada a actividade em causa. A aplicação do teste teve a duração de 20 minutos.

Para finalizar, importa referir o modelo de teste de juízo de gramaticalidade aplicado ao grupo de controlo do PE (veja-se Anexo 1).<sup>30</sup> A tarefa que se aplicou aos 10 linguistas portugueses era composta por 19 grupos de frases condicionais, em relação às quais os sujeitos deviam emitir os seus juízos de gramaticalidade. Cada grupo integrava duas frases, em que, na apódose, ocorria ou o futuro do conjuntivo ou o presente do indicativo. Apresentam-se, de seguida, a instrução dada aos informantes e uma ilustração das frases fornecidas (29).

*Por favor, indique os seus juízos de gramaticalidade relativamente às frases (1) a (19), marcando-as com “ok”, “?” (aceitável mas pouco natural, ou marginal) ou “\*” inaceitável/agramatical)*

---

<sup>29</sup> Isto é: *dormem*.

<sup>30</sup> As razões por que se desenhou e se aplicou um teste a linguistas portugueses são apresentadas no capítulo seguinte.

- (29) a. Se o casal não tiver filhos, poderá adoptá-los.  
b. Se o casal não tem filhos, poderá adoptá-los.

#### **1.3.4. Tratamento dos dados escritos**

Após a realização das tarefas de produção escrita provocada e de juízo de gramaticalidade, as respostas dadas pelos inquiridos foram introduzidas numa base de dados em *word*. Para cada tarefa, organizámos os resultados em grelhas em que, de um lado, colocámos o número da frase testada e, no outro, a resposta dada pelo inquirido. Por sua vez, em cada grelha (ou quadro) figuram resultados referentes a cada uma das estruturas testadas em cada tarefa, ou seja, um quadro com resultados das estruturas condicionais e um quadro com resultados em estruturas temporais.

No capítulo que se segue vamos debruçar-nos sobre *a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no PE*.

## ***2. A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no PE***

O Português é a única língua das várias de origem latina que mantém vivos até hoje os paradigmas morfológicos do futuro do conjuntivo ao nível dos tempos verbais.<sup>31</sup> De acordo com as produções linguísticas de falantes desta língua, incluindo as já devidamente descritas em diferentes trabalhos (cf. Cuesta & Luz 1971, Cunha & Cintra 1984, Bechara 1999, e. o.), as formas gramaticais do futuro do conjuntivo empregam-se em orações subordinadas adverbiais condicionais, temporais e conformativas, e em orações subordinadas relativas.

O objectivo central deste capítulo é descrever a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por *se* e em temporais introduzidas por *quando* no PE, tomando como base empírica principal dados escritos, obtidos através da tarefa de produção provocada aplicada a estudantes universitários portugueses, e considerando igualmente o que dizem as gramáticas e outra bibliografia.

Relativamente às orações temporais, os resultados obtidos na tarefa de produção provocada permitiram facilmente formular generalizações a respeito da distribuição do futuro do conjuntivo. Já no que diz respeito às condicionais, os resultados dessa tarefa apontavam para uma única generalização: a possibilidade de ocorrência quer do presente do indicativo quer do futuro do conjuntivo (apesar de este último ter sido mais frequentemente escolhido pelos sujeitos), sem que fosse possível identificar, com clareza, factores que pudessem determinar a preferência por uma ou outra das opções. Esta evidência implicou, para a melhor compreensão do tópico em análise e, conseqüentemente, melhor adequação da descrição da distribuição do futuro do conjuntivo, a recolha adicional de dados. Esses dados foram recolhidos através de teste de juízo de gramaticalidade aplicado a um grupo de 10 sujeitos.

---

<sup>31</sup> Segundo Holger Sten (*apud* Cuesta & Luz 1971:406) um dos traços genuínos da língua portuguesa é o seu carácter conservador, que, ao nível do verbo, se manifesta no facto de a sua configuração ser mais próxima da do verbo latino. No que diz respeito ao futuro do conjuntivo, o actual futuro simples do Português tem a sua origem no futuro perfeito do indicativo do latim (e. g., lat. *amaveris* > amares, lat. *debuerimus* > devermos) e o futuro composto resultará do futuro imperfeito do conjuntivo (actual futuro do conjuntivo simples) de *ter*, ou menos frequente de *haver*, mais o particípio passado dos verbos que se conjuga (Cuesta & Luz 1971).

Este capítulo é constituído por três secções principais: a 2.1, na qual procedemos à descrição da distribuição do futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas pelo operador *se*; a secção 2.2, que se ocupa da descrição da distribuição do futuro do conjuntivo em temporais introduzidas pelo operador *quando*; e a secção 2.3, dedicada à análise do infinitivo flexionado como forma supletiva do futuro do conjuntivo.

### **2.1. A distribuição do futuro do conjuntivo em orações condicionais introduzidas por *se***

Os dados do PE, recolhidos no âmbito deste trabalho, mostraram que não existe nenhuma restrição sintáctica à ocorrência, na oração encaixada de frase condicional, do futuro do conjuntivo ou do presente do indicativo, ou seja, que ambos os tempos verbais podem ocorrer nos mesmos contextos sintácticos ao nível das condicionais testadas.<sup>32</sup> Nos dados de produção provocada, os resultados revelam que os sujeitos flexionaram os verbos apenas no futuro do conjuntivo nas frases em (30). Salienta-se ainda que, nas restantes frases, os sujeitos, tomados em conjunto, flexionaram os verbos tanto no futuro do conjuntivo como no presente do indicativo, tendo, na maioria das frases, i.e., em 14 frases, de que as de (31) são alguns exemplos, preferido o futuro do conjuntivo, e em apenas 3 frases, o presente do indicativo (cf. (32)).

- (30) a. Se eles *empurrarem*, o carro pega. [13]<sup>33</sup>  
b. Os miúdos só podem ir às aulas, se os carros dos pais não *avariarem*. [25]
- (31) a. Se tu *vieres* para o Algarve, não deixes de ir à praia. [26]  
b. Se não *chover* neste trimestre, não semeamos nada. [40]

---

<sup>32</sup> Recorde-se que, do ponto de vista semântico, se defende na literatura que o conjuntivo (futuro) é obrigatório em condicionais com valor hipotético e o indicativo (presente) em condicionais reais ou factuais (cf. Brito 2003, Marques 1995 ou Duarte 1992). O que os dados empíricos mostram é que em geral a mesma frase admite duas leituras, hipotética e factual, tornando assim a ocorrência quer do futuro do conjuntivo quer do presente do indicativo possíveis.

<sup>33</sup> [13] = número da frase no teste de produção provocada. Este número permite visualizar facilmente os resultados dos sujeitos com relação à frase nos quadros de resultados apresentados nos anexos.

- (32) a. Se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]  
b. Se estás com ressaca, bebe uma água. [12]  
c. Se tu não queres trabalhar, fica em casa. [14]

Estes resultados permitem apenas mostrar qual foi a preferência dos sujeitos na tarefa de produção provocada em relação às condicionais e são pouco esclarecedores, do ponto vista sintáctico, no que se refere às motivações dessa preferência.

Globalmente, verifica-se que o futuro do conjuntivo é o tempo que ocorre com frequência mais alta no conjunto dos dados, como mostram os resultados quantitativos a seguir apresentados:

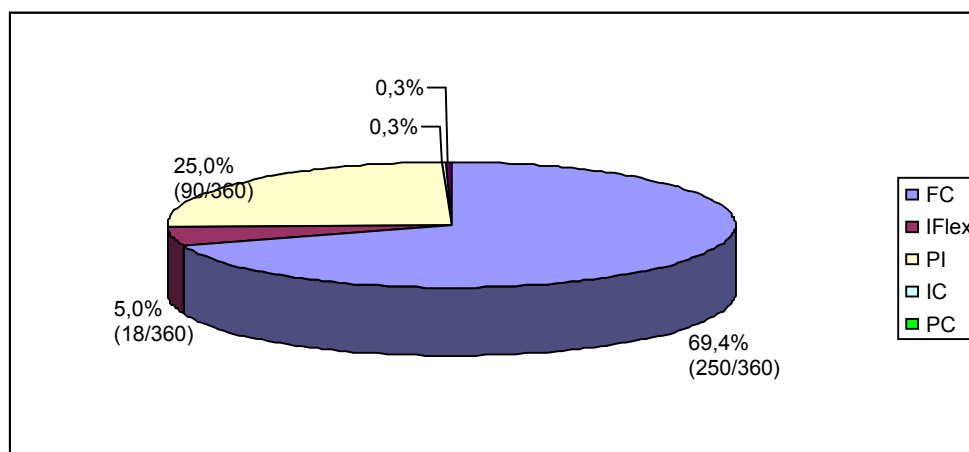


Figura 1: Resultados do teste de produção provocada em frases condicionais no PE

Efectivamente, e como se pode observar, os resultados revelam que houve uma maior preferência pelo futuro do conjuntivo, isto é, 69,4%. A seguir, estão as formas do presente do indicativo, com 25%. O infinitivo flexionado, no lugar do futuro do conjuntivo, aparece em 5% dos dados.<sup>34</sup> Por último, as formas verbais em valores residuais, nomeadamente, o imperfeito (0,3%) e o presente (0,3%) do conjuntivo.

<sup>34</sup> O infinitivo flexionado de verbos irregulares é uma forma supletiva do conjuntivo que decorre da mudança/variação lexical, tal como mostraremos mais adiante na secção 2.3. Por isso, consideram-se essas formas como fazendo parte das formas do futuro do conjuntivo na discussão dos resultados referentes ao uso deste tempo verbal. Quanto às formas do imperfeito e do presente do conjuntivo, identificámos apenas 1 ocorrência para cada tempo:

- (i) Se a cerejeira **fosse** uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]  
(ii) Se eles **empurrem**, o carro pega. [13]

Estes resultados não permitem, só por si, captar generalizações descritivas gramaticalmente significativas sobre a distribuição do futuro do conjuntivo no PE, o que se deve em larga medida à natureza da instrução da tarefa de produção provocada, que limitava os sujeitos à flexão dos verbos num único tempo verbal, à sua escolha (cf. Anexo 2). Por essa razão, desenhou-se uma outra tarefa que se aplicou a um outro grupo de falantes do PE, todos eles linguistas. A tarefa era constituída por grupos de duas frases condicionais, em relação às quais os sujeitos do grupo de controlo deviam emitir os seus juízos de gramaticalidade, sendo uma com o futuro do conjuntivo e a outra com o presente do indicativo, nas respectivas encaixadas (veja-se a secção 1.3.3., acima, e o modelo de tarefa no Anexo 1).<sup>35</sup> Os resultados deste grupo evidenciaram que, em geral, as frases são gramaticalmente aceites tanto com o futuro do conjuntivo como com o presente do indicativo. No entanto, houve falantes que consideraram agramatical ou marginal a frase (33), com o futuro do conjuntivo na encaixada. Foram também consideradas agramaticais ou marginais por alguns falantes certas frases com o presente do indicativo na encaixada, de que são exemplo as frases em (34).

(33) Se a cerejeira *for* uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]

(34) a. Se eles empurram, o carro pega. [13]

b. Os miúdos só podem ir as aulas, se os carros dos pais não avariam. [25]

Ao compararmos superficialmente estes resultados com os dos sujeitos da tarefa de produção provocada, observámos, desde logo, que existe alguma relação entre eles. Verifica-se, tomando por exemplos os casos em (33) e (34), que os sujeitos da tarefa de produção usaram preferencialmente o presente do indicativo na frase (33) – cerca de 80% (15/19) dos sujeitos testados –, sendo que a mesma frase foi considerada agramatical ou marginal com o futuro do conjuntivo por cerca de 60% (6/10) dos sujeitos do grupo de

---

<sup>35</sup> As frases sugeridas são as mesmas do teste de produção provocada. A escolha dos tempos futuro do conjuntivo e presente do indicativo no teste de juízo de gramaticalidade, como método de pesquisa sobre a distribuição sintáctica do futuro do conjuntivo, baseou-se, para além dos resultados da tarefa de produção provocada que apontavam para uma alternância possível destes tempos numa mesma frase relevante, na observação de Romero (1989:337), que considera que *o método máis elucidativo para difini-lo estatus modo-temporal dunha determinada forma do paradigma verbal é o estudio dos seus empregos en diferentes contextos sintácticos en oposición a outras formas verbais*.

controlo. Por outro lado, os sujeitos da tarefa de produção recorreram apenas ao futuro do conjuntivo nas frases de (34) – 100% (19/19) –, consideradas marginais com o presente do indicativo por cerca de 70% (7/10) dos informantes do grupo de controlo. Isto parece indicar que se pudermos estabelecer uma descrição adequada para os dados de julgamento, que, como se sabe, reflectem melhor o conhecimento gramatical dos falantes, poderemos explicar melhor os resultados observados na tarefa de produção provocada.

Assim sendo, e tendo em conta o contraste entre os exemplos apresentados em (33) e (34) no que diz respeito à preferência dos falantes por um dado tempo/modo verbal, colocámos a hipótese de uma das estratégias usadas para avaliar comparativamente a opção pelo presente do indicativo ou pelo futuro do conjuntivo ter sido a interpretação das frases tendo em conta factores de ordem semântica, tais como a genericidade, o grau de crença, a hipoteticidade, a factualidade, etc. Ora, de entre estes aspectos, considerámos que o que melhor permite captar generalizações relevantes do ponto de vista sintáctico é a *genericidade*.<sup>36</sup> Na subsecção seguinte, apresentamos as ideias essenciais sobre o conceito de *genericidade* que será fundamental para analisarmos a distribuição do futuro do conjuntivo em condicionais, tendo em conta o contraste com o presente do indicativo.

### 2.1.1. Sobre a genericidade

Na literatura, existem vários trabalhos sobre a *genericidade*. Tanto quanto sabemos, nas últimas décadas, este assunto tem sido amplamente trabalhado por Carlson, por Krifka e por Krifka e outros.

Em linhas gerais, uma frase genérica tem sido definida da seguinte maneira:

*"a generic sentence, is any sentence expressing a generalization and (...) the opposing category consists of episodic sentences, sentences which relate specific occurrences."* (Carlson 1995:1)<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Pesa igualmente a favor desta opção o facto de tomarmos como variáveis de pesquisa os tempos verbais presente do indicativo e futuro do conjuntivo. E, como se sabe, o presente do indicativo favorece a leitura ou a interpretação genérica das frases e o conjuntivo não.

<sup>37</sup> Note-se que Carlson 1988, defendia, na mesma linha, que uma frase genérica expressa uma regularidade, por exemplo, a generalização: *o sol nasce no leste*. A respeito de eventos que relatam um acontecimento particular, frases episódicas, das quais se inferem generalizações ao ocorrerem com certa regularidade, Carlson (2005) admite que sejam designadas também por iterativas que, segundo Payne (1997), citado por si, consistem na repetição de um acontecimento pontual, isto é, que acontece várias vezes em sucessão.

Em Carlson (2005), consideram-se frases genéricas a classe de frases episódicas em que ocorre uma pluralidade de eventos, as chamadas frases habituais, como (35b-c):

- (35) a. Mary and George ate oatmeal for breakfast. (Carlson 2005:1)  
b. Mary eats oatmeal for breakfast.  
c. Every day last week, Mary ate lunch at a restaurant. (Carlson 2005:2)

Por sua vez, Lopes (1992:1) considera que “frases genéricas expressam um estado de coisas habitual ou uma regularidade inferida a partir de situações ou estados episódicos”.<sup>38</sup> Na mesma perspectiva, Müller (2000) assume que frases genéricas são frases que exprimem regularidades ou leis gerais. Elas expressam generalizações sobre entidades, eventos ou estados.

De acordo com Krifka (2004:1), é consensualmente assumido na literatura sobre a genericidade que existem dois tipos de frases genéricas: *as frases caracterizadoras* (*characterizing statements*), que expressam generalizações sobre um conjunto de entidades (cf. (36)),<sup>39</sup> e *as frases de referência a tipo* (*ou espécie*) (*kind reference*), que envolvem referência a uma entidade que denota uma espécie ou tipo (cf. (37)).<sup>40</sup>

---

Entretanto, a diferença entre uma frase iterativa e genérica (ou habitual), dado que todas têm em comum a noção de repetição de eventos, é a seguinte: “iteratives expressly state repetition of events, whereas generics and habituals designate generalizations over repeated events” (Carlson 2005). O autor acrescenta que frases iterativas são não estativas e as genéricas e habituais são estativas.

<sup>38</sup> Sublinhado nosso.

<sup>39</sup> Para Oliveira (2003a:145), frases caracterizadoras correspondem a um tipo de frases genéricas (que usualmente surgem no presente). Ao caracterizarem um indivíduo, um conjunto de indivíduos ou uma espécie, essas frases são estativas, na medida em que são construídas na base de um certo número de ocorrências de um evento (ou regularidades), permitindo atribuir propriedades: *O João fuma. / Um leão pesa mais de 100 quilos.*

<sup>40</sup> A respeito destes dois tipos de genericidade, note-se, nos seguintes termos, as designações e definições de Müller (2003:4): “Recent literature on generics (see Krifka *et al.* 1995) highlights the existence of two distinct phenomena: (i) *kind-referring expressions* – expressions that directly denote kinds, such as the DP the telephone in (14), and (ii) *generically quantified sentences* – sentences under the scope of a covert generic quantifier, such as sentence (15).

(14) Graham Bell invented the telephone.

‘Graham Bell invented the kind telephone’

(15) Graham Bell sleeps after lunch.

‘Usually, if *s* is an after lunch situation, Graham Bell sleeps in *s*’

Ainda sobre este assunto, Krifka (2004:1) refere: “there are **mixed** cases, characterizing statements about the specimens of kinds:

The potato contains vitamin C.

‘For all/typical specimens of *Tuber tuberosum* *x*, *x* contains vitamin C.’

(36) A potato contains vitamin C. (Krifka 2004:1)  
‘For all/typical x: if x is a potato, x contains vitamin C.’

(37) The potato was first cultivated in South America. (Krifka 2004:1)  
‘The kind *tuber tuberosum* was first cultivated in South America.’

Esta tem sido a perspectiva de análise de Krifka em alguns dos seus trabalhos sobre a genericidade (cf. Krifka *et al.* 1995, Gerstner & Krifka 1993), nos quais se centra mais na análise do tipo de referência desencadeado por *NPs* sujeitos, como nas frases genéricas em (38), cujos *NPs* sujeitos não se referem a um objecto particular ou a elementos particulares de uma espécie.

- (38) a. *The lion* is a ferocious beast. (Gerstner & Krifka 1993:966)  
(*singular definite generic NP*)  
b. *A lion* is a ferocious beast.  
(*singular indefinite generic NP*)  
c. *The lions* are ferocious beasts.  
(*plural definite generic NP*)  
d. *Lions* are ferocious beasts.  
(*bare plural generic NP*)  
e. *Gold* is precious.  
(*bare singular generic NP*)

Já Carlson (1995, 2005) se centra na genericidade como efeito da repetição ou regularidade de um evento episódico. Neste trabalho, assumiremos, pela natureza dos nossos dados – frases condicionais e temporais que permitem, através do uso de presente do indicativo, inferir a leitura de eventos iterativos ou habituais – essa perspectiva, segundo

a qual uma frase genérica ou habitual expressa generalização, regularidade ou repetição de eventos (cf. Carlson 2005).<sup>41</sup>

A ideia central que norteia a proposta de Carlson (2005) é a de que as frases genéricas ou habituais se caracterizam por ser *estativas*, derivadas de frases não estativas, e, como *estativas*, elas observam a propriedade de sub-intervalo de tempo, na acepção de Dowty (1979). A partir daqui, defende-se que se a frase habitual é verdadeira num determinado período de tempo, a mesma frase (genérica ou habitual) é também verdadeira em qualquer dos intervalos desse período de tempo, ainda que não seja em todos os sub-intervalos.<sup>42</sup>

Considera-se ainda que as genéricas e habituais têm, na proposta de Dahl (1975), a componente *intensional* de sentido. Esta intensionalidade pode ser observada, em parte, por serem frases *não acidentais* (*nonaccidental*). *This is the notion that the varying events generalized over are a part of larger generalization, and not some happenstance* (Pelletier & Schubert, 1989), citado por Carlson (2005:2)). Relacionado com a propriedade anterior está o princípio de que os genéricos e habituais têm a propriedade de *tolerar exceções*. Por exemplo, na frase genérica: *pássaros voam*, há exceções na medida em que há pássaros que não voam tais como os pinguins e as avestruzes.

Estas são algumas propriedades que caracterizam as frases genéricas, em geral, e as genéricas habituais, em particular, às quais acrescentamos, para terminar esta breve apresentação da genericidade, o pressuposto de que elas são compatíveis com

---

<sup>41</sup> Carlson (2005) adverte que se tem aplicado às frases genéricas e habituais os termos ‘customary’, ‘usitative’, ‘nomic’ e ‘frequentitive’ e que o termo “genérico” é predominante na literatura semântica e o termo “habitual” aparece mais na literatura descritiva. Acrescenta ainda que, em alguns trabalhos, se reserva o termo “genérico” para frases habituais com sintagmas nominais sujeitos com interpretação genérica em vez de uma referência específica.

<sup>42</sup> Recorde-se que para Lopes & Santos (1993) o que valida uma frase genérica é a noção de intervalo de tempo aberto, ilimitado, em que a situação nelas descrita é verdadeira em todos os sub-intervalos desse intervalo ilimitado. Porém, Carlson (1995) admite que uma frase genérica pode ser verdadeira ou falsa e que existem dois modelos para concluir se ela é verdadeira ou é falsa: *a visão indutiva*, em que a base da generalização é a observação de um conjunto de ocorrências, e a visão de *regras e regulamentos*, em que a base da generalização são as regras (de actividades, de jogos, etc.) ou leis observadas ou existentes no mundo. Ainda a respeito desses modelos de interpretação de uma frase genérica, Greenberg (2002), *apud* Müller (2004:352), propõe: um cenário *indutivo*, em que o falante é levado a uma generalização por testemunhar um padrão que se repete e um cenário *predictivo*, referente a casos em que o falante expressa uma generalização baseando-se em conhecimento socialmente partilhado.

quantificadores como *geralmente, usualmente, normalmente, habitualmente, regularmente, sempre*.<sup>43</sup>

Em suma, a noção de genericidade relevante para a descrição dos nossos dados é a de que **as frases genéricas expressam ou descrevem eventos, situações ou atitudes tidos como regulares, frequentes ou habituais**.<sup>44</sup>

### 2.1.2. Os resultados do teste de juízo de gramaticalidade do grupo de controlo

Como referimos antes, os resultados dos juízos de gramaticalidade do grupo de controlo apontam para a possibilidade de ocorrência quer do futuro do conjuntivo quer do presente do indicativo nas condicionais testadas.

No entanto, e apesar dessa constatação, foram consideradas agramaticais ou marginais pela maioria dos sujeitos do grupo de controlo as frases de (39), com o indicativo na encaixada, e a frase em (40), com o futuro do conjuntivo na encaixada.

- (39) a. {\*/?/ok} Se eles empurram, o carro pega. [13]  
b. {\*/?/ok} Os miúdos só podem ir as aulas se os carros dos pais não avariam.  
[25]
- (40) {\*/?/ok} Se a cerejeira *for* uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]

No conjunto das frases que dividem opiniões com relação à sua gramaticalidade ou aceitabilidade, estas são as que apresentam índices mais elevados de rejeição (70% e 60%, respectivamente). Por isso, começaremos por analisar estas frases e, com base nas conclusões a que chegarmos, discutiremos, seguidamente, as restantes condicionais,

---

<sup>43</sup> Para uma visão mais detalhada sobre as frases genéricas, vejam-se, para o Inglês, Krifka *et al.* (1995), Gerstner & Krifka (1993), e.o., e, para o PE, Lopes (1992), Lopes & Santos (1993) e Sá de Almeida (1998).

<sup>44</sup> Para além da ideia de repetição de situações, adoptaremos ainda o termo genérico universal para referir frases genéricas, com predicação sempre verdadeira, decorrentes da atribuição de propriedades a espécies, exemplo: a cerejeira é uma árvore; os pássaros voam. Relativamente às frases condicionais, as genéricas universais (prototípicas) são como as frases que se seguem: *se tu és humano, então és mortal; se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal*; frases que se distinguem das condicionais genéricas habituais, ao nível sintáctico, por não admitirem sempre que no lugar de se: *\*sempre que tu és humana, então és mortal; \*sempre que a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal*. Sobre as genéricas habituais, veja-se a nota 48.

incluindo as aceites na totalidade como possíveis quer com o verbo no futuro do conjuntivo quer com o verbo no presente do indicativo.

Assim, e tendo em conta a ideia de genericidade, nota-se que as frases em (39) não favorecem a interpretação genérica ou habitual dos eventos que descrevem. São frases que apresentadas isoladamente (ou seja, descontextualizadas) dificilmente permitem uma leitura genérica, apesar da ocorrência do indicativo, que, como sabemos, favorece essa leitura. Note-se, no entanto, que quando as frases são contextualizadas (pragmaticamente) e/ou associadas a expressões quantificacionais como *geralmente*, a leitura genérica habitual pode tornar-se facilmente acessível, o que tem como consequência que se torna, ao mesmo tempo, mais natural o uso do presente do indicativo na oração condicional, como ilustrado em (41) e (42).

- (41) *Situação*: Os meus vizinhos têm um carro muito velho. Quase todas as manhãs eles empurram o carro e o carro pega.
- {*Se/sempe que*} eles empurram, o carro pega.
  - Geralmente*, se eles empurram, o carro pega.
- (42) *Situação*: Todas as manhãs os meus vizinhos levam os filhos para as aulas de carro porque não há transportes públicos para a escola. Quando acontece os meus vizinhos terem um problema com o carro, os miúdos faltam às aulas.
- Os miúdos só podem ir às aulas {*se/\*sempe que*} os carros dos pais não avariam.
  - Os miúdos podem ir às aulas {*se/sempe que*} os carros dos pais não avariam.
  - Geralmente*, os miúdos só podem ir às aulas se os carros dos pais não avariam.

Curiosamente, a frase *Os miúdos só podem ir às aulas sempe que os carros dos pais não avariam* revela-se agramatical, mas isso não anula a evidência de que a frase *Os miúdos só podem ir às aulas se os carros dos pais não avariam* se torna aceitável para a generalidade dos falantes se associada a um contexto que torne claro que a frase expressa

uma habitualidade. O que acontece quando se substitui o conector *se* por *sempre* deve resultar de restrições impostas pelo advérbio de exclusão *só*, que neste contexto estabelece uma estreita relação com *se*, do tipo correlativo *só...se*, idêntica à que se verifica com *se...então* que não permite que se substitua o *então* por qualquer outro conector, como aponta Brito (2003:706 (nota 13)).<sup>45</sup> Daí que suprimindo-se o focalizador exclusivo *só*, a presença de *sempre* se torna natural.

No exemplo (40), diferentemente do que acontece com as frases de (39), a frase encaixada constitui uma ‘verdadeira’ frase genérica, induzida por um *SN* de referência à espécie. A interpretação genérica desta frase é consequência de a sua proposição ser atemporal e aberta, ou seja, verdadeira em todos os sub-intervalos de *i* (cf. Lopes e Santos 1993),<sup>46</sup> como se mostra em (43) e (44):

(43) a. Se algo é cerejeira, então é uma árvore.

a’. *Sempre/geralmente/normalmente*, se algo é cerejeira, então é uma árvore.

(44) a. Se algo é planta (árvore), então pertence ao reino vegetal.

a’. Se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal.

Com base no que observámos, podemos concluir que, na frase (40), o futuro do conjuntivo é de duvidosa aceitabilidade por se tratar de uma condicional com valor genérico universal, o que torna a leitura hipotética dificilmente acessível, pois o valor genérico universal favorece fortemente a leitura factual.<sup>47</sup> Nas frases de (39), pelo contrário, o futuro do conjuntivo é o tempo/modo aceite plenamente como gramatical por se tratar de condicionais preferencialmente hipotéticas, já que a leitura factual depende de

---

<sup>45</sup> Para uma análise da tipologia das condicionais no PE, principalmente das de *só...se*, veja-se Peres *et al.* 1999.

<sup>46</sup> Para Lopes e Santos (1993:23), uma “Condicional genérica *Cg* é verdadeira (num dado estado de informação *i*) se e só se o conseqüente de *Cg* for verdadeiro em **todos** os estados de informação não-excepcionais *i*’ e consistentes com *i* acrescido do antecedente de *Cg*.”

<sup>47</sup> É pelo facto de o presente do indicativo favorecer a leitura factual genérica que na frase *se algo* (cerejeira) é *uma planta, então pertence ao reino vegetal* o futuro do conjuntivo é bloqueado, uma vez que, com o seu uso, a interpretação será de hipoteticidade, remetendo para contextos particulares em que a cerejeira não seja uma planta: “*se algo for (por ser desconhecido) uma planta, então pertence ao reino vegetal*. A possibilidade de se formular uma frase hipotética numa situação em que se esperaria uma frase genérica universal é algo explicável com base na ideia de que as frases genéricas ‘toleram excepções’ relativamente ao valor de verdade (ou falsidade) em todos os contextos e intervalos de tempo (cf. Carlson 1995, 2005, e.o.).

uma interpretação genérica habitual ancorada num contexto particular. Sem a presença do contexto relevante, a leitura factual é pouco acessível. Deste modo, espera-se que (i) em frases genéricas universais, o presente seja o tempo ‘quase obrigatório’ e (ii) em frases em que a leitura genérica habitual depende de legitimação contextual/discursiva, o futuro do conjuntivo seja o tempo facilmente preferido.

Partindo das generalizações formuladas, testámo-las tendo em conta as restantes frases do *corpus*.

Relativamente às condicionais com valor genérico universal, nas quais o presente do indicativo é o tempo ‘quase obrigatório’, não ocorrem outras frases com estas características para além da frase: *Se a cerejeira é/\*for uma flor, então pertence ao reino vegetal*.

Quanto ao uso preferencial do conjuntivo, quando as frases, tomadas isoladamente, dificilmente tornam acessível uma leitura genérica ou habitual, encontramos, nos dados, evidência adicional que apoia essa generalização, pelo facto de terem sido consideradas agramaticais ou marginais por cerca de 40% dos sujeitos inquiridos (no teste de julgamento do grupo de controlo) sete outras frases (cf. (45)) com o verbo no presente do indicativo. Ou seja, o facto de para estes falantes só o futuro do conjuntivo ter sido considerado (plenamente) gramatical nas frases relevantes, mostra que ao julgarem as frases não processaram a sua possível leitura genérica/habitual (ou outra que legitime o uso do presente do indicativo), tendo-as interpretado como não ambíguas. Os restantes inquiridos, no entanto, processaram a par da leitura hipotética uma leitura não hipotética (fosse genérica habitual ou de outra natureza).<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Como se pode observar, nenhuma das frases permite inferir uma leitura genérica da condição ou da condicional em geral, nem de eventos que possam ser tidos como regulares sem que lhes associe um determinado contexto. As frases (45f-g) diferem das restantes por excluírem, de facto, uma interpretação genérica habitual (veja-se o contraste entre (a-e) e (f-g) no paradigma em (i) abaixo. Nas frases (f-g) parece ser o conhecimento do mundo criado por um antecedente discursivo (sei que “vens ao Algarve” porque acabaste de mo dizer ao telefone, por exemplo), que legitima a interpretação factual e, portanto, o presente do indicativo. Isto mostra que a noção de *genericidade* tem um papel importante mas não exclusivo na compreensão dos factores que determinam a alternância entre futuro do conjuntivo e presente do indicativo nas condicionais de *se*.

- (i) a. Sempre que vocês dão a resposta correcta, somamos um ponto à classificação.  
b. Sempre que os professores dispõem de tempo, publicam as notas.  
c. Sempre que o/um casal não tem filhos, poderá adoptá-los.  
d. Sempre que as crias são fêmeas, ganhamos com isso.  
e. Sempre que a água atinge a temperatura de 100°C, começa a ferver.  
f. \*Sempre que tu vens ao Algarve, não deixes de ir à praia.

- (45) a. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se vocês dão a resposta correcta, somamos um ponto à classificação. [33]
- b. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se os professores dispõem de tempo, publicam as notas. [31]
- c. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se as crias são fêmeas, ganhamos com isso. [35]
- d. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se o casal não tem filhos, poderá adoptá-los. [1]
- e. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se a água atinge a temperatura de 100°C, começa a ferver.<sup>49</sup> [23]
- f. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se tu vens ao Algarve, não deixes de ir à praia. [26]
- g. <sup>{ok/?/\*}</sup> Se tu dizes a verdade, estaremos tramados. [45]

Observemos a seguir as frases que são consideradas gramaticais por todos os sujeitos do grupo de controlo tanto com o futuro do conjuntivo como com o presente do indicativo, que são apresentadas em (46).

- (46) a. Se tu não pões/puseres as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]
- b. Se dispões/dispuseres de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]
- c. Se estás/estiveres com ressaca, bebe uma água. [12]
- d. Se tu não queres/quiseres trabalhar, fica em casa. [14]
- e. Se eles não vêm/vierem com as raparigas, não entram nesta festa. [8]

Com base nos resultados, deduz-se que as leituras factual e hipotética são acessíveis nestas frases. Quanto ao futuro do conjuntivo, a sua ocorrência é aceitável na medida em que, com o seu uso na encaixada, as frases descrevem eventos hipotéticos que podem ser verificados num momento futuro ou posterior ao da enunciação. A factualidade é igualmente acessível pelo facto de o presente do indicativo, só por si, favorecer uma interpretação genérica habitual nas frases de (47) e, por outro lado, quando não permite

---

g. \*Sempre que tu dizes a verdade, estaremos tramados.

<sup>49</sup> Esta frase merece breves comentários. Note-se que, se assumirmos a factualidade do evento da encaixada, o conseqüente é sempre verdadeiro, e a frase equivalente a uma condicional em que a realização da raiz é dependente da realização do evento da encaixada, “condicional directa” Quirk *et al.* (1985), o que torna a frase em geral uma frase genérica: *Sempre, geralmente se a água atinge a temperatura de 100°C, começa a ferver.*

essa leitura, facilmente permitir inferir que os eventos descritos são reais e verificáveis no momento da enunciação, como nas frases em (48).<sup>50</sup>

- (47) a. Se tu não pões as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]  
b. Se dispões de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]
- (48) a. Se estás com ressaca, bebe uma água. [12]  
b. Se tu não queres trabalhar, fica em casa. [14]  
c. Se eles não vêm com as raparigas, não entram nesta festa. [8]

A frase (47a) permite inferir uma leitura genérica atemporal na raiz “*as sardinhas estragam-se*”, *se algo é sardinha, então estraga-se*. O que determina a opcionalidade do tempo na frase matriz (na condição) é o facto de a genérica admitir excepções ao nível da atemporalidade do valor de verdade por ela estar dependente do evento descrito na condição, que, com base nessa dependência (*se A, então C*), leva a induzir um valor genérico habitual ancorado no tempo e no espaço, como ilustrado em (49).

- (49) *Sempre que* tu não pões as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se.

Com o mesmo valor episódico habitual, em que se expressam eventos regulares, é interpretável a frase (47b) que pode ser parafraseada por:

- (50) *Sempre que* dispões de dicionário, será fácil fazer a tradução.

Nas frases de (48) acima, não se pode inferir a leitura genérica nem a interpretação de eventos regulares. Entretanto, elas têm de acessível o valor factual, que se pode induzir facilmente das situações descritas na condicional e que podem ser confirmadas pelas seguintes paráfrases:

---

<sup>50</sup> As frase em (48) são aproximáveis das frases (45f-g). Veja-se a nota 51.

- (51) a. *Já que estás com ressaca, bebe uma água.*<sup>51</sup>  
b. *Já que tu não queres trabalhar, fica em casa.*  
c. *Já que eles não vêm com as raparigas, não entram nesta festa.*

Em **síntese**, o teste de juízo de gramaticalidade permite, relativamente à distribuição do futuro do conjuntivo nas condicionais, a formulação das seguintes generalizações:

- o futuro do conjuntivo é preferencial, podendo o presente do indicativo ser excluído por alguns falantes, quando a frase, tomada isoladamente, não favorece a interpretação de eventos como habituais (nem a veracidade do evento episódico descrito é evidenciada e verificável no momento da enunciação), o que torna a leitura factual pouco acessível.

- o uso do futuro do conjuntivo é pouco aceitável em frases genéricas universais, ou seja, frases em que a leitura hipotética é pouco acessível.

- em frases em que as leituras factual (ou genérica habitual) e hipotética são igualmente acessíveis, tanto o futuro do conjuntivo como o presente do indicativo são consensualmente aceites.

### 2.1.3. Os dados do teste de produção provocada

Como já referimos, os resultados do teste de produção provocada poderão ser satisfatoriamente descritos e explicados se relacionados com a análise dos dados obtidos a partir da tarefa de juízos de gramaticalidade. É, portanto, com base na descrição dos resultados da tarefa de julgamento, que iremos analisar os resultados da tarefa de produção provocada, pois, como mostraremos, estão condicionados aos mesmos factores.

---

<sup>51</sup> Note-se que nas frases com imperativo na raiz o valor factual parece ser mais acessível numas do que noutras. É mais acessível nas frases em que o facto descrito se verifica no momento da enunciação como em: *Já que estás com ressaca bebe uma água*, ou *Já que tu não queres trabalhar, fica em casa*, e não naquelas em que o facto descrito não se verifica no momento da enunciação (mas se verificará, presumivelmente, num momento posterior) como em: *Já que tu vens ao Algarve, não deixes de ir à praia* (frase rejeitada por 3/10 sujeitos do grupo de controlo). Por isso, as primeiras são gramaticais quando formuladas da seguinte maneira: *Estás com ressaca, então bebe uma água. Tu não queres trabalhar, então fica em casa.*, o que não acontece em: *???Vens ao Algarve, então não deixes de ir à praia*, que, no entanto, se transforma numa sequência bem formada se a modalidade do primeiro membro for interrogativa, em vez de declarativa: *Vens ao Algarve? Então não deixes de ir à praia*. (Da mesma forma: *Dizes a verdade? Então estaremos tramados*. Cf. (45f) e as notas de rodapé 49, 51).

Atendendo aos resultados da tarefa de produção, e tendo em conta o que foi o comportamento dos sujeitos em cada frase, salientam-se três aspectos: ocorrência muito preferencial do presente do indicativo (isto é, há apenas 3 ocorrências do futuro do conjuntivo de um total de 19 respostas) na frase (52) abaixo. Nas frases em (53), o futuro do conjuntivo é claramente dominante (ou seja, verificam-se entre 0 e 3 ocorrências do presente do indicativo). Por fim, observa-se um número significativo de ocorrências quer do futuro do conjuntivo quer do presente do indicativo nas frases exemplificadas em (54).<sup>52</sup>

(52) Se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]

(53) a. Se eles *empurrarem*, o carro pega. [13]

b. Os miúdos só podem ir às aulas, se os carros dos pais não *avariarem*. [25]

c. Se a água *atingir* a temperatura de 100°C, começa a ferver. [23]

d. Se tu *vieres* ao Algarve, não deixes de ir à praia. [26]

(54) a. Se os professores *dispuserem*/dispõem de tempo, publicam as notas. [31]

b. Se tu não *puseres*/pões as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]

c. Se estás/*estiveres* com ressaca, bebe uma água. [12]

d. Se tu não *queres*/quiseres trabalhar, fica em casa. [14]

Ao relacionarmos o comportamento dos sujeitos submetidos à tarefa de produção provocada com os resultados do teste de juízo de gramaticalidade do grupo de controlo, constatamos, em primeiro lugar, que os sujeitos flexionaram exclusivamente o futuro do conjuntivo, como se o tempo fosse obrigatório, nas frases que parte dos sujeitos do grupo de controlo considerou agramaticais ou marginais com o presente do indicativo na frase encaixada – 70% dos sujeitos no caso de (54a-c) e cerca de 40% dos casos (54d-f).

(55) a. Se eles empurram, o carro pega. [13]

---

<sup>52</sup> Neste grupo de frases, nuns casos há mais futuro do conjuntivo e noutros mais presente do indicativo. A preferência pelo presente do indicativo verifica-se, curiosamente, apenas nas frases com imperativo na raiz, isto é (54c-d). Veja-se as possíveis motivações na nota 54.

- b. Os miúdos só podem ir às aulas, se os carros dos pais não avariam.<sup>53</sup> [25]
- c. Se vocês dão a resposta correcta, somamos um ponto à classificação. [33]
- d. Se as crias são fêmeas, ganhamos com isso. [35]
- e. Se a água atinge a temperatura de 100°C, começa a ferver. [23]
- f. Se tu vens ao Algarve, não deixes de ir à praia. [26]

Tal como na gramática dos sujeitos do grupo de controlo, na gramática dos alunos, estas frases são facilmente expressas pelo conjuntivo porque elas dificilmente permitem inferir uma leitura ou interpretação genérica habitual, sem que exista um contexto que legitime essa habitualidade. Deste modo, os resultados dos alunos corroboram a ideia segundo a qual em estruturas condicionais, como as de (55), o futuro do conjuntivo é preferencial quando a frase, tomada isoladamente, não favorece a formulação de eventos habituais, ou seja, são frases em que a leitura factual é pouco acessível. Do ponto de vista quantitativo, a percentagem relativa de ocorrências de futuro do conjuntivo neste grupo de frases é de 94%, quando comparado com o número de ocorrências de presente do indicativo, conforme se pode observar na Figura 2 abaixo:

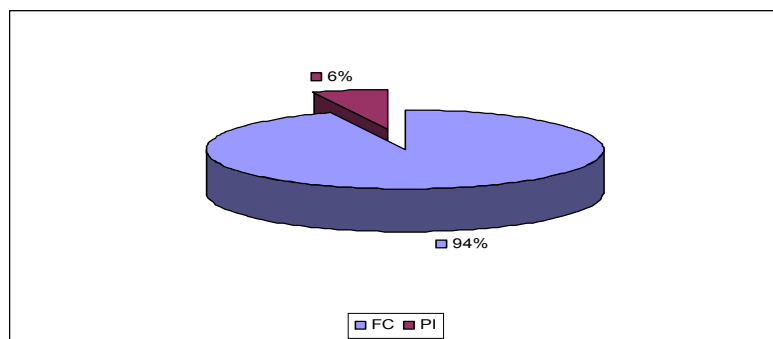


Figura 2: Distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais com leitura factual pouco acessível (frases: 13, 23, 25, 26, 33, 35 e 40)

<sup>53</sup> Frases com esta estrutura, extraídas do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) do CLUL, apontam para o uso generalizado do futuro do conjuntivo, mesmo quando na raiz ocorre uma forma verbal do presente do indicativo, como ilustram os exemplos a seguir:

- (i) A tentação só não **existirá** se o perigo de derrocada *for* maior.
- (ii) Menezes só **poderá** jogar todos os trunfos se *aparecer* no congresso.
- (iii) Estoril-Sol só **entrará** na operação se *houver* uma posição firme.
- (iv) Tal atitude só **é** possível se *houver* capital.

Em segundo lugar, observámos que os sujeitos flexionaram os verbos quase só no presente do indicativo (80%) na frase que para 60% dos sujeitos do grupo de controlo é agramatical com o futuro do conjuntivo:

(56) Se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal.

Tratando-se de uma frase factual com o valor genérico universal, a leitura hipotética não está, em geral, acessível, razão pela qual os sujeitos flexionaram em 80% dos casos os verbos no presente do indicativo, confirmando que, neste tipo de factuais, genéricas, o uso do futuro do conjuntivo pode ser de duvidosa aceitabilidade.

Por último, quanto às frases caracterizadas por permitirem facilmente tanto uma leitura hipotética como uma leitura factual, que para os falantes do grupo de controlo são gramaticais tanto com o futuro do conjuntivo como com o presente do indicativo, como em (57), os sujeitos flexionaram significativamente os verbos no presente e no futuro do conjuntivo.

- (57) a. Se tu não pões/puseres as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]  
b. Se dispões/dispueres de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]  
c. Se eles não vêm/vierem com as raparigas, não entram nesta festa. [8]  
d. Se os professores dispõem/ dispuserem de tempo, publicam as notas. [31]  
e. Se os meios de comunicação, não divulgam/divulgarem esta informação, as pessoas ficam sem saber nada. [22]  
f. Se estás/estiveres com ressaca, bebe uma água. [12]  
g. Se tu não queres/ quiseres trabalhar, fica em casa. [14]

Os dados quantitativos, relativos a este grupo de frases, revelam que as percentagens de ocorrências do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo são equiparáveis, 60% e 40%, respectivamente – ver Figura 3.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> No entanto, devido à natureza da instrução, verificam-se duas tendências: maior ocorrência de formas de futuro do conjuntivo (70.5%) nas frases (57a-e), indicando que a maioria dos sujeitos optou por formular frases com valor hipotético, e maior preferência pelo presente do indicativo 24/38, ou seja, 63% nas frases (57f-g), o que indica que a preferência foi para a formulação de frases factuais, deduzidas a partir de

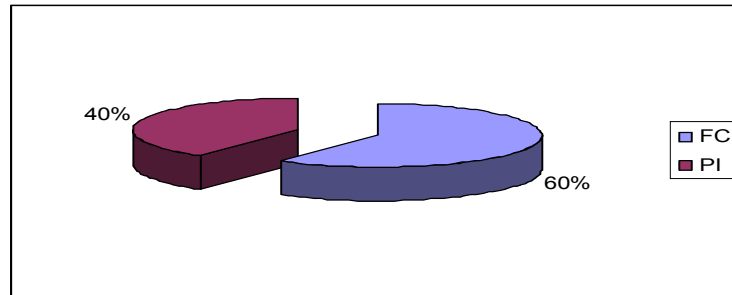


Figura 3: Distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em frases condicionais com leituras genérica habitual e hipotética acessíveis (frases: 6, 8, 12, 14, 31, 22 e 43).

Finalmente, da comparação entre os resultados dos dois grupos, podem extrair-se as seguintes conclusões básicas:

(i) Nas frases em que os falantes do grupo de controlo manifestam juízos diferentes, entre si, no que diz respeito à aceitabilidade do presente do indicativo, os sujeitos da tarefa de produção optaram por flexionar os verbos apenas no futuro do conjuntivo.

(ii) Na frase em que os falantes do grupo de controlo expressam juízos diferentes, entre si, quanto à aceitabilidade do futuro do conjuntivo, os sujeitos da tarefa de produção recorreram maioritariamente às formas verbais do presente do indicativo.

(iii) Nas frases em que os falantes do grupo de controlo admitiram o presente do indicativo e o futuro do conjuntivo na encaixada, os sujeitos da tarefa de produção optaram significativamente tanto pelo futuro do conjuntivo como pelo presente do indicativo.

Em **síntese**, e de acordo com a hipótese anteriormente apresentada segundo a qual as condições que determinam a distribuição do conjuntivo nas condicionais são as mesmas para ambos os grupos, conclui-se que o futuro do conjuntivo não é obrigatório, mas sim o

---

contextos situacionais em que elas podem ocorrer (ou tenham ocorrido): *Se estás com ressaca (como vejo, como dizes), bebe uma água.* Ou *Se tu não queres trabalhar (como se tem visto, como dizes), fica em casa.* As duas tendências observadas podem ser explicadas pelo facto de só as frases (57f-g) apresentarem um valor factual verificável no momento da enunciação: *Estás com ressaca, então bebe uma água.* *Tu não queres trabalhar, então fica em casa,* em contraste com: *??Tu não pões as sardinhas no frigorífico, então elas estragam-se. ??Dispões de dicionário, então será fácil fazer a tradução.*

tempo escolhido preferencialmente (em 85% dos casos,<sup>55</sup> na tarefa de produção provocada) quando as condicionais, tomadas isoladamente, se caracterizam por ser:

- frases em que as leituras factual e hipotética são facilmente acessíveis.<sup>56</sup>
- frases em que a leitura factual é pouco acessível (a factualidade depende, em geral, de uma interpretação genérica/habitual).

Relativamente ao presente do indicativo, conclui-se que é preferido em condicionais com valor genérico universal, que normalmente bloqueiam a leitura hipotética.

## 2.2. Orações temporais introduzidas por *quando*

Em frases temporais, a tarefa de produção provocada foi a mesma. Pedia-se aos sujeitos que preenchessem, de acordo com as suas intuições, os espaços em branco com uma forma verbal dos verbos que lhes eram sugeridos entre parênteses (ver o teste no Anexo 2). O comportamento dos sujeitos nesta tarefa produziu os resultados que se apresentam a seguir:

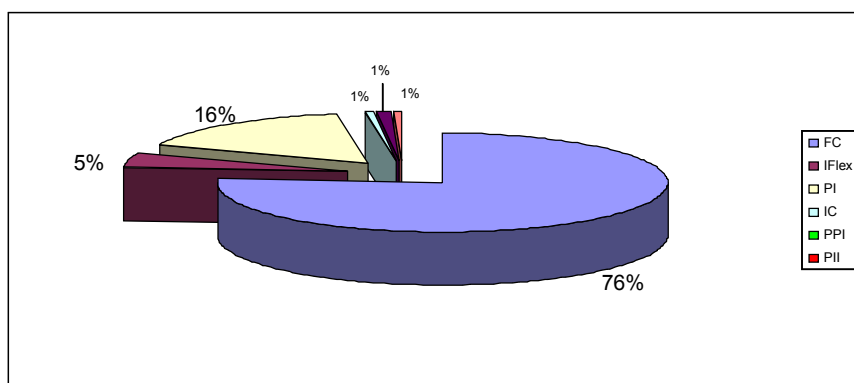


Figura 4: Resultados do teste de produção provocada de frases temporais no PE

Foram flexionados os verbos no futuro do conjuntivo em 76% dos casos, no presente do indicativo em 16% dos casos, no infinitivo flexionado no lugar do futuro do

<sup>55</sup> Esta percentagem não inclui os resultados das frases 7, 12 e 14 em que o PI foi preferencialmente escolhido na tarefa de produção provocada.

<sup>56</sup> À exceção das frases 12 e 14.

conjuntivo em 5% dos casos, no imperfeito do conjuntivo em 1%, no pretérito perfeito do indicativo em 1%, e no imperfeito do conjuntivo em 1%.<sup>57</sup>

Mas, contrariamente ao que sucedeu em frases condicionais, nas temporais, os resultados permitiram, à partida, captar e formular generalizações. Os dados mostram que o futuro do conjuntivo aparece sempre que ocorre na raiz da estrutura temporal uma forma verbal no futuro do indicativo (cf. (58a)) ou no imperativo (cf. (58b)), e quer o futuro do conjuntivo quer o presente do indicativo podem ocorrer em estruturas temporais com o presente do indicativo na raiz (cf. (59)).

- (58) a. Quando nós *virmos* o Paulo, diremos o necessário. [21]  
b. Quando *terminares* o trabalho, desliga o computador. [24]

- (59) Quando *estiver/está* mau tempo, os barcos não circulam nos Açores. [30]

Portanto, relativamente à distribuição do futuro do conjuntivo, estes resultados apontam para o uso obrigatório do futuro do conjuntivo no PE quando ocorre na raiz uma forma verbal no futuro do indicativo ou imperativo. O uso do futuro do conjuntivo nestas construções pelos sujeitos testados iguala-se ao uso do conjuntivo em temporais que já fora descrito para o PE em vários trabalhos (cf. Oliveira 2003b, Marques 1995, 2010, e. o.).

Nas temporais com presente do indicativo na raiz, o futuro do conjuntivo é opcional. Porém, nos resultados da tarefa de produção, notámos três aspectos que merecem ser comentados: (i) a flexão tanto do futuro como do presente do indicativo na frase (60), (ii) a flexão apenas no futuro do conjuntivo na frase (61) e (iii) a flexão quase exclusiva do presente do indicativo na frase (62) – em 17/19, ou seja, 89,4% dos casos.

- (60) O condutor do autocarro só pára quando se diz/disser ‘stop’. [10]  
(61) Quando *tiver* um diamante, ofereço-o à minha mãe. [44]  
(62) Quando está mau tempo, os barcos não circulam nos Açores. [30]

---

<sup>57</sup> A maior ocorrência de futuro do conjuntivo é devido à ocorrência de um maior número de frases que seleccionam esse tempo na encaixada.

O primeiro aspecto que ressalta quando olhamos para estas frases diz respeito a diferenças no plano semântico, que podem ter contribuído para determinar os resultados obtidos. Na frase (60), a expressão da regularidade de eventos tanto é possível com o presente do indicativo como com o futuro do conjuntivo: *o condutor do autocarro só pára sempre que se diz/disser 'stop'*. A diferença entre o presente e o futuro reside na localização temporal dos eventos descritos. Enquanto que com indicativo os eventos não estão localizados (delimitados) temporalmente, com o futuro do conjuntivo a oração temporal é localizada num momento posterior ao da enunciação.

Na frase (61), a leitura genérica habitual não está facilmente acessível pelo facto de não ser uma situação comum/habitual que alguém tenha um diamante para oferecer à sua mãe. Interfere portanto aqui o 'conhecimento do mundo' pelo falante. Repare-se, no entanto, que, mesmo que os informantes tenham preferido a 100% o futuro do conjuntivo, formalmente nada impede a referência a eventos habituais/regulares na frase (60), parafraseada em (63).

(63) *Sempre que tenho um diamante, ofereço-o à minha mãe.*

Na frase (62): *Quando está mau tempo, os barcos não circulam nos Açores*, o presente de indicativo foi o tempo escolhido por 17 dos 19 inquiridos visto que a leitura de habitualidade é facilmente acessível. Trata-se de uma frase em que o uso do presente do indicativo permite a leitura genérica sem delimitação temporal (atemporal), daí poderem acoplar-se à frase advérbios de frequência (cf. (64)), o que não aconteceria com o futuro do conjuntivo (cf. (65)).

(64) *Geralmente/normalmente quando está mau tempo, os barcos não circulam nos Açores.*

(65) *\*Geralmente/normalmente, quando estiver mau tempo, os barcos não circulam nos Açores.*

Em **síntese**, no PE, o futuro do conjuntivo é obrigatório, em frases temporais, quando depende de uma frase raiz com o verbo principal flexionado no futuro do indicativo ou no imperativo. Em temporais com presente do indicativo na raiz, o futuro do conjuntivo é opcional. Nos resultados do teste, este tempo ocorre em 55% (31/56) das frases relevantes. Por fim, decompondo a Figura 4 em dois gráficos podemos assim visualizar o contraste entre os dois tipos relevantes de estruturas temporais:<sup>58</sup>

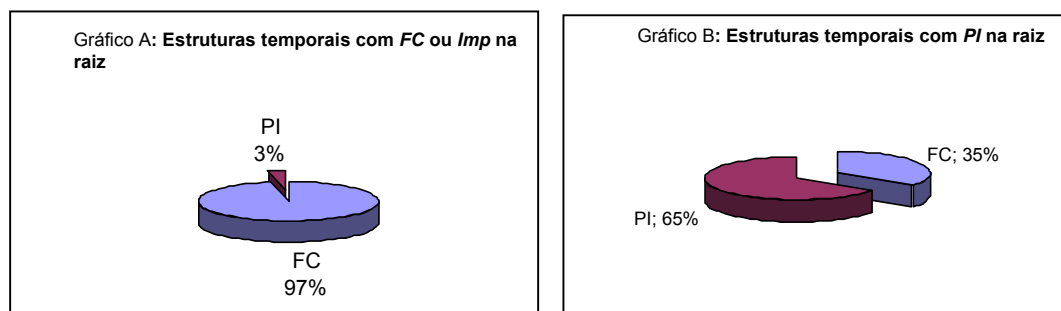


Figura 5: Resultados dos dois tipos relevantes de estruturas temporais do PE

### 2.3. O infinitivo flexionado

Nesta secção procedemos à análise das formas do infinitivo flexionado como supletivas do futuro do conjuntivo. Como se sabe da literatura, os paradigmas dos verbos regulares são formas homófonas das formas do infinitivo flexionado (Pontes 1972:47), ao passo que os verbos irregulares apresentam formas do futuro do conjuntivo *lexicalizadas*<sup>59</sup> (cf. *couber*, *souber*) e, por essa razão, são distintas das formas do infinitivo (*caber* e *saber*) (Villalva 2003:934).<sup>60</sup> Observe-se o Quadro 3, onde se apresentam exemplos de

<sup>58</sup> No Gráfico A, os 3% de ocorrências do presente do indicativo têm que ver com as dificuldades de certos falantes relativamente à selecção do modo conjuntivo. Como se sabe, há casos em que os falantes usam o indicativo em contextos de selecção obrigatória do conjuntivo.

<sup>59</sup> Assumindo que os paradigmas do futuro do conjuntivo de verbos regulares e de certos irregulares são idênticos aos do infinitivo flexionado (cf. *dançar vs dançar*; *medir vs medir*), podemos inferir que as formas lexicalizadas, na perspectiva de Villalva (2003), correspondem a formas do futuro do conjuntivo que são distintas do infinitivo flexionado, como, por exemplo, *trouxe*, *fizer*, *couber*.

<sup>60</sup> Para Dias (1993), a formação do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares consiste na substituição da desinência *-ste* da segunda pessoa do singular dos verbos irregulares no pretérito perfeito do indicativo por morfemas do futuro do conjuntivo: **-r**, **-res**, **-r**, **-rmos** e **-rem**. Exemplos:

- (i) a. Dizer – disse (*ste*) → disser, disseres, disser, dissermos e disserem
- b. Dar – de(*ste*) → der, deres, der, dermos e derem
- c. Vir – vie(*ste*) → vier, vieres, vier, viermos e vierem

paradigmas da flexão verbal de um verbo regular, *falar*, e de outro irregular, *dizer*, no futuro do conjuntivo em contraste com o infinitivo flexionado.

Quadro 3: Paradigmas de flexão verbal do futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado

Verbo regular		Verbo irregular	
IFlex	FC	IFlex	FC
Falar	Falar	Dizer	disser
Falares	Falares	Dizeres	disseres
Falarmos	Falarmos	Dizermos	Dissermos
Falardes	Falardes	Dizerdes	disserdes
Falarem	Falarem	dizerem	Disserem

Nos dados de produção provocada, nas condicionais que incluem verbos cujas formas flexionais do futuro do conjuntivo diferem do infinitivo flexionado, nomeadamente *ter*, *dar*, *pôr*, *ir*, *vir*, *estar*, *querer*, *ser*, *vir dizer*, *dispor* e *haver*, as formas do infinitivo flexionado no lugar do futuro ocorrem apenas na flexão dos verbos *pôr*, *dispor*, *vir* e *dar*.

- (66) a. Se tu não **pores** as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]  
b. Se eles não **virem** com as raparigas, não entram nesta festa. [8]  
c. Se os professores **disporem** de tempo, publicam as notas. [31]  
d. Se vocês **darem** a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação. [33]

Nas frases temporais, as formas do infinitivo flexionado ocorrem, do conjunto de verbos irregulares *dar*, *dizer*, *estar*, *ir*, *ver* e *ter*, apenas nos contextos de flexão dos verbos *ver* e *dizer*.

- (67) a. Volte para cama, senão o médico mata-me quando a **ver** em pé. [39]  
b. O condutor do autocarro só pára quando se **dizer** ‘stop’. [10]

Assim, depreende-se que as formas do infinitivo flexionado ocorrem como resultado da regularização paradigmática do futuro do conjuntivo relativamente aos verbos

*dispor, ver, vir, pôr, dar e dizer* e não nos restantes, como *ter, ir, estar, querer, ser e haver*, e é uma estratégia adoptada por 9 dos 19 inquiridos. Observem-se os resultados dos sujeitos que alternam entre o infinitivo flexionado e futuro do conjuntivo no quadro a seguir:

Quadro 4: Resultados dos sujeitos que usam o infinitivo flexionado em vez de futuro do conjuntivo no PE

Verbos Irregulares												
	<i>Dispor</i>	<i>Vir</i>	<i>Ver</i>	<i>Pôr</i>	<i>Dar</i>	<i>Dizer</i>	<i>Ter</i>	<i>Ser</i>	<i>Ir</i>	<i>Estar</i>	<i>Querer</i>	<i>Haver</i>
<i>S1</i>	2/2	-	2/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>S8</i>	-	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>S10</i>	-	-	-	-	-	1/2	-	-	-	-	-	-
<i>S11</i>	-	1/1 <sup>61</sup>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>S12</i>	2/2	-	2/2	1/1	1/1	-	-	-	-	-	-	-
<i>S13</i>	2/2	1/3	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>S15</i>	2/2	-	2/2	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>S17</i>	1/1 <sup>62</sup>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>S20</i>	1/1	2/2 <sup>63</sup>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Ao analisarmos atentamente os resultados apresentados na tabela acima, constatamos que nenhum dos 9 inquiridos que usa as formas do infinitivo flexionado as usa com todos os verbos irregulares; no máximo ocorrem formas de infinitivo para 6 dos 12 verbos irregulares presentes no teste, e 4 dos 9 inquiridos relevantes usa formas de infinitivo com um único verbo. Estes dados são evidência a favor da hipótese de variação/mudança lexical (no quadro da relação léxico/morfologia) e permitem excluir a hipótese de mudança sintáctico-semântica.

À excepção dos inquiridos 8, 10 e 13 que usam ora o infinitivo flexionado ora o futuro do conjuntivo para o mesmo verbo, a maioria usa só o infinitivo flexionado para o mesmo verbo irregular, o que apoia igualmente a hipótese de mudança lexical, que decorre da reinterpretação das formas morfológicas do infinitivo flexionado como formas de expressão gramatical tanto do infinitivo flexionado como do futuro do conjuntivo. Ou seja, estes inquiridos têm estabilizado no seu léxico que as formas de futuro do conjuntivo de alguns dos verbos irregulares do PE não diferem das do infinitivo flexionado. Dito de outro

<sup>61</sup> Nas outras duas frases com *vir*, o sujeito usa o presente do indicativo.

<sup>62</sup> Na outra frase com *dispor*, usa o presente do indicativo.

<sup>63</sup> Na terceira frase com *vir*, usou o futuro do conjuntivo verbo *ir* (fores).

modo, regularizaram a flexão de verbos que são irregulares no PE padrão no que diz respeito ao par infinitivo flexionado/futuro do conjuntivo. Os resultados mostram que os inquiridos 1 e 15 estabilizaram as formas dos verbos *dispor* e *ver*; o inquirido 12 as formas de *dispor*, *ver*, *pôr* e *dar*; o 20 as formas de *dispor* e *vir*.

Por fim, observa-se que os verbos irregulares com os quais ocorrem as formas de infinitivo flexionado para expressar o futuro do conjuntivo se situam numa escala, conforme são mais ou menos propiciadores dessa ocorrência: *dispor* (6 inquiridos); *vir* e *ver* (4 inquiridos); *pôr* (2 inquiridos); *dizer* e *dar* (1 inquirido). Estes dados favorecem também a hipótese de mudança lexical, podendo a maior ou menor frequência com que um determinado verbo ocorre no *input* para a aquisição, a par de outros factores, determinar uma maior ou menor propensão para a reanálise morfológica.

O único problema para a hipótese parece ser a inconsistência de três inquiridos que usam ora o infinitivo ora o futuro do conjuntivo para o mesmo verbo. Este facto é provavelmente explicável como resultado da alternância inconsciente entre a gramática interiorizada em contexto de aquisição ‘natural’ e a gramática aprendida em contexto escolar (diglossia interiorizada).<sup>64</sup>

Por fim, os resultados do teste de produção sugerem variação dialectal (ou sociolinguística) já que metade dos inquiridos nunca usou formas de infinitivo flexionado para os verbos irregulares. Em trabalho anterior estudámos a distribuição do futuro do conjuntivo em dialectos do PE, tendo como base empírica dados orais do *CORDIAL-SIN*.<sup>65</sup> Nesse trabalho, verificámos, em relação à alternância entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo, que existia na gramática de certos falantes um fenómeno de sobregeneralização do infinitivo flexionado na flexão dos verbos irregulares:

- (68) a. Se **pôr** mais um e se pôr o "s", já são orégãos. (PAL26)  
b. Vão batendo e depois quando **estar** muito em brasa... (PAL36)  
c. Aos olhos faz ele tudo quando não **haver** pouca sorte. (PAL28)

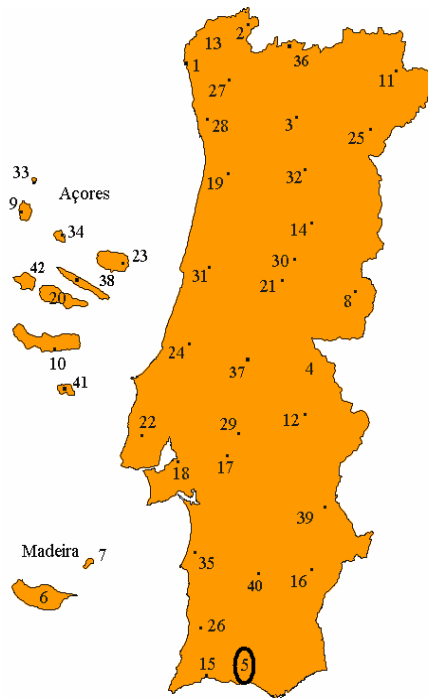
---

<sup>64</sup> Alguns resultados poderiam apontar para uma segunda hipótese que também não é possível testar satisfatoriamente com os dados disponíveis. Um dos inquiridos, S10, usa o infinitivo de *dizer* na estrutura temporal, F10, mas o futuro do conjuntivo na estrutura condicional, F45. Pode colocar-se a pergunta: pode ocorrer efectivamente a alternância (no plano sintáctico-semântico) entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo mas limitada às estruturas condicionais? É uma questão que terá de ser deixada em aberto.

<sup>65</sup> Para o trabalho, seleccionámos aleatoriamente 22 das 41 localidades que constituem o *corpus* CORDIAL-SIN.

- d. Dois ou três ouvidos se **fazerem** falta. (PAL01)
- e. Se **verem** aquilo é pena não ter vagar senão eu fazia-lhe. (PAL01)
- f. Quando **ser** água, ali já não presta. (PAL36)

Perante estas evidências, concluímos que se tratava de um fenómeno de variação dialectal, uma vez que as formas do infinitivo flexionado em vez das de futuro do conjuntivo sobressaíam de forma sistemática apenas em dados de falantes de 1 das 22 localidades analisadas, falantes da localidade de *Porches, Faro*, que se situa no sul (ver o número 5 do mapa de Portugal apresentado abaixo).<sup>66</sup>



Mapa de Portugal extraído da página do CLUL: <http://www.clul.ul.pt>

Em jeito de conclusão, ao relacionarmos os dados dialectais com os dados de produção provocada, compreende-se que a variação dialectal ao nível do léxico, verificada nos dados de produção provocada, é algo previsto, já que na língua falada há evidência de

<sup>66</sup> Na localidade de Ponta Graça (Ponta Delgada), ver 10 no mapa de Portugal, identificámos casos insignificantes (menos de 3 ocorrências) de infinitivo flexionado no lugar de futuro do conjuntivo: *Porque se a gente **porem** sempre no mesmo tear, isso faz um rolo assim e descabeça. MIG45*

existirem formas morfológicas de infinitivo flexionado no lugar de futuro do conjuntivo em certos dialectos do PE.

#### **2.4. Conclusões**

A análise de dados que se fez neste capítulo centrou-se na distribuição e na expressão gramatical do futuro do conjuntivo nas estruturas condicionais e temporais. Esta evidenciou, em relação à distribuição do futuro do conjuntivo, que não existe nenhuma restrição sintáctica à sua ocorrência quer em condicionais quer em temporais. Sendo o seu uso facultativo em estruturas condicionais, apesar de pouco natural em condicionais genéricas universais, e obrigatório em temporais que apresentam na raiz o futuro do indicativo ou imperativo. Em condicionais não genéricas universais e em temporais com o presente do indicativo na raiz, o uso preferencial do futuro do conjuntivo, que se verificou nos resultados da tarefa de produção provocada, é determinado pelo facto de as frases não favorecerem a leitura genérica habitual, ou o tipo de interpretação factual evidenciada e verificável no momento da enunciação.

Relativamente à expressão gramatical, o futuro do conjuntivo é expresso por formas morfológicas (ou lexicalizadas) que lhe são específicas e pelas formas supletivas do infinitivo flexionado de verbos regulares. Com alguns dos verbos irregulares, no entanto, quase metade dos inquiridos usou as formas morfológicas do infinitivo flexionado para expressar o futuro do conjuntivo, o que aponta para a existência de variação dialectal ou sociolinguística ao nível lexical.

No capítulo que se segue vamos focar-nos no tema central deste trabalho: *A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no PM.*

### ***3. Descrição e análise de dados do PM***

O presente capítulo ocupa-se da análise dos dados do PM recolhidos no âmbito deste trabalho (testes escritos de elicitación e entrevistas orais). Começaremos por fazer uma descrição geral dos contextos de ocorrência do futuro do conjuntivo no PM, para em seguida nos concentrarmos na distribuição e na expressão gramatical do futuro do conjuntivo em condicionais de *se* e em temporais de *quando*.

Por conseguinte, o capítulo organizar-se-á da seguinte forma: na secção 3.1, procede-se à descrição dos contextos de ocorrência do futuro do conjuntivo no PM; na secção 3.2, descreve-se a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em frases condicionais de *se* e em temporais de *quando* recolhidas através de testes escritos de produção provocada e juízo de gramaticalidade, e entrevistas orais.

#### **3.1. O futuro do conjuntivo no Português de Moçambique**

Os contextos de distribuição do futuro do conjuntivo no PE são sobejamente conhecidos, uma vez que têm sido descritos em diferentes trabalhos, principalmente em gramáticas tradicionais. Contudo, o mesmo não se pode dizer do PM, relativamente ao qual, tanto quanto sabemos, quer em gramáticas quer em outro tipo de trabalho científico, este é um assunto que ainda não foi estudado. Por isso, nesta secção, recorrendo às minhas intuições de falante desta variedade do Português e tomando como base dados recentes de língua falada (entrevistas feitas no âmbito deste trabalho) e escrita (frases extraídas do jornal *Notícias*),<sup>67</sup> descrevem-se os contextos de ocorrência do futuro do conjuntivo na variante “culta”<sup>68</sup> do Português falado em Moçambique.

---

<sup>67</sup> Estes dados, extraídos do Jornal Notícias, definido como “jornal privado diário de carácter nacional” (cf.: <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/sociedade>), foram aleatoriamente recolhidos, no endereço indicado, entre os meses de Setembro e Dezembro de 2010, com a finalidade de mostrar o que acontece na língua escrita. Por isto, e por não constituírem o *corpus* de estudo deste trabalho, não são descritos nem mencionados no capítulo da metodologia.

<sup>68</sup> Diz-se para o Português de Moçambique, tomando como referência o PE padrão, que as suas propriedades gramaticais se distribuem ao longo de um *continuum* polilectal, em que no extremo basilectal se encontram as subvariedades de falantes com baixa escolaridade, o chamado português *truncado* ou *barato*, e no extremo acrolectal a subvariedade *educada*, mais próxima ao PE, e falada maioritariamente pela população urbana com um nível de instrução mais elevado (Gonçalves 2010a:39). Consideramos, neste trabalho, a variante *culta* como muito próxima da definida como *educada*, por tomarmos em consideração tanto dados de falantes com nível de escolarização médio como de falantes com nível elevado de instrução, incluindo dados extraídos da imprensa escrita.

Nos dados recolhidos, o futuro do conjuntivo ocorre em contextos de selecção obrigatória e opcional em orações dependentes, e sobressai em orações subordinadas adverbiais condicionais introduzidas por *se* (cf. (69)), em certas adverbiais finitas temporais (cf. (70)) e em orações subordinadas relativas (cf. (71)).

- (69) a. Irei viver (*para*) fora se o ambiente *continuar* como tem sido. (Fesp<sup>69</sup>)  
(RJ41)  
b. Se um jogador *tiver* uma lesão, manda-se para a África do Sul. (JN/10<sup>70</sup>)
- (70) a. África vai crescer quando *potenciar* educação e aprendizagem. (Fesp)  
(MIM37)  
b. Agora você está sempre em contacto, sempre que *quiser*. (JN/10)
- (71) a. Quem *tiver* ferramenta terá que se virar, mas o grosso não. (Fesp) (MIM37)  
b. Podes fazer recargas a qualquer hora com o valor que *quiseres*. (JN/10)

Em orações **adverbiais condicionais**, o futuro do conjuntivo é geralmente usado para expressar factos hipotéticos, ou seja, hipóteses prováveis que podem ser realizadas ou verificadas num momento futuro, ou, dito de outra forma, factos cuja realização é esperada, ou pelo menos não julgada impossível, como foi notado por Said Ali (1931:321) (cf. (72)).

- (72) a. Se não *puder*, a alternativa é ir ao mercado à busca de emprego. (Fesp)  
b. Se um jogador *tiver* uma lesão, manda-se para África do Sul. (JN/10)  
c. Irei viver (*para*) fora se o ambiente *continuar* como tem sido. (FesP) (RJ41)

Ainda em condicionais, o futuro do conjuntivo ocorre em frases em que serve de expressão modalizadora da proposição principal (cf. (73)), não necessariamente exprimindo hipóteses prováveis, dado que a condicional não estabelece qualquer relação de

---

<sup>69</sup> Fesp = Fala espontânea.

<sup>70</sup> JN = frases escritas do jornal *Notícias*

implicatura, *se p, (então) q*, com a frase principal.<sup>71</sup> Estas condicionais podem, contudo, ser analisadas como sendo desse tipo, *se p, (então) q*, se se considerar que nelas ocorre uma elipse da condição: “*Se formos a ver, (então) concluímos...*”.<sup>72</sup>

- (73) a. Se formos a ver, 90 se não 80 por cento da população fala correctamente Português. (Fesp) (NAWM38)  
b. Se vires bem, a sida mata. (JN/10)

Note-se, finalmente, que, nos dados recolhidos, o futuro do conjuntivo em condicionais ocorre associado a situações descritas na frase matriz por verbos no presente do indicativo (cf. (74a)), futuro do indicativo (cf. (74b-c)) e imperativo (cf. (74d)).

- (74) a. Se um jogador *tiver* uma lesão, manda-se para a África do Sul. (JN/10)  
b. Irei viver (*para*) fora se o ambiente *continuar* como tem sido. (Fesp) (RJ31)  
c. Se vos *disser* que um gato travou uma peleja com um homem, dirão que são histórias do Tio Patinhas. (JN/10)  
d. Se o tribunal *duvidar* dos gastos feitos, que solicite os comprovativos aos seus colegas. (JN/10)

Foram, além das correlações apresentadas nos exemplos em (74), identificadas, apenas em dados de língua falada, condicionais em que o futuro do conjuntivo aparece em correlação com o condicional (cf. (75a)), com o pretérito perfeito do indicativo (cf. (75b)) ou com o infinitivo (cf. (75c)).

---

<sup>71</sup> Mesmo que a ideia de implicação material do cálculo formal *se p (então) q* seja o modelo privilegiado para definir as condicionais (cf. Oliveira 1991, e. o.), está provado que o uso das condicionais nas línguas naturais nem sempre é idêntico à implicação material definida pelos lógicos. Admite-se que, para além de valores de verdade, as condicionais nas línguas naturais requerem que os eventos descritos na prótase e na apódose sejam relacionados a nível de “conteúdo, epistémico ou pragmático”, tal como conclui Ferrari (1999), baseando-se em trabalhos de Dancygier (1992, 1993), Sweetser (1990) e Fillmore (1990).

<sup>72</sup> Lopes (2010), baseando-se em critérios formais e funcionais, designa estas condicionais por condicionais de enunciação metalinguísticas ou metadiscursivas. Eis alguns exemplos deste tipo de condicionais apresentadas pela autora:

- (i) *Se não me engano*, Berta tinha então dezoito anos.  
(ii) *Se bem me lembro*, a consulta é amanhã às 11h.

- (75) a. Se *der* certo, faria o curso dos meus sonhos. (Fesp) (EDU63)  
b. Se [a visita] *aparecer*, apareceu. (Fesp) (ACAT57)  
c. Se *tiver* tempinho, passear, visitar os [meus] pais. (Fesp) (CFM54)

O futuro do conjuntivo em orações **adverbiais temporais** está dependente da localização temporal, quer do evento descrito na frase matriz (quando o evento é descrito por uma forma verbal no futuro do indicativo ou imperativo) quer do momento de enunciação. Quanto ao momento da enunciação, diz-se que o futuro do conjuntivo emerge tipicamente quando o estado de coisas descrito na subordinada se localiza num intervalo de tempo futuro em relação ao tempo da enunciação (cf. Marques 1995,<sup>73</sup> Duarte 1992, Oliveira 2003b, e. o.). Os exemplos (76) do PM corroboram a ideia de que as proposições introduzidas por *quando*<sup>74</sup> se localizam num tempo futuro em relação ao momento da enunciação; além disso, o futuro do conjuntivo co-ocorre nestas frases com verbos que na matriz se apresentam no futuro composto do indicativo (cf. (76a)), no imperativo (cf. (76b)) e no presente do indicativo (cf. (76c)).<sup>75</sup>

- (76) a. Quando eles *começarem a estudar*, vão aprender Português. (Fesp.) (EBN69)  
b. Agora quando você *pensar* seguro, pense Real Seguros. (JN/10)  
c. Quando você *ficar* sem fazer nada, perde a sabedoria. (Fesp) (MS42)

O futuro do conjuntivo nestas temporais, para além de estar associado à descrição de factos futuros, introduz um efeito idêntico ao das condicionais hipotéticas,<sup>76</sup> marcado pelo facto de a realização do estado de coisas descrito na proposição da frase matriz estar dependente da realização do evento descrito na frase encaixada. É, portanto, face a essa

---

<sup>73</sup> Para este autor, frases como (i) “*Ele sai quando o Paulo chegar*” e (i’) “*Ele saiu quando o Paulo chegou*” são distintas, no sentido em que, em (i), o estado de coisas descrito pela oração subordinada temporal é localizado num intervalo de tempo futuro em relação ao tempo de enunciação e em (i’), o estado de coisas é localizado num intervalo de tempo passado em relação ao tempo da enunciação.

<sup>74</sup> Numa única frase, identificámos na língua falada, a ocorrência do futuro do conjuntivo com o operador “depois que”: *Depois que estiver quase pronta, separa do meio*. (CAM52)

<sup>75</sup> Como em condicionais, ocorrem nos dados orais temporais com o infinitivo flexionado na raiz:

(i) a. As pessoas quando *saiem* dali, estarem fortes no Inglês. (CFM54)

(ii) b. Quando *der* para voltar, estar em condições para voltar. (EG67)

<sup>76</sup> Para a ideia de que *quando* pode ter o valor de temporal e condicional (factual, hipotético e contrafactual, conforme os tempos verbais usados), veja-se Brito (2003:723, nota 33) e Ferreira (1998).

possibilidade que as temporais com o futuro do conjuntivo podem ser transformadas em condicionais encabeçadas pela conjunção *se*, como em (77).

- (77) a. **Se** eles *começarem estudar*, vão aprender Português.  
b. Agora **se** você *pensar* seguro, pense Real Seguros.  
c. **Se** você *ficar* sem fazer nada, perde a sabedoria.

As temporais introduzidas pelo operador *enquanto* (cf. (78)) permitem igualmente a leitura de temporais hipotéticas. Porém, as acções descritas na oração encaixada e na matriz ocorrem em simultâneo devido à natureza daquele conector, que, geralmente, veicula o valor temporal de simultaneidade e não uma relação de ordenação linear dos eventos, como acontece com as temporais introduzidas pelo operador *quando*.

- (78) a. Enquanto *dependermos* de produtos de fora, [a vida] é difícil. (CAM52)  
b. O mercado informal do Zimpeto está a resistir, enquanto não *se encontrarem* alternativas viáveis. (JN/10)

Finalmente, em temporais introduzidas por *sempre que* (cf. (79)), o uso do futuro do conjuntivo ocorre para exprimir factos habituais, frequentes ou repetitivos (iterativos) no presente ou no futuro.

- (79) Eu cá vou “txopelando”<sup>77</sup>, sempre que *puder*, que “txopela” é bom. (JN/10)

Em **orações relativas**, o uso do futuro do conjuntivo é condicionado pela natureza do constituinte da relativa em contextos de selecção (preferencial) do modo conjuntivo no PE,<sup>78</sup> ou seja, “nas orações relativas cujo antecedente é apresentado como: (i) possivelmente existente, mas não conhecido; e (ii) não existente” (cf. Duarte 1992:170). No PM, os dados recolhidos apontam para o uso do futuro do conjuntivo nesses contextos, dado que se

---

<sup>77</sup> Do verbo *txopelar* que corresponde em PE a *pendurar-se* num carro em andamento.

<sup>78</sup> Bergareche (1990:417) assinala que o uso do artigo (in)definido no antecedente da relativa em Português é a base de contraste entre o presente e o futuro do conjuntivo. Vejam-se os exemplos do autor (*ib.*: 418); (15a) *José quer casar com a mulher que tiver/\*tenha muito dinheiro.* e (15b) *José quer casar com uma mulher que tenha/\*tiver muito dinheiro.*

encontra o uso deste tempo em relativas sem antecedente expresso (cf. (80)).<sup>79</sup> e em relativas em que, mesmo existindo um antecedente, este é interpretado como não específico (conteúdo indefinido) (cf. (81a)) ou não é especificado no momento da enunciação, como em (81b-d).<sup>80</sup>

- (80) a. Quem *quiser ir*, eu não hei-de achar mal. (Fesp) (DBL60)  
b. Duas semanas sem conduzir um “chapa” e um valor de mil meticais para quem *for* surpreendido à segunda vez. (JN/10)  
c. Agora você está sempre em contacto, onde *quiser*. (JN/10)
- (81) a. Podes fazer recargas a qualquer hora com o valor que *quiseres*. (JN/10)  
b. Tudo que *acontecer* lá no seu jogo de futebol, que termine lá. (Fesp) (IMC64)  
c. Multas no valor de mil meticais para os operadores que *forem* encontrados a cometer esta infracção. (JN/10)  
d. Algumas respostas que *for a dar* até podem ser benéficas para a minha defesa. (JN/10)

Finalmente, o futuro do conjuntivo em orações relativas “ocorre em construções caracterizadas por conterem uma relativa livre<sup>81</sup> em que se repete o verbo da oração a que a relativa está subordinada” (cf. Duarte 1992:171). Os exemplos do PM em (82) ilustram esta ocorrência do futuro do conjuntivo, que integra expressões semilexicalizadas (14 b-c).

---

<sup>79</sup> Na perspectiva de Mória (1992), dado que, para outros autores, se designam “relativas livres” tendo em conta a hipótese de que não têm um antecedente nominal a ligar o morfema relativo (cf. Brito 1988 ou Brito & Duarte 2003).

<sup>80</sup> Tal como no Espanhol (cf. Bergareche 1990 e Eberenz 1990) e PE padrão (cf. Duarte 1992 e Marques 1995), no PM o futuro do conjuntivo em relativas com antecedente explícito permite uma leitura de inexistência (ou de não especificidade do conteúdo do seu antecedente). Veja-se o contraste entre as frases (1) e (2), a primeira com a leitura de não existência de multas no momento da enunciação e a segunda com a leitura de existência de multas:

(1) *Os operadores (transportadores semicolectivos) piratas ficam sujeitos às multas que houver.*

(2) *Os operadores piratas ficam sujeitos às multas que há.*

<sup>81</sup> Por se tratar de uma citação, mantém-se a terminologia da autora. Porém, neste trabalho, assumimos, na perspectiva de Mória (1992) que as relativas de (13), introduzidas por *o que*, são relativas sem antecedente expresso.

- (82) a. Digam o que *disserem* do meu estilo... (JN/10)  
b. Ninguém pode ser condenado por especular seja o que for. (JN/10)  
c. O atlético Muçulmano não recebeu nenhuma carta seja donde for. (JN/10)

Ainda que não se tenham registado ocorrências nos dados recolhidos, o PM permite o futuro do conjuntivo também em **adverbiais conformativas**, em contextos de descrição de eventos futuros cuja realização é provável (cf. (83)).

- (83) a. Agirei conforme ele *decidir*.  
b. Faz como tu *entenderes*.

Em síntese, nesta secção identificaram-se, de forma geral e breve, os contextos de distribuição do futuro do conjuntivo no PM. A descrição, feita a partir de dados de oralidade e escrita da variante culta desta variedade do Português, permite observar que o futuro do conjuntivo descreve acções futuras e eventuais em orações adverbiais condicionais, temporais, conformativas e em orações subordinadas relativas. Na oração matriz, os verbos podem surgir no imperativo, no presente e no futuro do indicativo, o que permite afirmar que a distribuição deste tempo verbal no PM culto se aproxima da do galego-português (cf. Bergareche 1990:417), do PE padrão (cf. Cunha e Cintra 1984:473) e do PB (cf. Bechara 1999:279-280).<sup>82</sup>

### 3.2. A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em orações adverbiais condicionais de *se* e temporais de *quando* no PM

Como se observou na secção anterior, no PM o futuro do conjuntivo ocorre em orações condicionais hipotéticas, em orações temporais com valor hipotético que expressam factos futuros, habituais e iterativos, em orações relativas restritivas com e sem antecedente expresso, e em relativas sem antecedente expresso em que se repete o verbo da oração matriz. Nesta secção, descreve-se a distribuição e a expressão do futuro do conjuntivo em orações condicionais encabeçadas pelo operador *se* e em temporais

---

<sup>82</sup> Com excepção da correlação entre futuro do conjuntivo e condicional, que se verifica nos dados do PM: *Se der certo, faria o curso dos meus sonhos.* (EDU63) /*Se não ter minha casa, não gostaria.* (MS42))Estruturas semelhantes ocorriam no Espanhol antigo: *Si tuvieres, darias.* (Bergareche 1990:412(5)).

introduzidas pelo conector *quando* nos dados de produção escrita provocada e de juízo de gramaticalidade, bem como nos dados de língua falada.<sup>83</sup>

A secção é constituída por três pontos: em 3.2.1, apresentam-se os resultados dos testes de produção escrita provocada; em 3.2.2, descrevem-se os resultados dos testes escritos de juízo de gramaticalidade e, finalmente, em 3.2.3, são considerados os resultados dos dados de fala espontânea.

### 3.2.1. Resultados do teste de produção escrita provocada

Nesta secção, partindo de resultados do teste de produção provocada aplicado ao nosso público-alvo (estudantes universitários moçambicanos), descrevemos, na subsecção 3.2.1.1, a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo em orações condicionais introduzidas por *se* e, na subsecção 3.2.1.2, em temporais introduzidas pelo conector *quando*.

#### 3.2.1.1. O futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por *se*

Dada a tarefa de produção provocada, que consistia no preenchimento dos espaços em branco com uma forma adequada dos verbos sugeridos entre parênteses (cf. Anexo 3), os resultados globais obtidos, em frases condicionais, são os que se apresentam na figura a seguir:

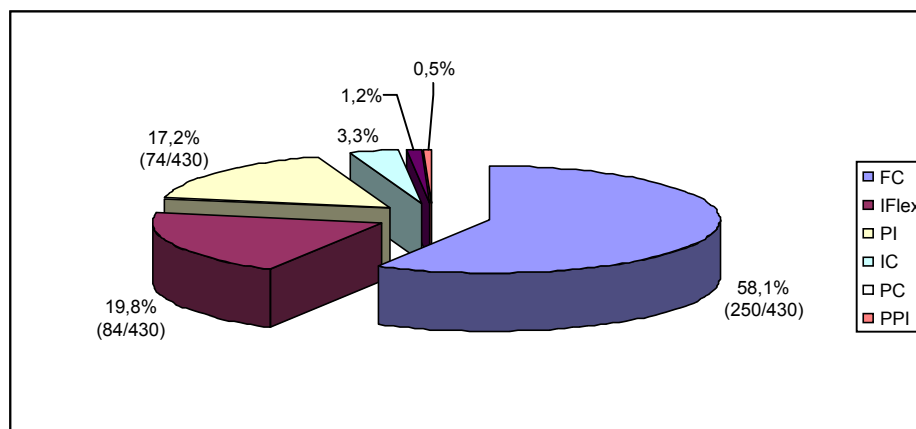


Figura 6: Resultados da tarefa de produção provocada em frases condicionais no PM

<sup>83</sup> Vejam-se as principais motivações da escolha de condicionais e de temporais como objecto deste estudo na nota introdutória e no capítulo 1.

Como se pode ver, os resultados indicam que, em primeiro lugar, sobressaem as formas verbais do futuro do conjuntivo (58,1%), seguidas das formas do infinitivo flexionado (19,8%); em terceiro lugar, surgem as formas verbais do presente do indicativo (17,2%) e, finalmente, outras formas.<sup>84</sup>

Da análise dos resultados, depreende-se que, na tarefa de produção provocada, o futuro do conjuntivo foi o tempo mais escolhido pelos sujeitos em todas as condicionais testadas, o que indicia que este tempo está a especializar-se em condicionais de *se* no PM.

De um modo particular, e atendendo ao comportamento dos sujeitos na tarefa de produção provocada, a preferência pelo futuro do conjuntivo é confirmada pelos resultados que apontam para três aspectos essenciais:

O primeiro diz respeito à escolha exclusiva do futuro do conjuntivo nas seguintes frases:

- (84) a. Os putos só irão ao “fama swow” se os chapas não *matrecarem*. [25]  
b. Se tu *vieres* a Inhambane, não deixes de ir ao Tofo. [26]

O segundo, à excepção de uma ou de duas formas verbais no presente do indicativo em cada frase, mostra a ocorrência muito preferencial do futuro do conjuntivo nas frases de (85).

- (85) a. Se o casal não *tiver* filhos, poderá adoptá-los. [1]  
b. Se tu *disseres* a verdade, estaremos fritos. [45]  
c. Se tu *dispuseres* de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]  
d. Se alguém me *vier* dizer que a educação baixou, pode ter razão. [36]  
e. Se eles *tchovarem*, o carro pega. [13]  
f. Se os professores *dispuserem* de tempo, publicam as notas. [31]  
g. Se as crias *for* fêmea, ganhamos com isso. [35]  
h. Se vocês *derem* a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação.  
[33]

---

<sup>84</sup> Imperfeito do conjuntivo (3,3% (14/430)), presente do conjuntivo (1,2% (5/430)) e perfeito do indicativo (0,5% (2/430)), que por registarem valores residuais, não serão objecto de análise neste trabalho.

O terceiro aspecto observado indica que se flexionaram os verbos tanto no futuro do conjuntivo como no presente do indicativo nas frases de (86), embora a frequência do futuro do conjuntivo seja mais elevada para a generalidade das frases.<sup>85</sup>

- (86) a. Se o canhoeiro *for/é* uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]  
b. Se não *puseres /pões* a magumba<sup>86</sup> na geleira, ela estraga-se. [6]  
c. Se água *atingir/atinge* a temperatura de 100°C, começa a ferver. [23]  
d. Se os medias não *divulgarem/divulgam* essa informação, as pessoas ficam sem saber nada. [22]  
e. Se tu não *quiseres/ queres* trabalhar, fica em casa. [14]  
f. Se não *chover/ chove* neste trimestre, não semeamos nada. [40]

Ora, as frases em (84), nas quais se optou apenas pelo futuro do conjuntivo, caracterizam-se por serem frases que dificilmente permitem inferir, quando usadas com o presente do indicativo na encaixada, uma leitura genérica habitual dos eventos nelas descritos, nem permitirem verificar a concretização dos mesmos eventos no momento da enunciação.<sup>87</sup>

Nas frases de (85) acima, o uso do presente do indicativo é possível (cf. (87)), embora dependa da capacidade do falante de atribuir uma interpretação genérica habitual a cada uma das frases. Trata-se de frases que, tal como as frases de (84), não tornam facilmente acessível a interpretação dos eventos descritos como habituais.

- (87) a. *Se/Sempre que* o casal não tem filhos, poderá adoptá-los. [1]  
b. *Se/Sempre que* eles tchovam, o carro pega. [13]  
c. *Se/Sempre que* os professores dispõem de tempo, publicam as notas. [31]  
d. *Se/Sempre que* tu dispões de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]

---

<sup>85</sup> À exceção da (86c), em que a ocorrência do presente do indicativo é equiparável ao futuro do conjuntivo.

<sup>86</sup> Nome de um peixe capturado na baía de Maputo.

<sup>87</sup> Note-se que a frase correspondente a (84b) com presente do indicativo é natural e remete para uma situação em que o locutor tem a certeza de que o seu interlocutor vem a Inhambane: *Se tu vens a Inhambane (como dizes), não deixes de ir ao Tofo*. Porém, o uso do futuro do conjuntivo deve-se ao facto de a proposição descrever evento que não se pode verificar no momento da enunciação.

Nas frases de (86), encontram-se estruturas condicionais que, para além da leitura hipotética, admitem facilmente as leituras factuais genérica universal ou genérica habitual, como em (88), e a leitura factual, não genérica (cf. (89)). Este facto explica por que razão o futuro do conjuntivo não foi o único tempo seleccionado neste grupo de frases, ou seja, nas frases de (86) acima.

(88) a. *Geralmente*, se o canhoeiro é uma árvore, então pertence ao reino vegetal.

[7]

b. *Normalmente*, se não pões a magumba na geleira, ela estraga-se. [6]

c. *Geralmente*, se água atinge a temperatura de 100°C, começa a ferver. [23]

(89) a. Se tu não queres trabalhar, fica em casa. [14]

b. Se não chove neste trimestre, não semeamos nada. [40]

Estes resultados revelam que (i) o conjuntivo é claramente dominante nas frases em que a leitura factual é pouco acessível, ou seja, são frases que, apresentadas isoladamente, dificilmente favorecem a interpretação genérica habitual, e (ii) que o futuro do conjuntivo se sobrepõe, em termos de frequência, ao presente do indicativo em estruturas condicionais que permitem facilmente tanto a leitura hipotética como a leitura factual, bem como em condicionais com valor factual genérico universal (em que a leitura hipotética é pouco acessível). Estes resultados, principalmente o da preferência pelo futuro do conjuntivo em condicionais com valor genérico universal, como em (89a) acima, favorecem a hipótese de que, no PM, o futuro do conjuntivo está a especializar-se nas condicionais de *se*, ou seja, **os sujeitos sobregeneralizam o uso de futuro do conjuntivo a todas as estruturas condicionais**.

Relativamente às formas do infinitivo flexionado, o valor 19,8% refere-se à percentagem de ocorrência das formas de verbos irregulares, cujos paradigmas flexionais do futuro do conjuntivo diferem do infinitivo flexionado no padrão culto (cf. *vier vir; dispuser dispor, der dar*). Os exemplos em (90) ilustram o uso das formas morfológicas do infinitivo flexionado em vez das “formas lexicalizadas” (Villalva 2003:934) do futuro do conjuntivo.

- (90) a. Se eles não **virem** com as bradas, não entram nesta festa. [8]  
 b. Se tu **dispores** de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]  
 c. Se vocês **darem** a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação.  
 [33]

Refira-se que as formas do infinitivo flexionado como supletivas do futuro do conjuntivo estão presentes em quase todos os contextos que envolvem verbos irregulares nas frases condicionais testadas. Isto mostra que, para estes informantes, esta é uma estratégia de expressão gramatical do futuro do conjuntivo, que resulta do processo de *regularização paradigmática* ou, simplesmente, *sobregeneralização* dos paradigmas do infinitivo flexionado na flexão do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares. No Quadro 5, apresentamos os resultados relativos à ocorrência do futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado dos verbos em causa.

Quadro 5: Resultados do teste de produção provocada em frases condicionais com verbos irregulares no PM<sup>88</sup>

		Formas flexionadas	
Frases do teste	Verbo Sugerido	IFlex. (freq.)	FC (freq.)
Frase 1	Ter	Ter (1)	Tiver (20)
Frase 6	Pôr	Pores (9)	Puseres (6)
Frase 7	Ir	Ir (0)	For (17)
Frase 8	Vir	Virem (3)	Vierem (16)
Frase 12	Estar	Estares (2)	Estiveres (15)
Frase 14	Querer	Quereres (1)	Quiseres (13)
Frase 18	Haver	Haver (5)	Houver (7)
Frase 26	Vir	Vires (4)	Vieres (19)
Frase 31	Dispor	Disporem (17)	Dispuserem (2)
Frase 33	Dar	Darem (9)	Derem (9)
Frase 35	Ser	Serem (4)	Forem (15)
Frase 36	Vir	Vir (5)	Vier (12)
Frase 43	Dispor	Dispores (17)	Dispuseres (3)
Frase 45	Dizer	Dizer (9)	Disseres (12)
Total de formas usadas/(%)		86/(34,1%)	166 (65,9%)

<sup>88</sup> Foram ainda testados em estruturas condicionais os seguintes verbos regulares: *atingir*, *chover*, *divulgar* e *matrecar*.

Estes resultados corroboram estudos anteriores, como o de Pontes (1972) e o de Gonçalves *et al.* (2005). Assim, na perspectiva de Pontes (1972:47), o facto de os informantes terem usado o infinitivo flexionado para expressar o futuro do conjuntivo de certos verbos irregulares têm na base a concepção de que as formas do futuro do conjuntivo são formas análogas ou “homófonas” das formas flexionais do infinitivo flexionado. Por outro lado, Gonçalves *et al.* (2005) demonstraram também que os alunos moçambicanos dos 10º e 12º anos flexionam verbos irregulares em diferentes tempos como se de verbos regulares se tratasse, como se verifica em (91) (dados extraídos de Gonçalves *et al.* 2005:40).

- (91) a. A população de Moçambique gostaria que o régulo **isse** negociar a venda das panelas e potes.  
b. As mulheres de Macupulane querem que os líderes **ouvam** as suas preocupações.

Os resultados que se apresentam no Quadro 5 mostram que, em termos quantitativos, a ocorrência em 34,1% de formas do infinitivo flexionado no lugar do futuro do conjuntivo é um indicador importante para dar conta do fenómeno de regularização paradigmática na flexão dos verbos irregulares no PM.<sup>89</sup>

Posto isto, pode admitir-se que o infinitivo flexionado é, no PM, entendido como uma forma de expressão do futuro do conjuntivo dos verbos, o que torna evidente que, se contabilizadas em conjunto as formas do futuro do conjuntivo e as formas supletivas do infinitivo flexionado, o valor de ocorrência de formas do futuro do conjuntivo em condicionais será aproximadamente 80% e não 58%.

Como consequência do uso sobregeneralizado do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais, verifica-se uma menor ocorrência do presente do indicativo, em 17,2% do total dos casos. Este fenómeno, como vimos anteriormente, resulta sobretudo da pouca evidência do presente do indicativo inclusive na condicional genérica universal

---

<sup>89</sup> É ainda argumento a favor da regularização morfológica o facto de, dos 23 inquiridos, apenas um não apresentar nenhum caso de alternância entre o infinitivo flexionado e futuro do conjuntivo. Uma discussão mais detalhada e abrangente sobre as formas do infinitivo flexionado dos verbos irregulares é apresentada no capítulo 4.

(19% (4/21) de ocorrências na frase (92)), que no PE é preferencialmente expressa com o presente do indicativo, e em condicionais factuais que descrevem eventos verificáveis no momento da enunciação (31% (14/45) de ocorrências nas frases de (93)), frases nas quais se poderia esperar uma maior saliência do presente do indicativo.

(92) Se o canhoeiro é uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]

(93) a. *Se/já que* tu não queres trabalhar, fica em casa. [14]

b. *Se /já que* estás com babalaza<sup>90</sup>, bebe uma Coca. [12]

Estes dados revelam, assim, uma tendência característica do PM que o distingue do PE, no que diz respeito à forma das condicionais. Ou seja, no PM, e no que diz respeito às condicionais de *se*, as diferenças semântica nem sempre encontram correlato na expressão morfo-sintáctica.

Dada a questão do uso generalizado do futuro do conjuntivo e da pouca saliência do presente do indicativo em condicionais, interessa compreender os factores que possam ter contribuído para estes resultados, tendo em conta as pistas sintácticas apresentadas nas frases raiz do teste escrito de produção provocada. Como é sabido, o presente do indicativo é o tempo típico em condicionais factuais e genéricas e o futuro do conjuntivo é o tempo verbal característico de condicionais hipotéticas. Assim, tendo em conta a caracterização feita nos trabalhos sobre esta questão, o teste apresentava, sempre que possível, pistas sintácticas para a escolha entre o presente do indicativo e o futuro do conjuntivo, o que pressupunha que em frases raiz com o presente do indicativo se flexionasse o verbo no presente do indicativo e em frases raiz com verbos no futuro do indicativo ou imperativo se recorresse às formas verbais do futuro do conjuntivo. No entanto, os dados obtidos não revelam que estes factos tenham funcionado como pistas sintácticas para a distinção entre condicionais factuais e condicionais hipotéticas. De facto, o presente do indicativo é raro e

---

<sup>90</sup> Babalaza significa 'ressaca'

o futuro do conjuntivo é a tendência dominante em frases matriz com presente do indicativo, futuro do indicativo ou imperativo.<sup>91</sup>

É, no entanto, de salientar que o presente do indicativo ocorre sobretudo em contextos em que na frase matriz surge uma forma verbal no presente do indicativo. São exemplos as seguintes frases do teste de produção provocada:

- (94) a. Se tu não \_\_\_\_\_ (pôr) magumbas na geleira, elas estragam-se. [6]  
b. Se tu não \_\_\_\_\_ (querer) trabalhar, fica em casa. [14]  
c. Se não \_\_\_\_\_ (haver) muitos passageiros, os chapeiros não param nesta paragem. [18]

Além do tempo da matriz, poderá ter contribuído para o uso do indicativo nestas frases o reconhecimento de certos valores semânticos: *crença* e *habitualidade*. Por exemplo, em (94a), o falante parte do conhecimento da realidade de que o peixe precisa de ser conservado, o que lhe permite concluir que este pode estragar-se ao não ser posto no frigorífico. Em (94b), o locutor parte da observação (ou crença) de que o seu interlocutor não tem trabalhado, o que o faz sugerir-lhe que fique em casa. No exemplo (94c), o conhecimento da realidade está associado ao factor *habitualidade*, podendo esta frase ser parafraseada por “*Sempre que não há passageiros, os chapeiros não param nesta paragem*”. De um modo geral, e por outras palavras, os inquiridos que optaram pelo presente do indicativo neste grupo de frases fizeram-no ou por as frases favorecerem a leitura genérica habitual e factual ou por a situação descrita se verificar e ser observável no momento da enunciação.<sup>92</sup>

O uso generalizado do futuro do conjuntivo, de um modo particular, pode-se explicar a partir do tempo verbal da frase raiz. Tomem-se em consideração, por exemplo, as frases (95a), com o futuro de indicativo na raiz, e (95b), com uma forma supletiva do imperativo na raiz.

---

<sup>91</sup> Com excepção da frase: *Se a água \_\_\_\_\_ (atingir) a temperatura de 100°C, começa a ferver*, em que a população-alvo recorreu quer às formas do presente do indicativo (11 vezes) quer às do futuro do conjuntivo (10 vezes), de forma equitativa.

<sup>92</sup> Cf. o seguinte teste de factualidade aplicado à frase (94b): *Tu não queres trabalhar, então fica em casa*. Cf. atrás a secção 2.1.2.

- (95) a. Se o casal não \_\_\_\_\_ (ter) filhos, poderá adoptá-los. [1]  
b. Se \_\_\_\_\_ (ir) a Inhambane, não deixes de ir ao tofo. [26]

Em frases como (95a), o futuro do indicativo na frase raiz poderá ser a pista para a opção generalizada pelo futuro do conjuntivo na oração encaixada. Repare-se ainda que, se se assumir, tal como é defendido por Azevedo (1976:34-36), que o modo conjuntivo em orações adverbiais é obrigatoriamente seleccionado pelo traço distintivo [+futuro] do verbo da oração subordinante, no caso particular da frase (95a), este é o único tempo do conjuntivo possível de ocorrer neste contexto, que, caso se tenha interpretado como tal, favorece a tendência para generalizar o tempo/modo (futuro do conjuntivo) na encaixada, já que nenhum outro tempo pode correr, conforme se pode ver em (96).<sup>93</sup>

- (96) \*Se o casal não *tenha/tivesse* filhos, poderá adoptá-los.

Em orações condicionais encaixadas em frases raiz em que a forma verbal tem o valor de imperativo, de que (95b) é um exemplo, o uso do futuro do conjuntivo é igualmente determinado pelo tempo do verbo da frase matriz, interpretado como [+ futuro]. Por isso, verificou-se a ocorrência do futuro do conjuntivo sempre que o verbo da matriz se encontrava no imperativo ou no presente do conjuntivo enquanto forma supletiva do imperativo, mesmo quando o valor factual é acessível (veja-se a nota 87).

Em **síntese**, a análise dos dados de produção provocada permite concluir que:

- o futuro do conjuntivo está a especializar-se em orações adverbiais condicionais, tendo sido o tempo preferencialmente seleccionado pelos sujeitos inquiridos, independentemente de a condicional favorecer ou não uma leitura factual e independentemente de na matriz surgir o presente do indicativo.

---

<sup>93</sup> É de salientar que, de facto, houve preferência quase só pelo futuro do conjuntivo por parte de todos os inquiridos em frases com futuro do indicativo na raiz, mesmo nas que têm um valor factual acessível: *Se o casal não tem filhos, poderá adoptá-los.* [1]/ *Se dispões de dicionário, será fácil fazer a tradução.* [31]

- apesar do enunciado anteriormente, um número reduzido de sujeitos seleccionou o presente do indicativo em frases com leituras factual/genérica habitual e universal acessíveis.
- as formas morfológicas do infinitivo flexionado funcionam como uma forma de expressão do futuro do conjuntivo dos verbos no PM, mesmo quando os verbos são irregulares.

### 3.2.1.2. O futuro do conjuntivo em temporais introduzidas por *quando*

Tal como acontecia relativamente às orações condicionais, nas temporais a tarefa consistia em flexionar as formas verbais apresentadas entre parênteses. O comportamento dos informantes relativamente a essa tarefa produziu os resultados que se apresentam na figura a seguir:

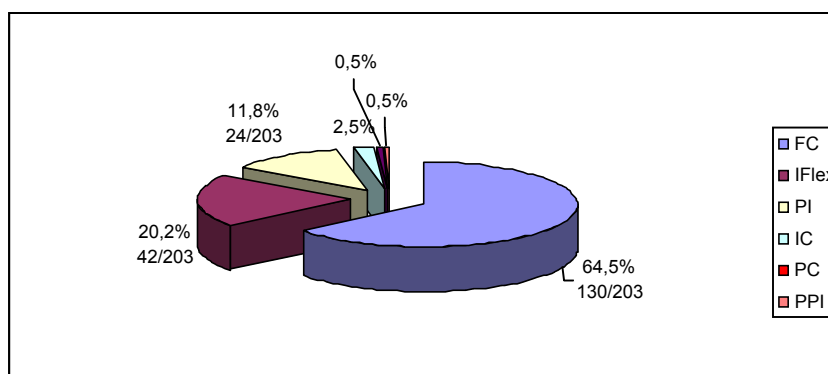


Figura 7: Resultados da tarefa de produção provocada em frases temporais no PM

Estes resultados revelam uma tendência idêntica à que se observou a propósito das frases condicionais. O futuro do conjuntivo é o tempo mais escolhido, ocorrendo em 64,5% dos casos; de seguida, encontram-se as formas do infinitivo flexionado no lugar do futuro do conjuntivo em 20,2% dos casos; o presente do indicativo surge em 11,8% dos casos e, finalmente, ocorrem as outras formas (presente e imperfeito do conjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo, de novo, residuais).

Ao analisar-se as formas do futuro do conjuntivo, constata-se que elas são exclusivas em frases temporais com o imperativo e ou o futuro do indicativo na frase raiz (cf. (97)) e se sobrepõem ao indicativo em temporais com indicativo na raiz (cf. (98)).

- (97) a. Quando *derem* 12 horas, feche as portas do contentor.<sup>94</sup> [9]  
b. Dir-me-ás os resultados do teste quando *fores* à faculdade. [32]
- (98) a. Quando *estiver* mau tempo, os barcos não circulam na baía de Inhambane.  
[30]  
b. O motorista só pára quando o cobrador *disser* “paragem”. [10]

A diferença nos resultados entre estes grupos de frases reside no facto de em frases como as de (97) ocorrerem apenas as formas do futuro do conjuntivo ou as formas do infinitivo flexionado, enquanto que nas frases de (98) quase metade das formas usadas são formas do presente do indicativo. Tomando como exemplo as frases em (97) e (98), isto querará dizer que os informantes reconhecem nas frases em (97) o bloqueamento da opção pelo presente do indicativo na oração temporal, visto que ocorre na oração superior uma forma verbal do futuro do indicativo ou formas supletivas do imperativo (presente do indicativo ou presente do conjuntivo). Pelo contrário, em (98), com o presente do indicativo na superior, os inquiridos permitem o uso do presente do indicativo na encaixada com uma leitura de eventos habituais ou genéricos sem delimitação temporal (ver paráfrase de (98) em (99)) e o uso futuro do conjuntivo, com uma leitura hipotética temporalmente delimitada (cf. (100)).

- (99) a. *Sempre que está* mau tempo, os barcos não circulam na baía de Inhambane.  
b. O motorista só pára *sempre que* o cobrador diz “paragem”.
- (100) a. Quando *estiver* mau tempo, os barcos não circulam na baía de Inhambane.  
b. O motorista só pára quando o cobrador *disser* “paragem”.

Assim, os resultados mostram claramente que, no PM, o futuro do conjuntivo é obrigatório quando ocorre na raiz uma forma verbal do futuro do indicativo ou imperativo:

---

<sup>94</sup> Em Moçambique, os contentores são usados como mercearias ou armazéns.

- (101) a. Dir-me-ás os resultados do teste quando *fores* à faculdade. [32]  
b. Quando *chegarmos*, vamos visitar os nossos velhos. [41]  
c. Quando *derem* 12 horas, feche as portas do contentor. [9]

Por outro lado, o futuro do conjuntivo, apesar de preferencial, é opcional em temporais com o presente do indicativo na frase raiz:

- (102) a. Quando *estiver/está* mau tempo, os barcos não circulam ma baía de Inhambane. [30]  
b. O motorista só pára quando o cobrador *disser/diz* “paragem”. [10]

As duas generalizações enunciadas podem ser visualizadas nos gráficos da Figura 8 a partir do contraste dos resultados dos dois tipos de estruturas temporais relevantes:

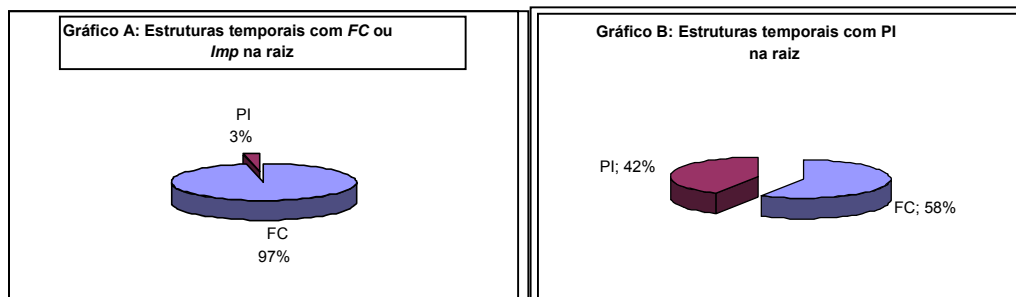


Figura 8: Resultados dos dois tipos relevantes de condicionais no PM

Em orações temporais, como nas condicionais previamente analisadas, as formas do infinitivo flexionado de verbos irregulares são também formas de expressão do futuro do conjuntivo (cf. (103)), como resultado do processo de regularização paradigmática das formas do futuro do conjuntivo na flexão dos verbos irregulares.

- (103) a. Quando nós **vermos** o Paulo, diremos o necessário. [21]  
b. O motorista só pára quando o cobrador **dizer** ‘paragem’. [10]

Os resultados quantitativos mostram que as formas morfológicas do infinitivo flexionado em substituição das formas lexicalizadas do futuro do conjuntivo ocorrem com todos os verbos irregulares testados (*dar, dizer, ver, estar, ir ter*), correspondendo a 31% dos casos (cf. Quadro 6).

Quadro 6: Resultados do teste de produção provocada em temporais com verbos irregulares

		Formas flexionadas	
Frases do teste	Verbo Sugerido	IFlex. (freq.)	FC (freq.)
Frase 9	Dar	Darem (8)	Derem (15)
Frase 10	Dizer	Dizer (2)	Disser (10)
Frase 21	Ver	Vermos (13)	Virnos (6)
Frase 30	Estar	Estar (1)	Estiver (13)
Frase 32	Ir	Ires (4)	Fores (19)
Frase 39	Ver	Ver (12)	Vir (7)
Frase 44	ter	Ter (1)	Tiver (21)
Total de formas usadas/(%)		41/(31%)	91(69%)

Em síntese, em orações adverbiais introduzidas pelo operador *quando*, a análise dos resultados da tarefa de produção provocada aponta para as seguintes conclusões:

- o futuro do conjuntivo é o tempo preferencialmente usado tanto nos contextos de ocorrência *obrigatória*, quando o tempo verbal da raiz é o futuro do indicativo ou o imperativo, como nos contextos de uso *opcional*, quando ocorre na raiz o presente de indicativo.
- em temporais com indicativo na matriz, ocorre o presente do indicativo, ainda que menos frequentemente do que o futuro do conjuntivo, quando se reconhece nas proposições o valor genérico ou habitual atemporal.<sup>95</sup>

<sup>95</sup> Neste contexto, o PE é distinto do PM, por preferir o indicativo ao conjuntivo em temporais com valor genérico habitual: *Se faz mau tempo, os barcos não circulam nos Açores.*

- As formas morfológicas do infinitivo flexionado ocorrem em vez das formas lexicalizadas do futuro do conjuntivo de verbos irregulares, como resultado da regularização paradigmática da flexão verbal.

### 3.2.2. Resultados do teste de juízo de gramaticalidade

Para verificar parâmetros relacionados com a expressão do futuro do conjuntivo como a *distribuição* e a *flexão* em condicionais e temporais, de modo a tornar os resultados da tarefa de produção provocada mais consistentes, recorremos a uma tarefa de juízo de gramaticalidade que consistiu na escolha de uma frase de entre três propostas em cada grupo: uma com o verbo flexionado no presente do indicativo, uma com o verbo no futuro do conjuntivo e uma com o verbo flexionado no infinitivo flexionado, nas respectivas encaixadas (cf. secção 1.3.3 do capítulo 1). Os resultados são apresentados e analisados nas secções 3.2.2.1, no que diz respeito à tarefa de julgamento em frases condicionais, e 3.2.2.2, quanto à tarefa de juízo de gramaticalidade em frases temporais.

#### 3.2.2.1. O futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por *se*

No que respeita às frases condicionais que, isoladamente, dificilmente favorecem a leitura genérica habitual, como em (104), a maioria dos informantes optou pelas frases que apresentavam a forma verbal no futuro do conjuntivo.

(104) a. Se ele nos *der* muita grana, não é kakata.<sup>96</sup> [5]

b. Se *fores* esperto, bates o exame da UEM. [7]

Por sua vez, em frases como as de (105), que podem ter um valor factual acessível no momento da enunciação ou que expressam generalizações de um evento episódico, a maioria dos informantes seleccionou igualmente a frase com o futuro do conjuntivo na encaixada.

(105) a. Se *estiveres* com malária, não sairás do gone.<sup>97</sup> [1]

---

<sup>96</sup> *Kakata* é *avarento* em PE. A ortografia desta palavra varia, podendo ser escrita *cacata* (cf. Lopes *et al.* 2002:38). Aqui adoptamos a norma ortográfica das línguas bantu, de que ela é empréstimo, usada por Dias (2002).

b. Se *puseres* o metal ao lume, ele derrete. [3]

Note-se, no entanto, que em todos os grupos de frases houve sujeitos a optarem pela frase com o presente do indicativo na encaixada, quer naquelas com as características de (104) quer de (105), como se verifica em (106).

(106) a. Se pões o metal ao lume, ele derrete. [3]

b. Se vens à discoteca bem grifado, entras sem pagar. [10]

Apesar disso, a selecção da frase com o presente do indicativo não se sobrepõe à escolha de frases com o futuro do conjuntivo, mesmo em condicionais genéricas, nas quais poderia esperar-se que preferencialmente se usasse o presente do indicativo, como por exemplo em (106a). Com efeito, apenas nas frases (106a) e (106b) o presente do indicativo ocorre com uma frequência mais alta – (39%) e (30,4%), respectivamente –, enquanto nas restantes frases, a opção pela frase com o referido tempo é igual ou inferior a 17%. Estes resultados quererão dizer que as condicionais com valor genérico, como (106a), são as que mais favorecem a opção pelo presente do indicativo. Em relação a (106b), os falantes podem, além disso, ter seleccionado o indicativo com uma frequência significativa pela intenção de expressarem habitualidade “*Sempre que vens à discoteca bem grifado, entras sem pagar*” ou por terem atribuído ao presente do indicativo o valor de futuro “*Se vens (= vieres) à discoteca bem grifado, entras (= entrarás) sem pagar*”, caso em que a materialização ou não do evento descrito na condição somente poderá ser verificada num momento posterior ao da enunciação.

Em suma, estes dados confirmam que, em PM, não só o futuro do conjuntivo é plenamente aceite em condicionais como, além disso, os falantes preferem o futuro do conjuntivo, mesmo quando a condicional é genérica, como em (107).

(107) *Geralmente/ Normalmente/Sempre*, se pões o metal ao lume, ele derrete. [3]

---

<sup>97</sup> *Gone* equivale a *casa* em PE. Nesta frase, verifica-se uma generalização do futuro do conjuntivo, em 86% dos casos, o que pode dever-se ao tempo da matriz que se encontra no futuro do indicativo.

Quanto à flexão, verifica-se uma maior preferência pelas formas lexicalizadas do futuro do conjuntivo (cf. (108)).

- (108) a. Se ela nos *der* muita grana, não é kakata. [5]  
b. Se *fores* à discoteca bem grifado, entras sem pagar. [10]

A opção pela frase que apresenta o infinitivo flexionado em vez do futuro do conjuntivo é pouco frequente. Assim, por exemplo, em frases como as de (109), apenas alguns sujeitos (3/23) optaram pela frase em que o infinitivo flexionado ocorre.

- (109) a. Se **estares** com malária não sairás do gone. [1]  
b. Se ela nos **dar** muita grana, não é kakata. [5]

Em **síntese**, a tarefa de juízo de gramaticalidade permite retirar as conclusões abaixo apontadas, confirmando, no essencial, os resultados da tarefa de produção provocada:

- a maioria dos sujeitos sobregeneraliza o uso do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais em geral, mesmo quando é uma condicional genérica universal.
- devido à conclusão anterior, poucos sujeitos seleccionam frases com o presente do indicativo na encaixada e, quando isto sucede, o indicativo (presente) é seleccionado em qualquer tipo de estrutura condicional, incluindo as com leitura factual pouco acessível.
- a maioria dos inquiridos reconhece os paradigmas flexionais dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo, embora parte destes tenha na sua gramática formas regularizadas do infinitivo na flexão do futuro do conjuntivo.<sup>98</sup>

### 3.2.2.2. O futuro do conjuntivo em temporais introduzidas por *quando*

Em frases temporais, o comportamento dos informantes na escolha da frase que consideram gramatical revela, por um lado, uma generalizada selecção de frases com futuro

---

<sup>98</sup> Porém, os resultados globais revelam que, em condicionais e temporais, o infinitivo flexionado, no lugar do futuro do conjuntivo está presente na gramática da maioria dos sujeitos, dado que 16 dos 23 inquiridos recorreram a pelo menos uma das frases que apresentam o verbo no infinitivo flexionado.

do conjuntivo na encaixada em temporais nas quais ocorre na matriz uma forma verbal no futuro do indicativo (cf. (110a)) ou no imperativo (cf. (110b)).

(110)a. Quando *tivermos* tempo, beberemos um copo.<sup>99</sup> [6]

b. Quando *vires* o António, dá-me um toque. [4]

Por outro lado, é notória uma maior preferência pelo presente do indicativo em temporais que apresentam na matriz uma forma verbal no presente do indicativo e que expressam regularidade de eventos (cf. (111)).

(111) a. Quando faz muito calor, as pessoas ferram tarde. [2]

b. Quando há muitos chapas, as crianças chegam cedo à escola. [8]

Note-se que, nestas frases, a regularidade de eventos (ou habitualidade) é facilmente reconhecida, não apenas pelo facto de estas frases descreverem eventos habituais, tendo em consideração o conhecimento que os falantes têm do mundo, mas também pelo facto de o operador *quando* poder ser substituído por *sempre que*, sem afectar o tempo dos eventos (presente genérico) (cf. (112)). Pelo contrário, em frases temporais com valor de condicional hipotética, a substituição de *quando* por *sempre que* produz resultados marginais (cf. (113)).

(112) a. *Sempre que* faz muito calor, as pessoas ferram tarde.

b. *Sempre que* há muitos chapas, as crianças chegam cedo à escola.

(113) a. ?*Sempre que* *tivermos* tempo, beberemos um copo.

b. ?*Sempre que* *vires* o António, dá-me um toque.

---

<sup>99</sup> Note-se que, nestes contextos, parece existir restrição no uso do presente do indicativo pelo facto de este tempo não permitir que o evento descrito na temporal seja posterior ao momento da enunciação, como acontece com o futuro do conjuntivo:

(i) \*Quando temos tempo, beberemos um copo.

(ii) \*Quando chegas a casa, telefona-me.

A opção pelo infinitivo flexionado regista-se apenas numa única frase temporal com o verbo *ver* (cf. (114))

(114) Quando **veres** o António, dá-me um toque. [4]

Como se observou relativamente aos dados de produção provocada, os falantes terão recorrido à forma *veres* como resultado da aplicação da regra que a sua gramática activa numa situação de hesitação entre o infinitivo flexionado e as formas lexicalizadas.

Em **síntese**, em temporais, os resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade permitem confirmar, relativamente aos dados de produção provocada, que:

- o futuro do conjuntivo é recorrente em temporais que apresentam o futuro do indicativo ou o imperativo na frase raiz.
- o futuro do conjuntivo é opcional quando ocorre na matriz o presente do indicativo. Mas o tempo mais escolhido na encaixada é o presente do indicativo nas frases com valor genérico atemporal (cf. *Quando faz muito calor, as pessoas ferram tarde*. [2])
- o infinitivo flexionado é uma opção pouco frequente, verificando-se apenas em contexto de flexão do verbo *ver*.

### **3.2.2.3. Resultados dos testes de produção provocada e do teste de juízo de gramaticalidade: conclusões preliminares**

Com base nos resultados dos testes de produção provocada e no de juízo de gramaticalidade, conclui-se que, no PM, o uso do futuro do conjuntivo está a sobregeneralizar-se em estruturas condicionais, no geral, nomeadamente: (i) condicionais em que a leitura factual é pouco acessível (dependendo a factualidade de uma interpretação genérica); (ii) condicionais com leituras factual e hipotética facilmente acessíveis e (iii) condicionais genéricas universais, em que poderia esperar-se (tendo em conta os dados do PE) que o uso do futuro do conjuntivo fosse bloqueado.

Em estruturas temporais, o futuro do conjuntivo é o tempo seleccionado obrigatoriamente quando depende de uma frase raiz com o verbo principal flexionado no

futuro do indicativo ou imperativo. Em temporais com o presente do indicativo na raiz, o futuro do conjuntivo é opcional, sendo o seu uso fortemente favorecido sempre que a frase tem um valor simultaneamente temporal e condicional hipotético e menos recorrente quando a frase tem um valor temporal genérico habitual.

A substituição das formas lexicalizadas do futuro do conjuntivo de verbos irregulares pelas formas morfológicas do infinitivo flexionado é o resultado da regularização paradigmática do futuro do conjuntivo. Este fenómeno é mais evidente na tarefa de produção provocada do que na tarefa de juízo de gramaticalidade, o que nos leva a concluir que os inquiridos têm maior dificuldades na produção dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo do que na tarefa de reconhecimento das formas flexionadas desse tempo.

### **3.2.3. A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo nos dados de fala espontânea**

Nos dados escritos de produção provocada, verificámos que o futuro do conjuntivo é o tempo mais recorrente nas condicionais e nas temporais testadas. O presente do indicativo é o tempo preferido em temporais com valor genérico habitual apenas nos dados de juízo de gramaticalidade. Para a expressão gramatical do futuro, recorre-se, para além do futuro do conjuntivo, a formas que resultam da regularização paradigmática do futuro do conjuntivo de verbos irregulares, substituindo-se as formas lexicalizadas deste tempo pelas formas morfológicas do infinitivo flexionado. Nesta secção, analisa-se a distribuição e a expressão do futuro do conjuntivo em condicionais e temporais nos dados de língua falada produzidos por informantes com o mínimo de 12º ano de escolaridade.<sup>100</sup> Deste modo, esta secção é constituída por duas subsecções: em 3.2.3.1, apresentamos o comportamento dos inquiridos no que diz respeito ao uso do futuro do conjuntivo em adverbiais condicionais introduzidas por *se* e, em 3.2.3.2, apresentamos o comportamento dos informantes relativamente ao uso do futuro do conjuntivo em adverbiais temporais introduzidas pelo conector *quando*.

---

<sup>100</sup> Porém, sempre que necessário, faremos menção ao comportamento dos informantes com um nível de escolaridade inferior, sobretudo relativamente às estruturas em que se registam diferenças importantes.

### 3.2.3.1. O futuro do conjuntivo em condicionais introduzidas por *se*

Nos dados de fala espontânea recolhidos, a distribuição dos tempos verbais relevantes em estruturas condicionais é a que se apresenta na Figura 9.

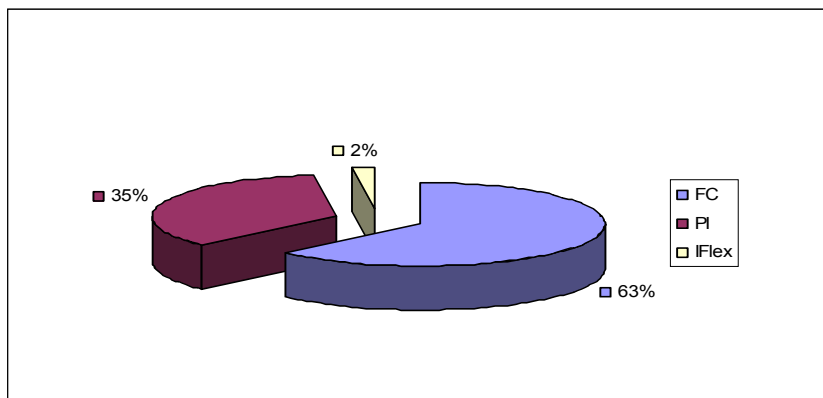


Figura 9: Tempo e modo em condicionais nos dados de fala espontânea da população instruída do PM

Como se pode observar, os informantes produziram mais condicionais com futuro do conjuntivo (63%) e menos com indicativo (35%), sendo a opção por infinitivo flexionado residual (2%).

No que diz respeito a frases com futuro do conjuntivo, os dados mostram que este tempo sobressai em condicionais preferencialmente interpretadas como hipotéticas, em que se expressam eventos prováveis de realização futura:

- (115) a. Se não *chover*, irei sair amanhã. (LFM49)
- b. Se *virem* ele jogar futebol, venham me dizer. (IMC64)
- c. Se eu *conseguir* que ele cresça, vai ser bom. (EG67)
- d. Se eu *tiver* que falar as outras, eu falo. (RMF55).

A maioria das condicionais produzidas é do tipo das de (115a-d), caracterizadas por não favorecerem uma interpretação genérica habitual, como mostra a agramaticalidade das sequências em (116). No entanto, surgem também condicionais com o futuro do conjuntivo

na encaixada que expressam eventos de realização frequente ou habitual, ainda que não realizados no momento da enunciação. Vejam-se, a este propósito, os dados em (117).<sup>101</sup>

- (116) a. \**Sempre que não chove, irei sair amanhã.* (LFM49)
- b. \**Sempre que vêm ele jogar futebol, venham me dizer.* (IMC64)
- c. \**Sempre que eu consigo que ele cresça, vai ser bom.* (EG67)

- (117) a. Se eu *tiver* alguma curiosidade, posso pegar num livro de gramática.  
(IMC64)
- b. Se *tiver* um tempinho, passear visitar os pais. (CFM54)
- c. Se não *tiver* repolho, preparo assim. (ALAC40)

Ao contrário das frases de (116), as frases em (117) têm uma leitura genérica habitual, com um valor factual acessível, daí admitirem naturalmente o uso do presente do indicativo, que favorece a leitura habitual (cf. (118)).

- (118) a. *Sempre que eu tenho alguma curiosidade, posso pegar num livro de gramática.*
- b. *Sempre que eu tenho um tempinho, passear, visitar os pais.*
- c. *Sempre que não tenho repolho, preparo assim.*

Em suma, os dados de fala espontânea levam-nos a concluir que o futuro do conjuntivo é usado em condicionais quer com o valor hipotético quer com o valor factual, o que poderá explicar a maior frequência de ocorrência, no *corpus* oral, de estruturas condicionais com futuro do conjuntivo do que com o presente do indicativo.

Analisemos de seguida as condicionais com o presente do indicativo na encaixada. O seu uso está associado ao valor factual, exprimindo factos reais e de realização habitual (cf. (119)).

---

<sup>101</sup> Estes exemplos ocorrem em contextos de resposta sobre o que faz o falante nos tempos livres.

- (119) a. Se não vou correr nas manhãs, estou com (*um*) grupo de amigos. (JR41)  
b. Se não há jantares de confraternização, vou à discoteca. (JR41)  
c. Se a criança não fala Português, é olhada de uma maneira diferente.  
(CFM54)  
d. Se estou na faculdade é por vontade própria. (NC62)  
e. Se o aluno não é dedicado, chumba. (ACAT57)

No entanto, há casos em que o presente do indicativo ocorre em condicionais com leitura factual não acessível, o que revela que este tempo pode ocorrer para veicular o mesmo valor que o futuro do conjuntivo.<sup>102</sup>

- (120) a. Se eu te levo para Lichinga, vais encontrar pessoas que falam português de maneiras diferentes. (NZC39)  
b. Se eu tiro 15 milhões para pagar [uma casa] e o resto, a minha escola, alimentação, quem paga? (RMF55)  
c. Se a criança tem problemas em casa, vou tentar ver o que fazer para ajudar.  
(CFM54)

Apesar de os dados não serem em número suficiente para serem conclusivos, não é invalidada a hipótese de que o presente do indicativo tenha o valor semântico de futuro do conjuntivo se considerarmos que as frases de (120) não têm um valor genérico universal nem factual, dado que o conteúdo das frases não é verificável no momento da enunciação. Além disso, a maioria dos exemplos com o presente do indicativo aponta para a existência de uma concordância temporal entre o tempo da encaixada e o tempo da matriz idêntica à que se verifica quando ocorre o futuro do conjuntivo na encaixada de uma condicional hipotética, vejam-se as correlações temporais em (121).

---

<sup>102</sup> Nos dados de falantes menos instruídos, identificam-se casos similares:

- (i) Se eu **penso** [em] voltar [à minha ex-esposa], eu risco a minha vida. (ALC50)  
(ii) Se **apanho** emprego, vou ir estudar. (ALC50)  
(iii) Se não **se resolve** a situação do salário, [a corrupção] vai piorar. (CM48)

- (121) a. Se eu te **levo** (=levar) para Lichinga, **vais encontrar** pessoas que falam português de maneiras diferentes. (NZC39)
- b. Se a criança **tem** (=tiver) problemas em casa, **you tentar ver** o que fazer para ajudar. (CFM54)
- c. Se **apanho** (=apanhar) um emprego, **you ir estudar**. (ALC50)

Relativamente ao uso do infinitivo flexionado no lugar de futuro do conjuntivo, verifica-se que os informantes não produzem com frequência estas formas no discurso oral, registando-se apenas dois casos, ambos com o verbo *ver*:

- (122) a. Se não **ver** o filme, vou ao teatro. (D44)
- b. Este fim de semana se eu não **ver** o filme, hei-de sair com a família. (DBL60)

Contudo, nos dados de falantes menos instruídos (com escolaridade inferior ao 12º ano), verifica-se uma tendência para substituir as formas lexicalizadas do futuro do conjuntivo pelas formas morfológicas do infinitivo flexionado, conforme ilustram os exemplos em (123).

- (123) a. Se **dar** para me tirar deste trabalho me porem noutro podem fazer. (MS42) (10º ano)
- b. Se eu **ter** um espaço, construo uma casa. (C43) (8º ano)
- c. Se **estar** vivo, eu vou contar isso. (ALC50) (7º ano)
- d. Se **ir** na escola, não hei-de conseguir. (L50) (7º ano)
- e. Se aqui não **vir** próximo ano, [irei à escola]. (MAM53) (8º ano)
- f. Se você **fazer** isso, eu vou entregar o relatório. (AN56) (8º ano)
- g. Se não me **ver** pode informar a eles. (GM57) (10º ano)
- h. Se caso um dia **serem** chamados, falam assim. (AB68) (4º ano)

Estes dados mostram que a regularização paradigmática do futuro do conjuntivo se manifesta na gramática dos informantes menos instruídos, tendo todos eles adoptado esta

estratégia para a maioria dos verbos irregulares cujas formas do futuro do conjuntivo diferem das do infinitivo flexionado, como *dar, ter, fazer, ser, ver*. Constituem uma excepção a esta estratégia generalizada os contextos de uso do verbo *ir*, já que a maioria dos entrevistados usou a forma *for*, e não *ir*, o que indica que as formas lexicalizadas de futuro do conjuntivo do verbo *ir* foram adquiridas, mesmo pelos falantes com nível de escolaridade mais baixo.

Em **síntese**, nos dados de fala espontânea, (i) o uso do futuro do conjuntivo é sobregeneralizado, verificando-se mesmo em condicionais que têm acessível uma leitura factual. (ii) O presente do indicativo é seleccionado em condicionais factuais e em genéricas habituais, sendo só esporadicamente usado em condicionais com valor hipotético.

(iii) Nos dados da população instruída, nota-se um menor recurso ao infinitivo flexionado como substituto das formas lexicalizadas de futuro do conjuntivo, ao contrário do que acontece entre a população menos instruída, em que esta opção é muito evidente.

### 3.2.3.2. O futuro do conjuntivo em temporais introduzidas por *quando*

Na fala espontânea, os informantes mais instruídos produziram um maior número de orações temporais com o presente do indicativo do que com o futuro do conjuntivo.

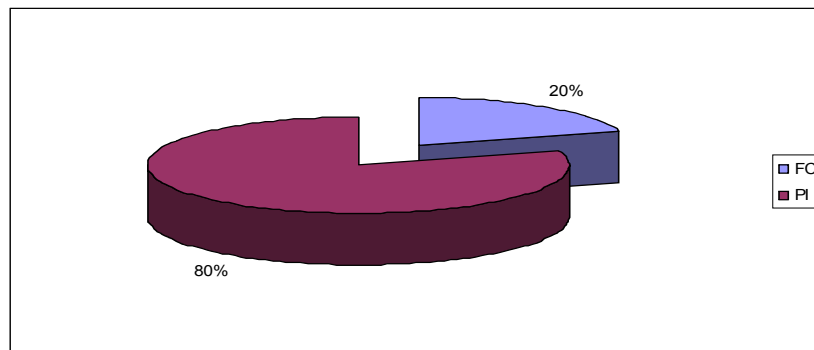


Figura 10: Tempo e modo em temporais nos dados orais da população instruída do PM

A maior ocorrência do presente do indicativo (80%) do que do futuro do conjuntivo (20%) decorre do facto de, nos dados recolhidos, surgirem mais temporais com valor genérico habitual do que com valor condicional hipotético.<sup>103</sup>

Do ponto de vista estritamente sintáctico, as frases produzidas com o futuro do conjuntivo ocorrem com verbos na oração matriz no futuro do indicativo ou imperativo, ou seja, ocorrem em contextos que têm sido caracterizados como de uso obrigatório do futuro do conjuntivo (cf. (124)).

- (124) a. Quando o dia *chegar*, vai acontecer. (NZC39)
- b. Quando *chegar* o sábado, terei que arranjar mecanismos. (AJ62)
- c. Quando *fores* lá, fala com Pacha Viegas. (PV70)

Além disso, foram produzidas estruturas temporais com o futuro do conjuntivo em contextos de uso opcional, ou seja, com infinitivo flexionado ou com presente do indicativo na frase matriz.<sup>104</sup>

- (125) a. As pessoas quando *saírem* dali, estarem fortes no Inglês. (CFM54)
- b. Quando *der* para voltar, estar em condições para voltar. (EG67)
- c. Quando *tivermos* tempo, vamos à praia. (AJ62)

Para exprimir eventos com uma leitura habitual, o tempo que ocorre nas frases adverbiais temporais, bem como nas respectivas frases matriz, é o presente de indicativo.

- (126) a. Quando ele começa uma briga, eu calo. (CFM54)
- b. Quando estou em casa, falo Changana. (AJ65)
- c. Quando consigo terminar o dia com sucesso, digo tudo bem. (EBN69)

---

<sup>103</sup> Em frases que integram temporais com o futuro do conjuntivo, exprimem-se factos prováveis no futuro, daí caracterizarmos as orações encaixadas como temporais com valor condicional hipotético:

- (i) Quando as crianças *dormirem*, vou aproveitar para fazer o trabalho de Linguística. (NC62)
- (ii) Quando *der* para voltar, estar em condições para voltar. (EG67)

<sup>104</sup> Ocorrem duas frases que atestam a correlação futuro do conjuntivo e presente do conjuntivo, sendo a ocorrência do presente do conjuntivo determinada pelo advérbio *Talvez*: *Talvez quando eu terminar o curso possa inscrever a escola*. (DBL60)

O presente do indicativo não ocorre, nos dados de fala espontânea, em temporais com valor simultaneamente temporal e condicional hipotético, nas quais o futuro do conjuntivo é seleccionado em função do tempo futuro da frase matriz. Porém, na gramática dos falantes menos instruídos, este fenómeno é frequente, conforme ilustram os exemplos a seguir:

- (127) a. Quando eu **morre**, eles ficar a lembrar. (ALC50)  
b. Quando [meu filho] **vai fazer** 10, 15 anos, lhe meter numa oficina. (MAM53)  
c. Quando ainda **precisa** de vosso encontro lá fora aqui não, aqui só quero a mãe das crianças. (AB68)

Estes dados favorecem a hipótese, inicialmente discutida para as condicionais, segundo a qual o presente de indicativo pode ser uma forma de expressão do valor semântico de futuro do conjuntivo no PM. Este é um assunto que fica em aberto, em termos de discussão neste trabalho, visto tratar-se de um valor temporal não básico do presente do indicativo.

Em temporais produzidas por falantes com um nível de instrução alto, não ocorrem as formas do infinitivo flexionado no lugar do futuro do conjuntivo. Estas formas encontram-se apenas nos dados da população com nível mais baixo de instrução.

- (128) a. Quando eu **ter** meu carrinho, vai me ajudando a fazer outras coisas. (MS42)  
b. Quando ele **vir**, vão vir vos matar. (AN56)

Em **síntese**: (i) o futuro do conjuntivo é usado em temporais que apresentam formas verbais com valor de futuro na frase matriz (futuro do indicativo, presente, imperativo e infinitivo flexionado).

(ii) o presente do indicativo é o tempo que ocorre em temporais com presente do indicativo na matriz, associadas a um valor condicional habitual.

(iii) Na gramática de falantes menos instruídos, verifica-se a regularização paradigmática do futuro do conjuntivo e o uso do presente do indicativo em temporais que

seleccionam o futuro do conjuntivo de acordo com a descrição feita para o PE. A gramática dos falantes do PM mais instruídos não difere, neste aspecto, do PE.

### **3.3. Comparação dos resultados de produção escrita provocada com os resultados de fala espontânea**

Nesta secção, procedemos à comparação dos resultados dos testes de produção provocada com os da fala espontânea, a fim de formular generalizações a respeito da distribuição e da expressão do futuro do conjuntivo nos dados analisados neste capítulo.

Os dados de produção escrita provocada realçam que o futuro do conjuntivo está a especializar-se em todas as condicionais testadas. Pelo contrário, na produção oral espontânea, verifica-se que os falantes usam o futuro do conjuntivo quase sempre em condicionais hipotéticas, havendo, no entanto, algumas, não raras, ocorrências do futuro do conjuntivo em frases com os valores genérico habitual e factual facilmente acessíveis.

Por outro lado, verifica-se o uso do presente do indicativo com mais saliência na fala espontânea do que nos dados elicitados (35% e 17,2% dos casos, respectivamente). Este facto pode ser explicado por na oralidade terem sido produzidas maioritariamente condicionais associadas a factos de realização frequente e ainda por ocorrer o presente do indicativo com valor semântico de futuro do conjuntivo em estruturas onde se esperaria, obrigatoriamente ou preferencialmente, o futuro do conjuntivo.<sup>105</sup>

No que se refere ao uso do futuro do conjuntivo em orações temporais, observámos que, quer nos dados de produção escrita provocada quer nos dados orais, os falantes usam regularmente o futuro do conjuntivo em orações temporais que, de acordo com a descrição feita para o PE, seleccionam obrigatoriamente este tempo.

Na população universitária testada, a regularização dos paradigmas do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares, com substituição das formas lexicalizadas pelas formas do infinitivo flexionado, é mais evidente na actividade de produção escrita provocada do que na fala espontânea. Isto é decorrente do facto de, na produção oral, terem sido usados verbos (mais frequentes no *input*) que não apresentam dificuldades de flexão para a maioria

---

<sup>105</sup> Quase todos os inquiridos que produziram condicionais factuais com indicativo na encaixada têm o Português como L1, o que explica que a sua gramática seja muito próxima à do PE.

dos sujeitos instruídos.<sup>106</sup> Significativamente, contudo, na tarefa de produção escrita provocada, os resultados do uso do infinitivo flexionado no lugar do futuro do conjuntivo pelos estudantes universitários testados aproxima-se dos resultados do discurso oral espontâneo da população com escolaridade inferior ao 12º ano.

### 3.4. Conclusões

A análise dos dados permitiu verificar as hipóteses apresentadas nos capítulos iniciais deste trabalho e levantar novas para a discussão.

Um dos aspectos que mais sobressai da descrição dos dados do PM é a sobregeneralização do futuro do conjuntivo nas condicionais, independentemente de estas apresentarem um valor factual não genérico ou factual genérico universal.<sup>107</sup>

Em estruturas temporais, por sua vez, o futuro do conjuntivo é preferencialmente usado em contextos em que a sua ocorrência é esperada, ou seja, quando a frase raiz integra uma forma verbal no futuro do indicativo ou no imperativo. Nos dados de produção provocada, o futuro do conjuntivo surge ainda em temporais com valor genérico habitual, contexto em que, de acordo com os dados do PE, se esperaria a ocorrência de presente do indicativo.

Tendo em conta os dados recolhidos, verifica-se que o tempo em que se encontra o verbo na frase matriz determina, em larga medida, a ocorrência do futuro conjuntivo: esta é favorecida quando o verbo da matriz ocorre no futuro, quer em condicionais quer em temporais.

Para expressar o valor semântico do futuro do conjuntivo pode ser usado o presente do indicativo, marginalmente pelos falantes mais instruídos e com frequência mais significativa pelos falantes menos instruídos.

Em PM há evidências de que há um fenómeno de regularização morfológica do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares. O processo de regularização morfológica consiste na substituição das formas lexicalizadas do futuro do conjuntivo pelas formas

---

<sup>106</sup> No capítulo que se segue, discute-se mais profundamente esta questão.

<sup>107</sup> Embora esta generalização não dê conta dos dados orais do ponto de vista qualitativo, por ocorrer o presente do indicativo em estruturas condicionais factuais genéricas habituais e em factuais não genéricas, não deixa de ser válida. Apoiamos a nossa tese na ideia de que em situação de formação de uma nova gramática, coexistem as duas gramáticas. Repare-se ainda que em estudos sobre o PM, a maioria das generalizações formuladas a respeito das suas diferentes propriedades não são absolutas.

morfológicas do infinitivo flexionado, tornando assim a flexão do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares idêntica à dos verbos regulares. Esta regularização morfológica, em curso, é mais visível nos dados escritos da produção provocada do que nos dados resultantes do teste de juízo de gramaticalidade. Na produção espontânea, é pouco visível entre os falantes mais escolarizados e bastante evidente entre os falantes menos escolarizados (a fronteira definida foi o 12º ano de escolaridade).

## ***4. O PM e o PE numa perspectiva comparativa: análise e discussão dos resultados***

Em estudos sobre o PM, o objecto deste trabalho tem sido pouco explorado, pelo que não há, na literatura sobre esta variedade do Português, descrições e abordagens explicativas relevantes que possam ser invocadas para enquadrar comparativamente as diferentes observações feitas no capítulo anterior, a saber: (i) o futuro do conjuntivo é usado de forma sobregeneralizada em estruturas condicionais encabeçadas pelo conector *se*, (ii) o futuro do conjuntivo é seleccionado em temporais, introduzidas por *quando*, com o futuro do indicativo ou imperativo na frase raiz e, ainda, em temporais com o valor genérico habitual e (iii) os sujeitos recorrem, por vezes, a um processo de regularização paradigmática na flexão dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo, o que leva ao aparecimento de formas morfológicamente idênticas ao infinitivo flexionado. Assim, e neste contexto, é adequada e necessária uma análise comparativa entre o PM e o PE e, por outro, uma discussão pormenorizada tendo em conta evidências inerentes aos próprios dados e tendo ainda em conta as descrições feitas para o PE em vários trabalhos.

Portanto, no presente capítulo, a nossa atenção centrar-se-á na discussão das três observações supra mencionadas, procurando validá-las através da comparação dos resultados do PM com os do PE. Mostraremos, relativamente às condicionais, que o uso do futuro do conjuntivo no PM é distinto do PE; relativamente às temporais, mostraremos que o PM se assemelha ao PE em certos contextos e parece diferir de outros. Procuraremos ainda mostrar que os sujeitos do PM produzem muito mais infinitivos flexionados no lugar do futuro do conjuntivo do que os do PE.

Sendo assim, e tendo em conta sempre a comparação entre as duas variedades do português, este capítulo encontra-se dividido em 4 secções: as três observações enunciadas em (i)-(iii) serão discutidas nas secções 4.1, 4.2 e 4.3, respectivamente; a última secção, 4.4, apresenta a síntese de todo o capítulo.

### **4.1. Uso sobregeneralizado do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais**

Nesta secção centraremos a nossa atenção no uso do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais, comparando os resultados do PM com os do PE, a fim avaliar se os

sujeitos do PM preferem o futuro do conjuntivo ao presente do indicativo em todas as estruturas condicionais, ou seja, em *hipotéticas* e em *factuais* (genéricas habituais e genéricas universais).<sup>108</sup>

Consideremos, em primeiro lugar, *genéricas universais*, em que o valor factual é acessível, já que à frase se associa um valor de verdade atemporal (cf. (129)). Neste tipo de frases, verificámos nos dados apurados da tarefa de produção provocada, tendências distintas: os sujeitos do PE optam preferencialmente pelo presente do indicativo (cf. (129a)) e os do PM pelo futuro do conjuntivo (cf. (129b)).

(129) a. Se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7] (PE)

b. Se o canhoeiro *for* uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7] (PM)

Esta diferença é observada nos resultados do teste escrito de produção provocada aplicado às duas populações que revelam, quanto à frase (129), que 80% dos falantes do PE preferiram flexionar o verbo no presente do indicativo e 81% dos falantes do PM preferiram flexionar o verbo no futuro do conjuntivo.

A preferência, em PM, pelo futuro do conjuntivo em condicionais genéricas é corroborada pelos resultados adicionais referentes ao teste de juízo de gramaticalidade. Veja-se, a título de exemplo, que 61% (14/23) dos inquiridos preferiu seleccionar o futuro do conjuntivo ao invés do presente do indicativo na frase genérica em (130).<sup>109</sup>

(130) Se *puseres/pões* o metal ao lume, ele derrete. [3]

Face a estes dados, concluímos que o comportamento dos inquiridos do PM se distingue do dos inquiridos do PE. Em PM, as condicionais que favorecem uma

---

<sup>108</sup> Recorde-se que os dados do PE revelaram que o futuro do conjuntivo é preferido em frases em que a leitura factual é pouco acessível (a factualidade depende de uma interpretação genérica/habitual) e menos usado em condicionais factuais e genéricas universais, mostrando que, apesar de o futuro do conjuntivo e o presente do indicativo poderem ocorrer na mesma frase condicional, conforme a leitura factual ou hipotética, o uso preferencial de cada um dos tempos/modos é condicionado pelo valor *genérico*.

<sup>109</sup> Em dados de fala espontânea do PM não ocorreram condicionais com valor genérico universal que pudessem contribuir para confirmar ou infirmar o que acontece nos outros dados.

interpretação genérica universal são preferencialmente usadas com o futuro do conjuntivo, enquanto em PE o tempo preferido é o presente do indicativo.<sup>110</sup>

Já em *condicionais hipotéticas* caracterizadas por admitirem também um valor factual dependente, em geral, de uma interpretação genérica habitual, observa-se que tanto no PE como no PM os falantes preferem o futuro do conjuntivo na encaixada da frase condicional descontextualizada, como se verifica nos exemplos de (131).

- (131) a. Se eles *empurrarem*, o carro pega. [13]  
b. Os miúdos só podem ir às aulas, se os carros dos pais não *avariarem*. [25]  
c. Se as crias *forem* fêmeas, ganhamos com isso. [35]  
d. Se tu *vieres* ao Algarve, não deixes de ir à praia. [26]

A comparação dos resultados relativos às frases com as características de (131), ou seja, condicionais que dificilmente favorecem a leitura factual, evidencia um comportamento idêntico entre os falantes do PM e os do PE. Os valores percentuais são aproximados: 84% e 94%, respectivamente. Na figura que se segue, apresentam-se as percentagens de ocorrência do futuro do conjuntivo ao nível das frases condicionais com valor factual dificilmente acessível, percentagens obtidas para cada um dos grupos de falantes de uma das variedades do português em comparação.

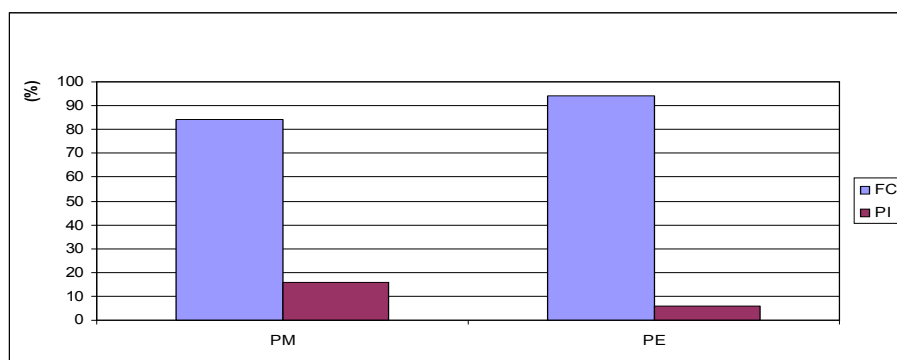


Figura 11: Resultados da distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais de *se* com interpretação factual dificilmente acessível, em PM e PE

<sup>110</sup> Lembre-se que, em PE, há sujeitos que consideraram agramatical ou marginal o uso do futuro do conjuntivo em condicionais genéricas universais (vejam-se os resultados do grupo de controlo).

Note-se que à primeira vista os resultados apresentados na Figura 11 parecem apontar no sentido oposto à tendência para maior percentagem de ocorrência do futuro do conjuntivo, em condicionais, no PM do que no PE. Ora, na realidade, considerando estes resultados a par dos da Figura 13, o que é relevante observar é que o PE exhibe um contraste quantitativo bem marcado quanto à opção pelo futuro do conjuntivo (ou antes pelo presente do indicativo) em cada um dos dois grupos de frases em análise (as dificilmente e as facilmente factuais), enquanto que o PM mostra um contraste quantitativo pouco significativo, precisamente porque está em processo de perda da marcação/expressão morfológica do contraste semântico entre factuais e hipotéticas. A Figura 12, que reúne os valores relativos ao futuro do conjuntivo mostrados nas Figuras 11 e 13, torna evidente a diferença entre as duas variedades no que se refere à relação entre o uso do futuro do conjuntivo e a interpretação semântica das condicionais de *se*, conforme mostram os resultados abaixo.<sup>111</sup>

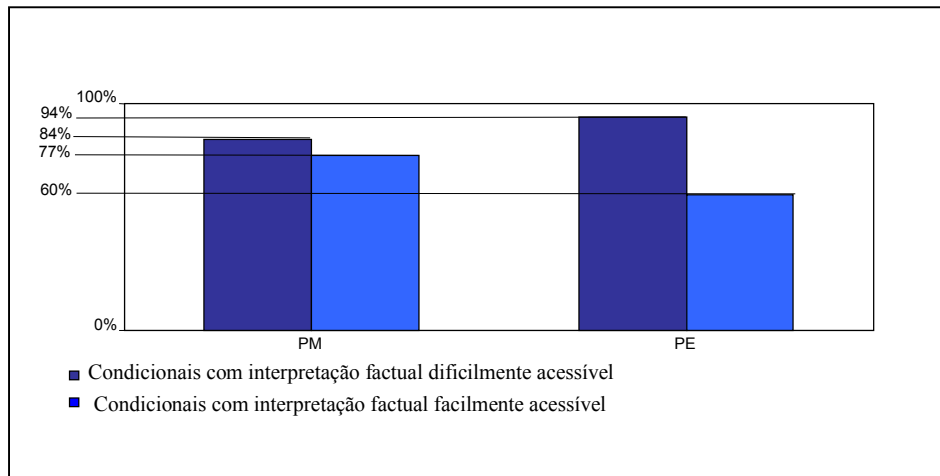


Figura 12: O futuro do conjuntivo em condicionais com interpretação factual difícilmente acessível e com interpretação factual facilmente acessível

<sup>111</sup> Os dados adicionais do PM (teste de juízo de gramaticalidade e fala espontânea) corroboram a ideia segundo a qual, em condicionais com interpretação factual difícilmente acessível, como as de (131), o futuro do conjuntivo é o tempo preferencialmente seleccionado (vejam-se as secções 3.2.2.1 e 3.2.3.1 do capítulo anterior).

Nas frases caracterizadas por favorecerem tanto a leitura factual como a hipotética, os informantes do PE e os do PM recorreram quer ao presente do indicativo quer ao futuro do conjuntivo (cf. (132)).

- (132) a. Se tu não pões/puseres as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]  
b. Se dispões/dispuseres de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]  
c. Se eles não vêm/vierem com as raparigas, não entram nesta festa. [8]  
d. Se os professores dispõem/ dispuserem de tempo, publicam as notas. [31]  
e. Se os meios de comunicação, não divulgam/divulgarem esta informação, as pessoas ficam sem saber nada. [22]  
f. Se estás/estiveres com ressaca, bebe uma água. [12]  
g. Se tu não queres/quiseres trabalhar, fica em casa. [14]

No entanto, como se pode ver na Figura 13 os informantes das duas variedades apresentam uma preferência pelo futuro do conjuntivo, sendo o valor percentual relativo aos falantes do PM superior ao dos falantes do PE para este tempo: os sujeitos do PM flexionaram o verbo no futuro do conjuntivo em 77% dos casos e o presente do indicativo em 23%; os do PE usaram o futuro do conjuntivo em 60% dos casos e o presente do indicativo em 40%.

Confirma-se assim que em contextos de opcionalidade entre o futuro do conjuntivo e o presente do indicativo, o peso do futuro do conjuntivo é maior no PM do que no PE.

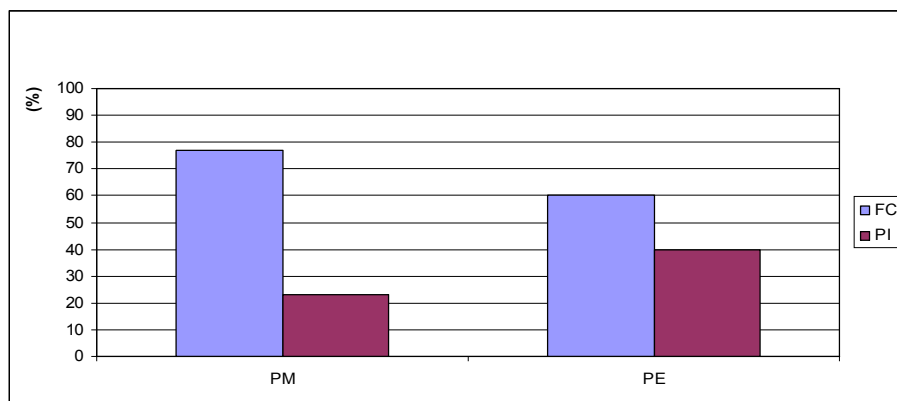


Figura 13: Resultados da distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais de *se* com leituras factual e hipotética facilmente acessíveis, em PM e PE

É de referir que, no grupo de frases apresentado em (132) se distinguem, em PE, condicionais com valor factual acessível no momento da enunciação das que não o têm. Nas primeiras, de que as frases (132f) e (132g), repetidas em (133), são exemplos, optou-se preferencialmente pelo presente do indicativo em 63% dos casos. Nas restantes, cujo valor factual não está acessível no momento da enunciação, os informantes do PE optaram maioritariamente (70.5%) pelo futuro do conjuntivo (cf. (134)). Já os falantes do PM, usaram maioritariamente o futuro do conjuntivo em todas as frases deste grupo: 68.8% nas frases de (133); 80% nas frases de (134).

(133) a. Se *estás* /*estiveres* com ressaca, bebe uma água. [12]

b. Se tu não *queres* /*quiseres* trabalhar, então fica em casa. [14]

(134) a. Se *dispuseres* de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]

b. Se eles não *vierem* com as bradas, não entram nesta festa. [8]

c. Se tu não *puseres* as magumbas na geleira, elas estragam-se. [6]

d. Se os professores *dispuserem* de tempo, publicam as notas. [31]

e. Se os meios de comunicação, não *divulgarem* esta informação, as pessoas ficam sem saber nada. [22]

Estes resultados favorecem a hipótese de que há uma sobregeneralização do uso do futuro do conjuntivo em condicionais no PM, uma vez que os sujeitos do PM seleccionaram preferencialmente o futuro do conjuntivo, mesmo quando a frase tem uma leitura factual muito acessível.

Os dados provenientes do teste de juízo de gramaticalidade, relativos a frases com as características de (133) – frases com conteúdo factual verificável no momento da enunciação –, favorecem igualmente a hipótese da sobregeneralização do uso do futuro do conjuntivo em condicionais no PM, dado que a maioria dos inquiridos (18/23) preferiu o futuro do conjuntivo ao presente do indicativo (veja-se a secção 3.2.2.1 do capítulo anterior).

Em suma, relativamente à distribuição do futuro do conjuntivo em condicionais, a análise comparativa a que procedemos nesta secção permite confirmar a hipótese de que no PM o futuro do conjuntivo está a especializar-se nestas frases, pelo facto de, nos dados apurados, os falantes do PM terem preferido este tempo, mesmo em condicionais factuais, que, no PE, exibem preferencialmente o presente do indicativo na encaixada.

Uma das vias para explicar este fenómeno é considerar-se que, em PM, os sujeitos não distinguem os diferentes tipos de condicionais com base no tempo/modo da encaixada. O que eles fazem é sobregeneralizar o uso do futuro do conjuntivo às condicionais com presente, futuro do indicativo ou imperativo na frase raiz, independentemente dos possíveis valores semânticos da frase. Ou seja, os valores semânticos das condicionais não parecem encontrar uma correlação clara com os tempos verbais, em contraste com o PE.<sup>112</sup>

Este comportamento leva a formular uma outra hipótese. Talvez os sujeitos generalizem o uso do conjuntivo às condicionais devido à interpretação que fazem do sentido do operador *se* (*condição*<sup>113</sup> ou *probabilidade* ou *hipótese*). Infelizmente, os dados não permitem testar satisfatoriamente esta hipótese, a não ser que se aplicasse uma outra tarefa, a de compreensão, ou se analisasse os manuais escolares de língua portuguesa a fim de ver o que dizem a respeito das condicionais de *se* e que tipo de exemplos são apresentados.<sup>114</sup>

No entanto, um possível contra-argumento a essa hipótese de sobregeneralização do futuro do conjuntivo diz respeito à ocorrência de frases condicionais com indicativo na encaixada nos dados apurados nas tarefas de produção provocada e de juízo de gramaticalidade, bem como nos dados de fala espontânea. Isto poderá explicar-se como sendo um traço residual do conhecimento da gramática da língua-alvo por parte de alguns falantes do PM, para quem existe uma correlação entre o tempo/modo e a interpretação da condicional, *factual* ou *hipotética*.<sup>115</sup> As condicionais com indicativo na encaixada não

---

<sup>112</sup> Podem constituir exemplos da não correlação tempo/modo e valor semântico as frases seguintes (hipotéticas com presente do indicativo na condição), entre outras:

(i) Se eu te **levo** para Lichinga, vais encontrar pessoas que falam português de maneiras diferentes. (NZC39)

(ii) Se **apanho** emprego, vou ir estudar. (ALC50)

<sup>113</sup> Cf. Azevedo (1976).

<sup>114</sup> Já que se defende que o ensino formal é relevante na/para a reestruturação da gramática de aprendentes de L2s (cf. Gonçalves 2007).

<sup>115</sup> Recorde-se que, regularmente, alguns sujeitos do PM seleccionaram o presente do indicativo em frases que expressam a habitualidade/regularidade dos eventos descritos.

constituem objecção à hipótese segundo a qual há uma maior preferência pelo futuro do conjuntivo em estruturas condicionais no PM. Pelo contrário, servem para confirmar que existe um grupo de falantes que ainda faz a distinção dos diferentes tipos de condicionais através dos tempos/modos verbais decorrente do conhecimento que tem da gramática do PE.<sup>116</sup> Por outro lado, nesta fase de formação do PM, caracterizada por “fase de libertação (da norma europeia) e expansão em que reina alguma confusão” (Gonçalves 2010a:60) (informação entre parênteses nossa), é esperado que os falantes apresentem duas gramáticas e que vão alternando entre uma e outra. De um modo geral, como maioritariamente os sujeitos flexionaram os verbos no futuro do conjuntivo no conjunto dos dados, mesmo em condicionais genéricas habituais e genéricas universais, é um facto que o futuro do conjuntivo está a especializar-se em condicionais de *se* no PM, podendo esta vir a ser uma propriedade típica da emergente variedade do PM.

#### 4.2. O futuro do conjuntivo em temporais

Em estruturas temporais, a distribuição do futuro do conjuntivo nos dados escritos de produção provocada do PM assemelha-se à distribuição do futuro do conjuntivo no PE. Nas duas variedades, verifica-se o uso obrigatório do futuro do conjuntivo quando ocorre na matriz um tempo verbal no futuro do indicativo ou no imperativo.

(135) a. Dir-me-ás os resultados do teste, quando *fores* à faculdade. [32]

b. Quando tu *terminares* de escrever, desliga o computador. [21]

Neste tipo de estruturas, os sujeitos do PE e os do PM usaram o futuro do conjuntivo na temporal em 97% dos casos.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> Recorde-se que, como já notado no capítulo anterior, a maioria dos entrevistados com o mínimo de 12º ano de escolaridade tem o Português como L1.

<sup>117</sup> Os 3% de ocorrências de presente do indicativo que foram identificados nos resultados de cada variedade estão relacionados com as dificuldades que certos falantes têm relativamente à selecção do modo conjuntivo. Como se sabe, há casos em que os falantes usam o indicativo em contextos de ocorrência obrigatória do conjuntivo, conforme ilustram os exemplos:

- (i) Quando nós vemos o Paulo, diremos o necessário. [21] (PM e PE)
- (ii) Quando terminas o trabalho, desliga o computador. [24] (PE)

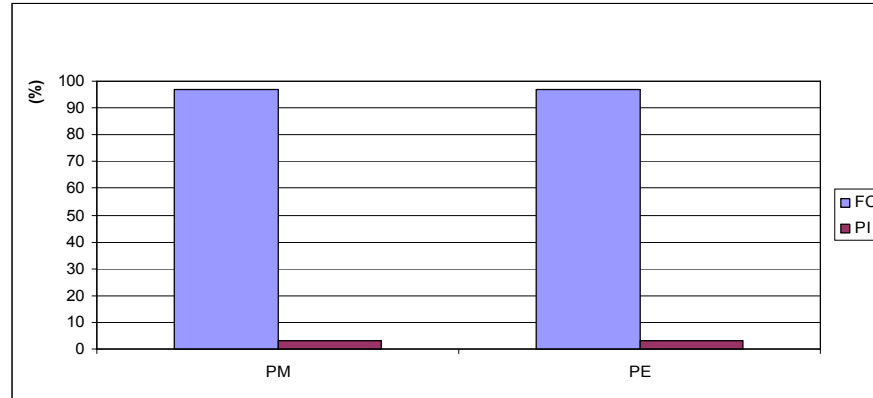


Figura 14: Estruturas temporais com futuro do indicativo ou imperativo na raiz em PM e PE

Outros dados (escritos de juízo de gramaticalidade e de fala espontânea) do PM confirmam que as temporais, introduzidas por *quando*, com futuro do indicativo ou imperativo na frase raiz induzem o uso do futuro do conjuntivo na frase encaixada. Esta propriedade gramatical pode ser o resultado do entendimento de que o futuro do conjuntivo em temporais é um tempo que projecta eventos ainda não realizados e que o seu valor temporal, relativamente ao tempo da enunciação, é o de posterioridade, tal como acontece na gramática do PE (cf. Oliveira 2003b, Marques 2010, e. o.).<sup>118</sup> Além disso, e do ponto de vista estritamente sintáctico, considera-se que se trata de contextos de selecção obrigatória do conjuntivo, sendo o uso do futuro do conjuntivo, em temporais de *quando*, determinado pelo tempo da frase raiz.

Em temporais com o presente do indicativo na matriz, tanto os sujeitos do PM como os do PE seleccionaram o futuro do conjuntivo ou o presente do indicativo, o que permite concluir que, nas duas variedades, o uso do futuro do conjuntivo ou do presente do indicativo é opcional neste contexto. Porém, o uso de um ou de outro tempo/modo é condicionado pelo valor genérico habitual ou pelo valor hipotético associado à frase. Em temporais que descrevem eventos de realização regular/habitual, em dados de produção provocada, 90% dos sujeitos do PE usaram na encaixada o presente do indicativo na frase (136a), enquanto 60.8% dos sujeitos do PM preferiram o futuro do conjuntivo na mesma frase (cf. (136b)).

<sup>118</sup> Para este autor, “em orações temporais, a leitura temporal (das formas verbais do conjuntivo) é de posterioridade, independentemente de o predicado ser ou não ser estativo” (Marques 2010:555); informação entre parêntesis nossa). Para a semântica dos ‘tempos’ do conjuntivo, veja-se Marques (2010).

- (136) a. Quando está mau tempo, os barcos não circulam nos Açores. [30] (PE)  
b. Quando estiver mau tempo, os barcos não circulam na baía de Inhambane.  
[30] (PM)

Estes resultados parecem apontar para uma distribuição do futuro do conjuntivo em temporais habituais distinta nas duas populações. No entanto, os dados do teste de juízo de gramaticalidade e de fala espontânea não mostram que o futuro do conjuntivo esteja a sobrepor-se ao presente do indicativo em temporais habituais.<sup>119</sup> Notou-se, por exemplo, que na tarefa de juízo de gramaticalidade, nas frases de (137), a maioria dos sujeitos do PM (79%, ou seja, 34/46) seleccionou as frases com indicativo na encaixada.

- (137) a. Quando faz muito calor, as pessoas ferram tarde. [2]  
b. Quando há muitos chapas,<sup>120</sup> as crianças chegam cedo à escola. [8]

Face a estes dados, conclui-se que nestas frases temporais o PM é semelhante ao PE, no sentido em que o futuro do conjuntivo é menos frequentemente seleccionado quando a temporal descreve eventos habituais ou regulares.

A possibilidade de ocorrência do futuro do conjuntivo quando a matriz integra um verbo no presente do indicativo parece dever-se ao facto de o presente do indicativo que ocorre na raiz poder ser interpretado como futuro do indicativo.<sup>121</sup> Assim se explica a naturalidade da sua ocorrência no PM em frases em que o valor não básico do presente do indicativo (ou seja, futuro) é facilmente inferido (cf. (138)). Pelo contrário, quando o presente do indicativo tem mesmo o valor de presente ou de presente genérico (cf. (139)), o futuro do conjuntivo na subordinada temporal é pouco aceitável.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> Repare-se que o uso do futuro do conjuntivo, nestas condicionais, sugere que os eventos decorram num determinado período de tempo. Isto torna as frases pouco naturais, uma vez que os eventos descritos deixam de ser habituais e atemporais:

- (i) ???Quando *fizer* muito calor (amanhã), as pessoas *ferram* tarde.  
(ii) ???Quando *houver* muitos chapas, as crianças *chegam* cedo à escola.

<sup>120</sup> Chapa = meio de transporte semicolectivo.

<sup>121</sup> Note-se que a distinção entre temporais factuais e temporais hipotéticas, através do uso do indicativo e conjuntivo, respectivamente, é um dado importante para percebermos a mudança que ocorre em condicionais do PM ao defendermos que a maioria dos falantes sobregeneraliza o uso do futuro por causa da conjunção.

<sup>122</sup> Nesta frase, na tarefa de juízo de gramatical, dos 23 inquiridos, somente 6 seleccionaram a frase com futuro do conjuntivo.

(138) Quando *houver* muitas chapas, *amanhã* as crianças chegam cedo à Escola.<sup>123</sup>

(139) ?Quando *fizer* muito calor, \**amanhã* as pessoas ferram tarde.

O contraste entre as duas frases mostra que o futuro do conjuntivo é facilmente legitimado quando na raiz o presente do indicativo permite uma interpretação de futuro do indicativo, como em (138). Mas quando o presente do indicativo, como em (139), expressa um valor atemporal ou genérico o futuro do conjuntivo é de duvidosa aceitabilidade.

Em síntese, a hipótese de que o futuro do conjuntivo, em estruturas temporais, é seleccionado pelo futuro do indicativo e imperativo da frase raiz e pelo presente do indicativo, em certas temporais genéricas, a discussão feita obriga à reformulação dessa hipótese. Assim, o que os dados mostram é que o futuro do conjuntivo é seleccionado em temporais em que o verbo da raiz tem, interpretativamente, um valor de futuro, expresso pelo presente do indicativo, pelo futuro do indicativo ou pelo imperativo. Em temporais com presente do indicativo com valor genérico atemporal, o uso do futuro do conjuntivo é de duvidosa aceitabilidade.

#### 4.3. A regularização paradigmática do futuro do conjuntivo

Para o PE, defendemos que o recurso às formas do infinitivo flexionado em vez de futuro do conjuntivo é um fenómeno de variação dialectal ou sociolinguística, associado à questão da mudança lexical, no âmbito da interface léxico/morfologia. Foram argumentos a favor dessa tese o facto de somente 9 dos 19 inquiridos terem usado o infinitivo flexionado no lugar do futuro do conjuntivo e apenas em 6 dos 12 verbos testados. Relativamente a estes 6 verbos, alguns falantes demonstraram ter estabilizado as formas do infinitivo flexionado como forma de expressão do futuro do conjuntivo e os outros demonstraram instabilidade lexical, alternando entre as formas específicas do futuro do conjuntivo e as formas morfológicas do infinitivo flexionado para o mesmo verbo.

Em PM, observámos que os sujeitos recorrem mais generalizadamente à regularização morfológica dos verbos irregulares, pois esta estratégia é adoptada por quase

---

<sup>123</sup> A intenção, ao colocarmos o verbo da oração encaixada sob escopo do advérbio *amanhã*, é mostrar que o tempo verbal pode ser interpretado como futuro do indicativo. Entretanto, como falante do PM, aceito esta frase como gramatical, equivalente a *Se houver muitas chapas, amanhã as crianças chegarão cedo à escola*. No PE, a frase é agramatical.

todos os inquiridos, isto é, 22 dos 23; e ocorre com todos os verbos irregulares testados, embora nenhum informante regularize morfológicamente todos os verbos. O Quadro 7, que se apresenta a seguir, mostra os resultados referentes à regularização morfológica do futuro do conjuntivo em função do infinitivo flexionado dos verbos irregulares na tarefa de produção provocada.

Quadro 7: Regularização morfológica do futuro do conjuntivo no PM

Verbos irregulares												
	<i>Dispor</i>	<i>Ver</i>	<i>Vir</i>	<i>Dar</i>	<i>Dizer</i>	<i>Pôr</i>	<i>Ter</i>	<i>Ser</i>	<i>Estar</i>	<i>Querer</i>	<i>Haver</i>	<i>ir</i>
S1	1/2	2/2	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S2	-	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S3	-	-	-	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-
S4	2/2	1/1 <sup>124</sup>	-	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-
S5	2/2	2/2	3/3	1/2	1/1	1/1	-	-	-	-	-	1/1
S6	2/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S7	2/2	2/2	-	2/2	-	1/1	-	-	-	-	-	-
S8	2/2	1/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S9	2/2	1/2	2/3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S10	2/2	2/2	1/1	-	-	1/1	-	1/1	-	-	-	-
S11	1/1	1/1	-	1/2	1/1	1/1	-	-	-	-	-	-
S12	-	1/1	-	-	1/2	-	-	-	-	-	-	-
S13	2/2	1/1	1/2	2/2	1/1	-	1/1	-	1/1	-	-	-
S14												
S15	-	-	1/1 <sup>125</sup>	-	1/1	1/1	1/1	-	-	-	-	-
S16	2/2	1/2	1/3	2/2	1/1	1/1	1/2	1/1	-	1/1	1/1	1/1
S17	2/2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S18	2/2	2/2	-	-	1/1	-	-	-	-	-	-	1/1
S19	2/2	2/2	-	2/2	2/2	1/1	-	1/1	-	-	1/1	1/1
S20	2/2	2/2	1/1 <sup>126</sup>	2/2		1/1	-	-	-	-	1/1	-
S21	2/2	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-	1/1	-
S22	2/2	-	-	2/2	1/1	1/1	-	1/1	1/1	-	1/1	-
S23	2/2	2/2	1/1	1/1	1/1	-	-	-	-	-	1/1	-

Os resultados revelam, de modo particular, dois aspectos relacionados com a alternância entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo. Por um lado, há alternância entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo para o mesmo verbo irregular por parte de metade dos inquiridos (veja-se, por exemplo, *S1*, 3, 5, 8, 16) e, por

<sup>124</sup> Na outra frase com *ver*, usou presente do indicativo.

<sup>125</sup> Na segunda frase com *vir*, usou o futuro do conjuntivo do verbo *ir* (*fores*).

<sup>126</sup> Nas outras frases, usou o verbo *voltar* e o PI do verbo *vir*.

outro lado, observa-se o uso exclusivo do infinitivo flexionado para o mesmo verbo irregular por outra metade dos inquiridos (cf. S7, 20, 21, 22). Estes factos mostram que há, em PM, um grupo de falantes que integrou na sua gramática a regra de que, em geral, as formas do futuro do conjuntivo são análogas às do infinitivo flexionado e outro que hesita entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo porque tem consciência de que certas formas verbais do futuro do conjuntivo diferem das do infinitivo flexionado. Dito de outra forma, enquanto uns assumem a inexistência de diferentes formas para o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo em certos verbos, mostrando que, na sua gramática, estes (verbos) ainda não sofreram nenhuma reestruturação lexical das formas adquiridas naturalmente;<sup>127</sup> outros apresentam, na sua gramática, uma instabilidade na flexão verbal resultante do conflito entre um conhecimento naturalmente adquirido e o aprendido, por via da escolarização.

Apesar de alguns informantes produzirem apenas o infinitivo flexionado e outros alternarem entre o futuro do conjuntivo e o infinitivo flexionado para o mesmo verbo, todos adoptam como regra mais produtiva a regularização morfológica dos paradigmas flexionais do futuro do conjuntivo. Para além da instabilidade gramatical, que caracteriza a gramática de falantes de uma L2, decorrente da aquisição do português num ambiente em que coexistem a suposta variedade ‘padrão’ (PE) e a emergente variedade do PM, fora as línguas locais, considera-se igualmente que a regularização é motivada pela tendência para a simplificação da flexão verbal. Repare-se que, dos verbos testados, os sujeitos regularizam sobretudo verbos complexos e menos frequentes no *input*, como *dispor*, e aqueles mais frequentes que podem estar em processo de reanálise morfológica muito avançado, como o verbo *ver*,<sup>128</sup> e produzem menos formas regularizadas com os verbos que são frequentemente usados, como, por exemplo, *estar* e *querer*. A ideia de que os sujeitos regularizam a flexão do futuro do conjuntivo tomando como modelo o paradigma do infinitivo flexionado devido a dificuldades na flexão dos verbos irregulares é sustentada pelo facto de, em dados de juízo de gramaticalidade, os mesmos inquiridos, não terem tido

---

<sup>127</sup> Considera-se que as formas adquiridas naturalmente são as do infinitivo flexionado em vez do futuro do conjuntivo, correspondentes às mais disponíveis no *input* de Português L2, ao qual a maioria dos sujeitos foi ou está exposto fora do contexto formal.

<sup>128</sup> No discurso de falantes cultos do PM, ouve-se muito o uso do infinitivo de *ver* em frases como: “ se tu *veres...*; se/quando *vermos...*”, o que quer dizer que está a anular-se a distinção entre o infinitivo flexionado e o futuro. O contrário acontece com o futuro de conjuntivo de *ser*, já que mesmo a população menos culta, usa regularmente *for* e não *ser*.

dificuldades similares às verificadas na tarefa de produção provocada.<sup>129</sup> Tiveram um desempenho muito positivo, reconhecendo as formas lexicalizadas irregulares como as correctas para a flexão do futuro do conjuntivo de verbos irregulares. Por outro lado, e na linha da nossa argumentação, estudos anteriores, como o de Gonçalves *et al.* (2005:40), constataram que os alunos moçambicanos do ensino secundário têm dificuldade na flexão dos verbos irregulares no conjuntivo, flexionando esses verbos como se fossem regulares.

No uso ou domínio de uma determinada estrutura linguística do Português Europeu, que apresenta variação em termos de regras gramaticais, “a noção de regularização paradigmática” é recorrente em falantes do PM a fim de simplificar essas regras gramaticais. Veja-se, por exemplo, o estudo de Gonçalves (2001) sobre os paradigmas flexionais do imperativo, que conclui que “a característica mais relevante do paradigma do imperativo diz respeito à adopção da morfologia do presente do conjuntivo, comum às restantes pessoas do imperativo, para tratamento por «tu» (*vs* «você») do interlocutor.” Vejam-se os exemplos (140).

- (140) a. Se **tens** muito tempo livre, **contacte**-nos. (PE = contacta)  
b. Isto é para ti, **aprenda**. (PE = aprende)

Como consequência da não distinção da forma do imperativo da 2ª pessoa do singular «tu» (que é uma forma do presente do indicativo) das restantes formas das outras

---

<sup>129</sup> Os dados de fala espontânea referentes à população moçambicana com o mínimo de 12º de escolaridade parecem constituir uma objecção a esta ideia. De facto, vimos que, dos verbos irregulares usados no futuro do conjuntivo, nomeadamente *poder, ter, estar, querer, pôr, ir, ser, haver, ver, dar, fazer*. os sujeitos produziram infinitivos com o verbo *ver* e *ter* e as formas do futuro do conjuntivo com os restantes verbos. Porém, estes resultados por pertencerem a um outro grupo de falantes, diferentes dos que produziram os dados de tarefa de produção provocada, de entre eles Licenciados, Bacharéis e estudantes com o 1º ano de universidade concluído, não são comparáveis com os resultados da tarefa de produção provocada. Ainda assim, os verbos produzidos fazem parte, à excepção de *ver* (vide a nota 128), do grupo de verbos para os quais alguns sujeitos da tarefa de produção escrita provocada produziram poucos infinitivos, vejam-se *ter, estar, ser, ir, haver* no Quadro 7. O verbo *dar*, que aparece como problemático na tarefa de produção provocada, foi usado uma vez por cada um dos três falantes que produziram oralmente, não permitindo afirmar que as formas verbais deste verbo estejam estabilizadas. Além disso, nota-se que nem todos os sujeitos produziram espontaneamente os mesmos verbos, assim como nos dados de produção provocada, nem todos os sujeitos que produzem infinitivos os produziram para todos os verbos irregulares testados. Cada informante revela dificuldade em relação à flexão de um determinado verbo. Por todas estas observações não se pode concluir que não haja tendência para a regularização ou simplificação da flexão verbal do futuro do conjuntivo. Mas, à partida, na produção espontânea de verbos irregulares mais frequentes no *input* da população mais instruída, o recurso à regularização paradigmática é pouco evidente.

pessoas do imperativo (*você(s), vós*), como acontece no PE, Gonçalves considera existir, no PM, um fenómeno de “regularização paradigmática” do presente do conjuntivo.

Os diferentes argumentos apresentados sustentam que, em PM, os sujeitos recorrem frequentemente à regularização morfológica do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares, baseando-se, por um lado, no pressuposto de que as formas do futuro do conjuntivo são análogas às do infinitivo flexionado e, por outro, na tentativa de simplificar as regras ou paradigmas de flexão do futuro do conjuntivo. Os sujeitos têm consciência de que o futuro do conjuntivo dos verbos irregulares difere do infinitivo flexionado. Porém, como as formas lexicalizadas ainda não se encontram estabilizadas, eles alternam entre estas e o infinitivo flexionado.

A tendência para a não distinção entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo nos verbos irregulares não é completamente estranha ao PE (cf. a secção 2.3 do capítulo 2). No entanto, enquanto no PE é bastante marginal, no PM é uma tendência forte, que poderá vir a ter como consequência a perda de algumas das formas lexicalizadas dos verbos irregulares. Os resultados da tarefa de produção escrita provocada em PE e em PM, apresentados na Figura 15, evidenciam as diferenças entre o PM e PE no recurso à regularização paradigmática do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares.

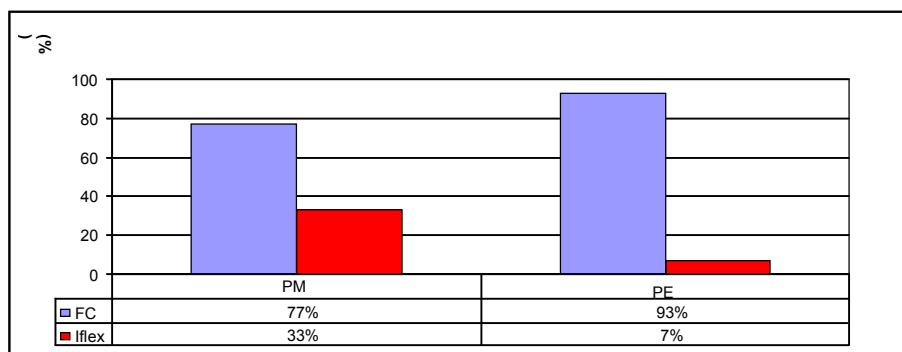


Figura 15: Formas de infinitivo flexionado em vez de futuro do conjuntivo na tarefa de produção escrita provocada, em PM e PE

#### 4.4. Conclusões

Neste capítulo, mostrou-se, em relação à distribuição do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais, embora alguns falantes do PM – maioritariamente aqueles que têm o Português L1 – usem o presente do indicativo em condicionais factuais, a tendência que se afigura mais regular é o uso sobregeneralizado do futuro do conjuntivo independentemente do valor associado à condicional e do tempo da matriz.

Em temporais, o futuro do conjuntivo é seleccionado quando o tempo da raiz tem, interpretativamente, um valor de futuro, expresso pelo presente do indicativo, futuro do indicativo ou imperativo. Em relação a temporais com presente do indicativo com valor genérico atemporal, o uso do futuro do conjuntivo é de duvidosa aceitabilidade.

Quanto à flexão dos verbos no futuro do conjuntivo, confirma-se uma tendência para a indistinção entre o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo nos verbos irregulares. Tal tendência caracteriza-se por um fenómeno de regularização paradigmática decorrente, em primeiro lugar, da generalização incorrecta da regra de que os paradigmas do futuro do conjuntivo são homófonos dos do infinitivo flexionado, e, em segundo lugar, da dificuldade de flexão verbal (Gonçalves *et al.* 2005) e, conseqüentemente, da instabilidade lexical.

## ***5. Para uma aplicação didáctica dos resultados da pesquisa***

Dos resultados desta pesquisa, são de extrema importância, do ponto de vista do ensino da língua enquanto reflexão sobre o conhecimento linguístico e explicitação do mesmo, os que revelam que não foi atingido pelos informantes do PM um conhecimento linguístico convergente com a gramática da língua de ensino, PE padrão.<sup>130</sup> Esses resultados referem-se aos seguintes aspectos:

- (i) uso generalizado do futuro do conjuntivo em todas as estruturas condicionais;
- (ii) recurso ao paradigma morfológico do infinitivo flexionado na flexão do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares.

Deste modo, neste capítulo, procurar-se-á reflectir sobre algumas concepções e fundamentos do ensino da gramática, e, de seguida, apresentar-se-ão exemplos de actividades de intervenção didáctica conducentes à promoção, nos estudantes moçambicanos do ensino superior, de um *conhecimento explícito*<sup>131</sup> sobre o uso do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em estruturas condicionais, e sobre as formas do futuro do conjuntivo dos verbos irregulares.

O presente capítulo está organizado em 4 secções. Na secção 5.1, apresentamos e exploramos algumas abordagens e fundamentos do ensino da gramática; na secção 5.2, apresentamos uma sequência de actividades que visam a explicitação do conhecimento sobre a distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais de *se*; a proposta de uma sequência de actividades que visam desenvolver um conhecimento explícito da flexão dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo é apresentada em 5.3; finalmente, em 5.4, faremos as considerações finais.

---

<sup>130</sup> Note-se que, para estudantes de nível avançado, Gonçalves (2007) considera ser importante que estejam disponíveis descrições consistentes das áreas gramaticais que apresentam mais dificuldades para os aprendentes, de modo que as estratégias de ensino a serem implementadas sejam conducentes à reformulação de hipóteses incorrectas da língua-alvo.

<sup>131</sup> Entendido como “o conhecimento reflexivo e sistemático do sistema intuitivo que os falantes conhecem e usam, bem como o conhecimento dos princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse sistema” Duarte (2008:17), ou “a progressiva consciencialização e sistematização do conhecimento implícito no uso da língua” (Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997:31)).

### 5.1. O ensino da gramática: pistas e fundamentos

Tanto quanto é do meu conhecimento, em Moçambique a maioria dos professores dos diferentes níveis de ensino formal prima por uma perspectiva tradicional do ensino da gramática tal como é descrita por Costa (2010:32). Trata-se de uma abordagem que parte da apresentação de regras e normas e assume, como principal estratégia, a memorização ou o conhecimento de definições e de termos que, supostamente, promovem o bom uso da língua. Associada a esta filosofia de ensino, e tendo como pressuposto que as aulas de língua portuguesa, além de terem como objectivo a melhoria dos desempenhos orais (nas vertentes da produção e da compreensão da escrita e da leitura), são também o espaço para a reflexão do funcionamento da língua, é igualmente recorrente à “perspectiva de ensino contextualizado do funcionamento da língua” (cf. Costa 2010:33-35), segundo a qual as estratégias de reflexão sobre a língua surgem todas contextualizadas em estratégias de treino da oralidade, da leitura e da escrita.

Actualmente, é, no entanto, também assumida uma nova abordagem de ensino da língua, designada *Language Awareness*, na acepção de James & Garret (1991, *in* Costa (2010:36)).<sup>132</sup> De acordo com esta perspectiva, defende-se, no que diz respeito ao ensino da gramática,<sup>133</sup> a importância da explicitação do conhecimento linguístico, ou seja, do conhecimento intuitivo que os falantes têm da língua.<sup>134</sup> Contrariamente às outras abordagens, que se limitam a domínios de “escrever bem e falar bem, na gramática tradicional, e resolver problemas de compreensão e de expressão, na oralidade e na escrita, na gramática comunicativa” Costa (2010:39),<sup>135</sup> o ensino da gramática no quadro da *Language Awareness*, ou mais concretamente da consciência linguística (*linguistic awareness*), cumpre muito mais objectivos no desenvolvimento de competências de uso da língua, nomeadamente (i) o domínio da variedade padrão da língua de escolarização, (ii) o

---

<sup>132</sup> De acordo com Hudson & Walmsley (2005:612), a abordagem *Language Awareness* terá despertado o interesse aos professores e educadores nos anos 80, a partir do livro de Hawkins (1987).

<sup>133</sup> “Gramática como conhecimento reflexivo” (cf. Duarte 1993:53). Ora, numa acepção mais alargada, e no contexto educativo, o termo designa “tanto o estudo do conhecimento intuitivo da língua que tem os falantes dum determinada comunidade como os princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse conhecimento.” (Duarte 2008: 17).

<sup>134</sup> Costa (2010:37) define conhecimento linguístico como um conhecimento implícito, do qual os falantes não têm consciência das unidades e processos que activam sempre que recorrem a capacidades naturais e inatas da língua.

<sup>135</sup> Veja-se, na mesma linha, as abordagens *PPP* (Present, Practice, Produce) e *Grammarling* (“– the ability to use grammar structure accurately, meaningfully, and appropriately as the proper goal of a instruction.” Larsen-Freeman (2009:526)) em Larsen-Freeman (2009).

domínio de estruturas linguísticas de desenvolvimento tardio, (iii) o aperfeiçoamento e uso mais diversificado e sofisticado de estruturas linguísticas, (iv) a facilidade de aprendizagem de línguas estrangeiras e (v) o desenvolvimento de capacidades de estudo (Duarte 2008:10).<sup>136</sup> Além disso, cumpre ainda objectivos *atitudeis-axiológicos*, isto é, o desenvolvimento da auto-confiança linguística dos alunos e o desenvolvimento da tolerância cultural, e objectivos *cognitivos gerais e específicos*, como a aprendizagem do método científico e o treino do pensamento analítico, bem como o aprofundamento e a sistematização do conhecimento da língua (*idem*:15-16). É, portanto, ao nível das competências cognitivas que a abordagem baseada na consciência linguística promove nos aprendentes um pensamento analítico pelo facto de se aplicar à língua o método que envolve fases da análise científica: “observação de dados, confirmação ou infirmação das conclusões, inferência de regras e formulação de generalizações, confirmação ou infirmação das conclusões mediante a consideração de novos dados” (Costa 2010:40). As actividades de ensino na perspectiva da explicitação do conhecimento linguístico deverão ser, assim, inscritas no contexto de **laboratório** ou **oficina gramatical**, que proporciona aos aprendentes oportunidades para adquirirem, exercitarem e desenvolverem um ‘olhar de cientistas’ (Duarte 2008:18), podendo igualmente ser inscritas em outros tipos de metodologias com enfoque no ensino explícito da gramática.<sup>137</sup>

De modo mais particular, as propostas (ou estratégias) de intervenção didáctica em contextos de ensino de uma língua, L1 ou L2, são inúmeras e diversificadas, pelo que certamente a sua descrição não caberia neste espaço. Apresentamos, por isso, apenas algumas propostas concretas que, ao nível do ensino da gramática, já provaram contribuir para a melhoria do domínio e uso de unidades e regras de uma língua.

No ensino e aprendizagem de questões gramaticais de uma L2, a abordagem metodológica mais difundida e amplamente defendida é a abordagem com foco-na(s)-forma(s) (cf. Ellis 1997, DeKeyser 1998, Cook 2001, e. o.). Nela, o ensino centra-se na explicitação das regras gramaticais que regem as estruturas da língua, no pressuposto de que estas são mais facilmente adquiridas se se desenvolver nos aprendentes uma atitude

---

<sup>136</sup> Cf. igualmente Hudson (1992), Hudson & Walms (2005), entre outros.

<sup>137</sup> Na perspectiva do ensino explícito de gramática, Hudson & Walmsey (2005:594-595) apontam várias razões para que as crianças devam aprender a gramática, entre elas, as seguintes: “to expand their grammatical competence, to develop their thinking skills, to develop their investigative skills, etc.”.

consciente no seu uso. Desta forma, Ellis (1997) sugere, de entre as várias opções de ensino, opções orientadas para o ensino *explícito* e *implícito*.<sup>138</sup> Na opção *directa* de ensino *explícito*, pode fornecer-se uma regra (ou uma parte dela) aos estudantes para que a apliquem, completem ou corrijam em tarefas que requerem a análise de dados. Na opção *indirecta* do ensino explícito, fornece-se aos aprendentes dados que ilustram o uso de uma estrutura gramatical particular, que devem analisar de forma a chegar a uma generalização que dá conta das regularidades dos dados. Na mesma linha, Ellis (1999) considera, em contexto de aprendizagem de L2 por interacção directa, como uma das vias de indução de foco na forma, a aplicação de tarefas de consciencialização de estruturas gramaticais “consciousness-raising tasks”. A partir de dados, os aprendentes são guiados a descobrir, formular ou a descrever, por si sós, as propriedades ou regras linguísticas, uma abordagem baseada na descoberta, ou seja, uma aprendizagem por descoberta “discovery learning”, na acepção de Hudson (1992, 1999).

Relativamente ao ensino *implícito* da gramática, caracteriza-se por não se ensinar, explicitamente, regras/propriedades da língua. Este ensino pode ser orientado para a *produção* ou para a *recepção*. No primeiro caso, procura-se que o aprendente produza os traços estabelecidos como alvo (“target features”). No ensino orientado para a *recepção*, foca-se a atenção dos aprendentes em estruturas específicas, através de actividades de *reforço do input* (“input enhancement”) (Ellis 1997:87).<sup>139</sup>

Também Larsen-Freeman (2009:528) distingue, no ensino da gramática, a abordagem explícita da abordagem implícita do seguinte modo: “*Explicit instruction* is where students are instructed in the rules or patterns (deductive) or guided to induce them, themselves (inductive). An *implicit approach* makes no reference to rules or patterns (see also a related, but somewhat different, distinction between incidental and intentional learning, Husltijn, 2003).<sup>140</sup> Como estratégias pedagógicas, a autora refere o *processamento*

---

<sup>138</sup> Ainda a este respeito, vejam-se, entre outros, Dekeyser (2003) e Larsen-Freeman (2009).

<sup>139</sup> Uma proposta concreta de aplicação destas opções de ensino no ensino da gramática é apresentada por Gonçalves & Uamusse (2004). Estes autores sugerem, por exemplo, no âmbito do tratamento da flexão do Imperativo, actividades combinadas de ensino explícito e centradas no “reforço da oferta linguística”, através da leitura e levantamento num texto de frases que contêm a estrutura alvo, e a realização de exercícios estruturais (*Idem*: 62-65).

<sup>140</sup> Na mesma linha, fora defendido por Dekeyser (2003:321): “(...) an instructional treatment is explicit if rule explanation forms part of the instruction (deduction) or if learners are asked to attend to particular forms and try to find the rules themselves (induction). “Conversely, when neither rule presentation nor directions to

*do input (input-processing)*, proposto por VanPatten (2004), como via para resolver as dificuldades de atenção de aprendentes de uma L2 relativamente ao significado e à forma das unidades da língua. Através da abordagem baseada no processamento do *input*, os aprendentes são submetidos a tarefas de aprendizagem que os ajudem a prestar maior atenção às estruturas ou aos traços (*features*) linguísticos da língua-alvo.

Larsen-Freeman (2009) refere ainda a opção '*focus on form*', começando por assumir que o domínio de certas propriedades linguísticas numa L2 requerem consciência linguística e/ou maior atenção às construções linguísticas da língua-alvo, e que a aprendizagem implícita, por si só, não é suficiente para se atingir a mestria em L2. Defende, deste modo, um enfoque nas formas linguísticas, sob o princípio de que, com foco na forma, os alunos são levados a captar as estruturas que lhes poderiam passar despercebidas na fala ou no estudo da língua, através de (i) tarefas orientadas para o *reforço do input* "input enhancement" (e.g., repetição, oralmente, de dados linguísticos do *input*, a fim de levar os aprendentes a prestar maior atenção às estruturas gramaticais da língua-alvo), (ii) tarefas de *input/flooding/priming*, meio igualmente de chamar a atenção para as formas linguísticas, através da oferta de dados robustos com a estrutura alvo (e.g. "talking about historical events would give learners abundant opportunities to notice the past tense" Larsen-Freeman (2009:526)) e, por fim, (iii) tarefas centradas no *output production*, abordagem que complementa as actividades orientadas para o foco no *input* de modo que se efective com sucesso a aquisição de uma L2, podendo ser implementada através de manipulação ou produção de textos com o objectivo de evitar ou induzir a produção dos desvios. De acordo com Swain (1995), *apud* Larsen-Freeman (2009:526), o *output* é importante para os alunos captarem (ou perceberem) as propriedades da língua-alvo que não sabem, ou que sabem parcialmente. Já Ellis (1999:254) propõe o reforço do *output* "output enhancement" como uma das vias de integração de foco na forma gramatical e a produção do significado das formas linguísticas, através de tarefas de estimulação de uso de uma específica forma gramatical em contexto ou através de tarefas, em interacção professor/aluno, que exijam explicação e clarificação dos desvios produzidos pelos aprendentes, de modo que eles possam reformular as estruturas incorrectas.

---

attend particular forms were part of a treatment, that treatment was considered implicit" (Norris & Ortega, 2000:437)."

Duarte (1992, 2008) apresenta uma metodologia de ensino explícito da gramática da língua materna em que as actividades didácticas são desenvolvidas no contexto de oficina/laboratório gramatical. As experiências bem sucedidas de Siopa (2006) e de Justino (2010) mostram a adequação desta metodologia também no ensino da gramática de L2. Em Duarte (1992), *oficina gramatical* é definida como um espaço reservado à reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua. Neste espaço, os alunos são confrontados com dados da língua, fornecidos pelo professor ou por eles recolhidos segundo orientações do professor, dispõem de gramáticas e outros materiais, que se habituaram a conhecer e a saber usar, observam os dados e, com o auxílio dos materiais de consulta indicados pelo professor, identificam as irregularidades e idiosincrasias, elaboram generalizações e realizam exercícios de treino dos conhecimentos adquiridos. A autora apresenta um exemplo deste modelo de abordagem no ensino do modo conjuntivo, recorrendo para tal a actividades que caracterizam cada uma das suas fases, a saber (i) *apresentação dos dados*, durante a qual se fornece frases com diferentes paradigmas do conjuntivo e indicativo, (ii) *descrição e compreensão dos dados*, que consiste na observação, análise, descrição e (iii) *exercícios de treino*, fase durante a qual se sugere, para exercitação, tipos diversificados de exercícios (Duarte 1992:166). Na mesma perspectiva, Duarte (2008) propõe o *laboratório gramatical* como forma de promover a consciência e o conhecimento linguísticos, reassumindo que esta metodologia proporciona aos aprendentes oportunidades para adquirirem, exercitarem e desenvolverem um espírito crítico, tendo um papel activo na descoberta das propriedades gramaticais da língua de ensino; trata-se, portanto, de uma aprendizagem por descoberta, como também defende Hudson (1992, 1999). Em síntese, sob a orientação do professor, os alunos são levados a observar os dados, analisar ou procurar regularidades linguísticas, captar e formular generalizações, e treinar o que aprenderam.

Por sua vez, Silvano & Rodrigues (2010) apresentam uma proposta de ensino em que combinam, nas palavras das autoras, “os dois mais produtivos tipos de abordagem do ensino da gramática: a Pedagogia da Recepção/Produção de Textos/Discurso e o Laboratório/Oficina Gramatical” (Silvano & Rodrigues 2010:285). De acordo com as autoras, nesta proposta de articulação de abordagens, a actividade de ensino e aprendizagem parte do confronto do aluno com textos/discursos, isto é, de actividades de

compreensão e/ou produção textual, que podem dar origem ao levantamento de questões relacionadas com a dimensão linguística. Segue-se um percurso de análise de dados linguísticos pertinentes para a resolução do problema levantado, de acordo com os procedimentos do laboratório gramatical. Após esta fase, os alunos são novamente remetidos para o contexto discursivo, a fim de descreverem o funcionamento das estruturas analisadas dentro das coordenadas enunciativas e pragmáticas do texto/discurso em análise. Finalmente, seguem-se a consolidação da capacidade de produção, podendo o aluno mobilizar para a actividade discursiva o conhecimento explícito da língua, e a avaliação do que se ensinou (Silvano & Rodrigues 2010:284).<sup>141</sup>

As questões de como ensinar gramática e o que ensinar em contexto de ensino formal têm sido alvo de vários debates. Há, por exemplo, autores que defendem que o ensino deve centrar-se no desenvolvimento ou treino da competência da língua, sem que se reflecta sobre as suas regras.<sup>142</sup> Há também quem defenda um ensino sistemático que envolva actividades de treino da competência da língua e actividades de reflexão sobre o seu funcionamento. Callou (2007), por exemplo, defende que o ensino da língua deve centrar-se menos em exercícios gramaticais, e mais no domínio das várias modalidades de uso e, em particular, da modalidade culta da comunidade de que ele faz parte. Rocha (2002) defende que, antes do ensino superior, os alunos devem aprender e dominar a modalidade da língua padrão através de exercícios sem auxílio da gramática, reservando o ensino explícito da língua para o contexto universitário. No entanto, Duarte (1992:164) defende que o ensino da língua não pode fixar como objectivo único o desenvolvimento ou treino de competência da língua, devendo preocupar-se igualmente em proporcionar a aprendizagem e a sistematização do conhecimento sobre a língua. Esta posição é retomada em Duarte (1993:53), que afirma que a gramática como “conhecimento reflexivo” sobre a língua detém um papel fundamental enquanto instrumento, e depois como fim em si

---

<sup>141</sup> Para uma visão geral das *etapas, descrição e actividades* no âmbito da proposta de articulação da Pedagogia dos Textos/Discursos e do Laboratório Gramatical, veja-se o quadro III da página 283 em Silvano & Rodrigues (2010).

<sup>142</sup> Cf. a abordagem “meaning-focused instruction” (Ellis 1997, Cook 2001, e. o.), centrada quase exclusivamente no uso e treino competentes das unidades e regras da língua que se está a aprender/ensinar (cf. Siopa 2006, Gonçalves & Siopa 2005).

mesmo.<sup>143</sup> Como instrumento, serve para “apressar” o desenvolvimento linguístico e, como fim, constitui objecto de ensino.

A ideia da gramática como instrumento e como fim é também central em Genouvrier & Peytard (1973), que defendem que, para um ensino sistemático da língua, existem três tipos de gramáticas. Assim, para as classes iniciais, sugerem o modelo “aquém da gramática”, um ensino que visa desenvolver a competência linguística dos aprendentes através de exercícios estruturais; neste modelo, o aluno não entra em contacto com as regras, mas somente com os modelos de transformação e de substituição que as ilustram (*idem*: 224). Para o ensino do segundo grau, os autores defendem o modelo “gramática”, um ensino centrado na *gramática consciente* ou *gramática reflexiva*, em que o aluno recebe conhecimentos através da descoberta activa do funcionamento da língua. Por fim, para o ensino secundário, os autores sugerem o modelo “além gramática”, que consiste, na prática, numa iniciação à linguística, isto é, o trabalho consciente sobre a gramática da língua materna e sua comparação com línguas estrangeiras.

Sem querermos menosprezar a importância de um ensino centrado no uso e treino da língua padrão, assumimos, na linha de Duarte (1993, 2008), Rocha (2002), Ellis (1997), entre outros, que o objectivo do ensino da gramática no ensino superior deve ser o de desenvolver o *conhecimento explícito* da língua de escolarização, implicando, deste modo, um trabalho reflexivo e sistemático sobre as propriedades da língua que parte do conhecimento intuitivo dos aprendentes e da sua consciência linguística (Silvano & Rodrigues, 2010).<sup>144</sup> Este objectivo pode ser concretizado adoptando uma ou combinando as diferentes metodologias de ensino, como o laboratório gramatical (Duarte 1992, 2008), as opções directa e indirecta de ensino explícito (Ellis 1997) e a abordagem baseada na descoberta (Ellis 1999).

Neste trabalho, das diferentes estratégias de ensino que poderíamos adoptar com vista a desenvolver nos estudantes universitários moçambicanos um conhecimento explícito sobre o futuro do conjuntivo em estruturas condicionais do PE, adoptaremos o

---

<sup>143</sup> Aqui reside a moderna abordagem de ensino da gramática como explicitação do conhecimento linguístico e/ou ensino explícito (cf. igualmente Duarte (2008), Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997)).

<sup>144</sup> A nossa posição apoia-se ainda no trabalho de Gonçalves & Siopa (2005), ao afirmarem que “no caso de estudantes universitários moçambicanos, adultos portanto, o foco-na-forma poderá traduzir-se mais numa abordagem descritiva, reflexiva e de manipulação de dados reais do que propriamente na adopção de uma perspectiva prescritiva, de imposição estrita da norma europeia, sem relação com a língua real dos estudantes”. (p.14)

*laboratório gramatical* por permitir desenvolver um conjunto de operações essenciais para que a aprendizagem se efective, como sejam *a observação de dados, a comparação de dados* (de diferentes variedades), *a dedução de regras gramaticais, a formulação de generalizações, a descrição de regras, o treino da língua*, entre outras. Além disso, o laboratório gramatical permite articular, na mesma sequência didáctica, actividades orientadas (i) para o enfoque explícito na forma (*foco-na-forma*, na proposta de Larsen-Freeman 2009) e/ou (ii) para a explicitação directa ou indirecta das regras gramaticais (*ensino explícito*, na proposta de Ellis 1997 ou nas de Duarte 1992, 2008).

## **5.2. Sequência didáctica I: a distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais introduzidas por *se***

Nesta secção, propomos uma sequência de actividades inscritas no laboratório gramatical que visam promover o conhecimento explícito sobre o uso do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais de *se*, procedendo-se à comparação entre dados do PE, língua de escolarização, e do PM.

**Pressupostos:** (i) em PE, o futuro do conjuntivo é preferencialmente seleccionado em condicionais hipotéticas e o presente do indicativo em condicionais factuais não genéricas e em condicionais factuais genéricas universais e genéricas habituais; (ii) em PM, o futuro do conjuntivo é usado de forma mais generalizada, podendo ocorrer mesmo em condicionais factuais.

**Objectivos:** (i) consciencializar os estudantes de que o seu conhecimento linguístico em relação à distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo difere da gramática da variedade de ensino (PE), (ii) compreender as diferenças semânticas desencadeadas pelo uso do presente do indicativo e pelo futuro do conjuntivo em orações condicionais do PE e (iii) descrever a distribuição do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais do PE.

FASE I: Identificação das diferenças gramaticais entre o PM e PE<sup>145</sup>

1. Observe as frases em A e B produzidas por dois falantes, um do PE e outro do PM, numa tarefa escrita de produção provocada que consistia em completar frases, preenchendo um espaço em branco com as formas verbais relevantes.

A (PE)	B (PM)
(1) Se a laranjeira <u>é</u> uma árvore, então pertence ao reino vegetal.	(1) Se a laranjeira <u>for</u> uma árvore, então pertence ao reino vegetal.
(2) Se <u>empurrarem</u> o carro, ele pega.	(2) Se <u>empurrarem</u> o carro, ele pega.
(3) Se tu <u>és</u> humano, então és mortal.	(3) Se <u>fores</u> humano, então és mortal.
(1) Se eu <u>largo</u> este objecto, ele cai.	(4) Se eu <u>largar</u> este objecto, ele cai.
(5) Se <u>saíres</u> cedo, jantamos fora.	(5) Se <u>saíres</u> cedo, jantamos fora.
(6) Se <u>queres</u> ser alguém, estuda bastante.	(6) Se <u>quiseres</u> ser alguém, estuda bastante.

Quais foram os tempos/modos verbais usadas por cada um dos falantes? Apresente as suas conclusões, completando o texto abaixo.

Face aos dados, podemos concluir, relativamente ao tempo/modo do verbo da oração subordinada condicional, que no PM é preferencialmente escolhido o \_\_\_\_\_, enquanto no PE é seleccionado umas vezes o \_\_\_\_\_ e outras o \_\_\_\_\_.

<sup>145</sup> Como defende Hudson (1992), in Costa (2010:37), um ensino que parte da *linguistic awareness* tem de ter em consideração que o conhecimento gramatical dos alunos pode não corresponder à gramática da língua padrão, daí que o ensino não só se deve centrar na explicitação do conhecimento gramatical da variedade linguística dos alunos, mas também na comparação com a gramática da variedade padrão, objecto de estudo. O resultado deste procedimento é elucidado por Costa (2002) ao afirmar que, tomando por objecto os vários registos de variedades do português que podem estar presentes na sala de aula, o professor, por comparação, descreve o português padrão. O autor argumenta que comparando a frase *Eu lhe vi*, produzido por um aluno cuja língua materna e o português angolano com a frase *Eu vi-o*, do PE, o professor obriga os alunos a uma tomada de consciência implícita sobre a forma de funcionamento da sua língua através de uma descrição comparativa das duas variedades.

FASE II: Explicitação da distribuição do tempo/modo em condicionais de *se* no PE

1. A tendência no PM é a de flexionar preferencialmente o verbo no futuro do conjuntivo em estruturas condicionais apresentadas sem contexto. Esta preferência não se verifica, necessariamente, em PE, que é a sua língua de escolarização. Observemos, então, os dados a seguir:

- (1) Se a laranjeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal.
- (2) Se empurrarem o carro, ele pega.
- (3) Se tu és humano, então és mortal.
- (4) Se eu largo este objecto, ele cai.
- (5) Se saíres cedo, jantamos fora.
- (6) Se queres ser alguém, estuda bastante.

1.1. Aplique os três testes a seguir enunciados (em (i) a (iii)) a cada uma das frases de (1) a (6) e comente o resultado obtido (considere a ficha de apoio).

(i) Reescrever as frases, iniciando cada uma delas por *no futuro* (por exemplo: *No futuro, se empurrarem o carro, ele pega*);

(ii) Reescrever as frases, substituindo o operador *se* por *já que* (por exemplo: *Já que queres ser alguém, estuda bastante*);

(iii) Reescrever as frases, substituindo operador *se* por *sempre que* (por exemplo: *Sempre que largo este objecto, ele cai*).

1.2. Tendo em conta os resultados do exercício de 1.1 e a ficha de apoio, encontre uma explicação para a distribuição do presente do indicativo e do futuro do conjuntivo nas frases acima, e apresente uma generalização possível que capte a distribuição dos dois tempos/modos.

## Ficha de apoio

### 1. Questões gerais

Consoante a modalidade que regula a asserção, as orações condicionais podem ser *factuais* (reais) ou *hipotéticas*.

#### 1.1 Condicionais *hipotéticas*

Neste tipo de condicionais, a condição (explicitada na oração subordinada) remete para um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação:

- (1) Se tu *vieres* cedo, vamos/iremos jantar fora.
- (2) Se a Maria *estudar*, tem /terá boas notas.

Do ponto de vista temporal, as orações estão linearmente ordenadas no tempo, ou seja, o estado de coisas descrito no conseqüente só pode ocorrer num intervalo de tempo posterior ao intervalo de tempo em que se localiza o estado de coisas descrito na condição (Brito 2003:707).

Tipicamente, neste tipo de orações condicionais, o verbo da oração subordinada condicional está no modo conjuntivo, no tempo futuro.

#### 1.2 Condicionais *factuais*

Define-se por *factuais* as condicionais em que o conteúdo das duas proposições (antecedente e conseqüente) se verifica no mundo real, no intervalo de tempo relevante:

- (3) Se está bom tempo, ficamos bem dispostos.
- (4) Se a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra/entrará em ebulição.
- (5) Se o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal. (Brito 2003:706)

Tipicamente, neste tipo de orações condicionais, a oração condicional está no modo indicativo, no tempo presente.

### 2. Questões específicas

Observe os exemplos da secção 1 e compare-os com os que se seguem:

2.1 Condicionais com valor hipotético em 1.1 que podem ser minimamente modificadas (substituindo o futuro do conjuntivo pelo presente do indicativo) e que passam a assumir o valor factual:

- (1') Se tu vens cedo, vamos/iremos jantar fora.

(2') Se a Maria estuda, tem/terá boas notas.

2.2 Condicionais com valor factual em 1.2 que podem ser minimamente modificadas (substituindo o presente do indicativo pelo futuro do conjuntivo) e que passam a assumir o valor hipotético:

(3') Se *estiver* bom tempo, ficamos bem dispostos.

(4') Se a água *atingir* a temperatura de 100°C, (então) entra/entrará em ebulição.

(5') Se o narciso *for* uma flor, (então) pertence ao reino vegetal. (Brito 2003:706)

Ao compararmos estes exemplos com os da secção 1, concluímos que, em geral, frases minimamente distintas tornam acessíveis duas leituras, *hipotética* e *factual*, o que se correlaciona com a possibilidade de ocorrência do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo.

A ser assim, *o que explica então a preferência em PE pelo futuro do conjuntivo ou pelo presente do indicativo numa condicional?*

**R:** É a interpretação semântica da frase condicional (hipotética vs. factual)

Assim,

(i) Quando uma condicional expressa um valor genérico universal, a ocorrência do futuro do conjuntivo é marginal porque atribui a um facto real atemporal (verdadeiro em todos os momentos) o valor hipotético. Neste caso, prefere-se o presente do indicativo.

(1) a. \* Se o narciso *for* uma flor, (então) pertence ao reino vegetal.

b. Se o narciso *é* uma flor, (então) pertence ao reino vegetal.

(ii) Em condicionais factuais não genéricas, caracterizadas por apresentarem um conteúdo real que se verifica no momento da enunciação, o presente do indicativo é igualmente preferencial.

(2) Se estás com ressaca, bebe uma água.

O teste que se segue (teste da factualidade) permite mostrar que, nestas frases, o conteúdo da frase total se verifica no mundo real e no tempo relevante (momento da enunciação).

(3) a. (Já que/visto que) estás com ressaca, então bebe uma água.

b. (Já que/dado que) o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal.

(iii) Em condicionais em que se pretende obter uma interpretação genérica habitual, o tempo verbal seleccionado é também o presente do indicativo, que favorece essa leitura, conforme se pode ver em (4a); o uso do futuro do conjuntivo bloqueia a interpretação genérica habitual, como

se verifica pela agramaticalidade de (4b).

- (4) a. Se o filho vem, a mãe faz um bolo. (*Sempre que* o filho vem, a mãe faz um bolo./  
*Geralmente*, se o filho vem, a mãe, faz um bolo → *leitura genérica*)  
b. Se o filho *vier*, a mãe faz um bolo. (A mãe fará o bolo, se o filho vier.  
\**Geralmente*, se o filho vier, a mãe faz um bolo → *leitura não genérica*)

Note-se que as factuais genéricas habituais se distinguem das factuais não genéricas (cf. (3)) pelo facto de não poderem ser iniciadas por *já que*. Ou seja, a presença de *já que* faz com que se perca a leitura genérica:

- (5) a. Se o filho vem jantar, a mãe faz um bolo. → *leitura genérica*  
b. *Sempre que* o filho vem jantar, a mãe faz um bolo. → *leitura genérica*  
b'. *Já que* o filho vem jantar, a mãe faz um bolo. → *leitura não genérica*

Por outro lado, as factuais genéricas habituais perdem a leitura genérica ao serem usadas com futuro do indicativo na raiz, passando a ter uma leitura factual não genérica (cf. (6a')), o que explica a agramaticalidade de (6b).

- (6) a. Se o filho vem jantar, a mãe faz um bolo. → *leitura genérica*  
a'. Se o filho vem jantar, a mãe fará um bolo. → *leitura não genérica*  
b. \**Sempre que* o filho vem jantar, a mãe fará um bolo.

(iv) Em condicionais em que se pretende obter uma interpretação hipotética, o tempo verbal seleccionado é o futuro do conjuntivo. Vejam-se os exemplos em (7).

- (7) a. Se a Maria *estudar*, então terá boas notas.  
b. Se *faltar* outra vez a água, queixar-me-ei à EPAL.

As frases hipotéticas caracterizam-se pela possibilidade de se iniciarem por localizadores temporais com valor de posteridade, como “no futuro”.

- (8) a. No futuro, se a Maria *estudar*, terá boas notas.  
b. No futuro, se *faltar* outra vez a água, queixar-me-ei à EPAL.

Repare que, nestas frases, o resultado do teste da factualidade, que mostra que o conteúdo do antecedente e do conseqüente (frase total) se verifica no intervalo de tempo relevante, é uma frase agramatical (cf (9)).

- (9) a. \*No futuro, *já que* a Maria estuda/estudar, terá boas notas.

b. \*No futuro, *já que falta/faltar* outra vez a água, queixar-me-ei à EPAL

A aplicação do teste com *sempre que* (que tipicamente identifica as factuais genéricas habituais) não exclui necessariamente a interpretação hipotética, mas condicionais hipotéticas e condicionais factuais genéricas habituais distinguem-se por as segundas não admitirem a presença de “no futuro”.

(10) a. *Sempre que* a Maria estudar, terá boas notas. → *leitura hipotética*

b. No futuro, *sempre que* a Maria estudar terá boas notas. → *leitura hipotética*

c. *Sempre que* a Maria estuda, tem boas notas. → *leitura factual genérica habitual*

b. \*No futuro, *sempre que* a Maria estuda, tem boas notas. → *idem*

Em **suma**, em PE, o mesmo conseqüente admite tanto o futuro do conjuntivo como o presente do indicativo no antecedente, implicando, porém, leituras diferentes.

Tempo verbal na encaixada	Leitura da frase total
Futuro do conjuntivo	Hipotética
Presente do Indicativo	Factual não genérica Factual genérica universal Factual genérica habitual

2. Em (1) a (4) apresentam-se pares de frases que são possíveis para um falante do PE. No entanto, a preferência por uma ou outra frase é condicionada por razões de natureza semântica. Construa contextos que distingam a preferência por uma das frases em cada caso.

(1) a. Se vens a Lisboa, telefona-me para irmos jantar.

b. Se *vieres* a Lisboa, telefona-me para irmos jantar.

(2) a. Se pões os óculos, vês melhor.

b. Se *puseres* os óculos, vês melhor.

(3) a. Se só comemos vegetais, então somos vegetarianos.

b. Se só *comermos* vegetais, então somos vegetarianos.

- (4) a. Se tens dúvidas sobre o trabalho, podes telefonar-me.  
b. Se *tiveres* dúvidas sobre o trabalho, podes telefonar-me.

FASE III: Exercícios de treino

1. Dados os paradigmas de (1)-(3), justifique a ocorrência do tempo/modo sublinhado em cada uma das frases.

- (1) a. Se está bom tempo, ficamos bem dispostos.  
b. Se estiver bom tempo, ficamos bem dispostos.

- (2) a. Se consultas um dicionário, é fácil traduzir.  
b. Se consultares um dicionário, é fácil traduzir.

- (3) a. Se o casal não tiver filhos, poderá adoptá-los.  
b. Se o casal não tem filhos, poderá adoptá-los.

2. Elabore duas frases para cada uma das situações, alterando o menor número de elementos possível.

- a) Condicionais genéricas universais  
b) Condicionais genéricas habituais.

3. Justifique a duvidosa aceitabilidade das frases abaixo. Apoie a sua resposta em teste(s) que fundamenta(em) essa agramaticalidade.

- (1) ?Normalmente saio de casa todos os domingos. Se não sair, fico com um grupo de amigos.  
(2) ?Eu só farei o pudim se tu trazes os ovos.

4. Preencha os espaços em branco com formas verbais do presente do indicativo ou do futuro do conjuntivo e justifique a sua escolha.

- a) Se o gelo \_\_\_\_\_ (ser) exposto ao calor, transforma-se em água.  
b) Se \_\_\_\_\_ (vir) a Inhambane, não deixes de ir à praia.  
c) Se tu \_\_\_\_\_ (ser) humano, então és mortal.

d) Se não se \_\_\_\_\_ (regar) as flores, elas morrem.

### 5.3 Sequência didáctica II: a regularização paradigmática do futuro do conjuntivo

A sequência didáctica que propomos nesta secção é orientada para uma aprendizagem consciente, reflexiva e sistemática dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo.

**Pressuposto:** as formas do futuro do conjuntivo dos verbos regulares são análogas ou homófonas do infinitivo flexionado, ao passo que as formas do futuro dos verbos irregulares são formas lexicalizadas (Villalva 2003).

**Objectivo:** distinguir o futuro do conjuntivo do infinitivo flexionado, e identificar a sua diferente distribuição.

#### FASE I: Observação dos dados e formulação de generalizações

1. Atente nos verbos destacados em cada frase abaixo.

- (1) Se não **fizermos** por nós, o estado não se preocupa.
- (2) Se não **assistir** ao filme, vou ao teatro.
- (3) No dia em que **virem** ele jogar futebol, venham me dizer.
- (4) Assim que **chegares**, telefona-me.
- (5) Se tudo **der** certo, deu.
- (6) Se eu **interferir**, estarei a cortar o sonho dela.

1.1. Os verbos destacados estão no futuro do conjuntivo. Apresente as formas do infinitivo flexionado de cada verbo.

1.2. Distribua os verbos por dois grupos: A - regulares e B - irregulares.

1.3. Compare as formas de futuro do conjuntivo que ocorrem de (1) a (6) com as formas de infinitivo flexionado dos mesmos verbos e formule uma generalização que decorra dessa comparação.

2. Nas frases abaixo, corrija as formas dos verbos irregulares que não se encontram no futuro do conjuntivo. Justifique a sua resposta.

- (1) Eu ficarei surpreendido se eles vierem a horas.
- (2) Se não pores a camisola, a tua febre irá piorar.
- (3) Assim que deterem o criminoso, telefonem-me.
- (4) Se sabermos de alguma coisa, falamos.
- (5) Tu ainda não saíste hoje. Quando saíres, traz-me um café.
- (6) No dia em que verem a peça, ficarão entusiasmados com os actores.
- (7) Assim que dizeres, eu começo.
- (8) Se a sua irmã estiver em casa, dê-lhe o recado.

FASE II: Distribuição do futuro do conjuntivo e de infinitivo flexionado (Explicitação)

1. Considere as formas verbais sublinhadas em cada frase.

- (1) Quando virem o Paulo, digam-lhe tudo o que sabem.
- (2) Os pais estão felizes por os filhos mais novos irem visitá-los.
- (3) O professor compensará todos os alunos que tiverem lido o texto.
- (4) Os pais ficarão tristes se os filhos não forem visitá-los.
- (5) As famílias do prédio Rocha saíram para verem a lua cheia.
- (6) O facto de os alunos terem lido o texto surpreendeu à professora.

1.1. Indique o tempo verbal em que se encontra cada uma das formas sublinhadas.

1.2. Explícite os contextos em que ocorre uma forma verbal no futuro do conjuntivo.

2. De entre as formas verbais em *a.* e *b.* apresentadas após cada frase, escolha e marque com um X aquela que considera adequada para completar o espaço em branco.

- (1) O João espera \_\_\_ dar-lhe a notícia.  
a. *podermos* \_\_\_ b. *pudermos* \_\_\_
- (2) Se não te \_\_\_ do susto, a professora irá descobrir que também estavas a cabular.  
a. *refazeres* \_\_\_ b. *refizeres* \_\_\_
- (3) No caso de vocês \_\_\_\_\_ cá ter, tragam o meu material de estudo./  
a. *Vierem* b. \_\_\_ *virem* \_\_\_

- (4) O docente sente-se orgulhoso por os seus alunos \_\_\_\_ sido premiados.  
a. *terem* \_\_ b. *tiverem* \_\_\_\_
- (5) Quando eles \_\_\_\_\_ tudo o que sabem, estamos tramados.  
a. *dizerem* \_\_ b. *disserem* \_\_\_\_

2.1 Em função das suas respostas à pergunta anterior, construa um texto no qual descreva, por um lado, os contextos em que escolheu o futuro do conjuntivo e, por outro, o infinitivo flexionado.

### FASE III: Exercícios de treino

1. A partir das frases que lhe são apresentadas em (2)-(4), construa frases de modo a expressar uma hipótese concretizável no futuro. Siga o exemplo apresentado em (1).

- (1) É capaz de chover. Portanto, é melhor jantarmos em casa.  
Se chover, jantamos em casa.
- (2) Esse quadro pode ser valioso. Nesse caso vendemo-lo.
- (3) Eles devem saber muito de informática. Acho que temos o assunto resolvido.
- (4) É possível que não venham hoje. Nesse caso vou buscá-los amanhã.

2. Preencha o espaço em branco com uma forma do futuro do conjuntivo do verbo sublinhado em cada frase.

- (1) Por ora não vejo nada, mas se \_\_\_\_\_, chamo-te imediatamente.
- (2) Os alunos intervêm pouco. No dia em que \_\_\_\_\_ muito, a aula será animada.
- (3) Contenham-se! Eles podem presumir que vocês são loucos se não se \_\_\_\_\_.
- (4) Ela ainda compõe mal as suas músicas. No dia em que \_\_\_\_\_ melhor, passará para outra fase.

3. As frases que se seguem são agramaticais.

- (1) \*O polícia que deter o fugitivo e famoso 'ninja' será galardoado. \_\_
- (2) \*Ao virem o professor, os alunos ficaram em silêncio. \_\_
- (3) \*Seja como ser, a coisa vai dar certo. \_\_

- (4) \*Até nos refizermos do susto, ainda ficámos alguns minutos abalados. \_\_\_  
(5) \*Aquele aluno esforça-se por se manter informado. \_\_\_

3.1. Coloque no final de cada frase um dos números (i) ou (ii), indicando que agramaticalidade se deve a cada uma das razões anunciadas abaixo:

- (i) uso do futuro do conjuntivo em contexto de selecção do infinitivo flexionado.  
(ii) flexão incorrecta do verbo no futuro do conjuntivo.

3.2. Reescreva as frases, corrigindo o erro identificado.

#### **5.4. Conclusões**

A gramática pode ser ensinada de modo que seja relevante para as necessidades dos alunos, daí que as sequências que propusemos tenham tido como objectivo principal promover o uso consciente de unidades e regras da língua de escolarização que, para os alunos universitários, se revelaram como sendo de domínio tardio, a saber: o uso do futuro do conjuntivo e do presente do indicativo em condicionais e as formas do futuro do conjuntivo de verbos irregulares de acordo com a norma do PE.

As actividades didácticas propostas neste trabalho centraram-se em três domínios: *consciencialização linguística*, *explicitação* e *treino*, de acordo com as fases de um laboratório gramatical.

O laboratório gramatical requer, indiscutivelmente, a presença de um orientador. Mas as sequências didácticas que propusemos neste trabalho têm a vantagem de levar os estudantes, por si sós, a uma aprendizagem efectiva. A diversidade de exercícios e os textos de apoio constituem, portanto, instrumentos de auto-aprendizagem.

## 6. *Conclusões*

Neste trabalho, procurou-se compreender a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no PM e, seguidamente, fornecer pistas para uma intervenção didáctica adequada aos resultados da pesquisa.

A distribuição do futuro do conjuntivo aproxima o PM do PE padrão. A sua ocorrência verifica-se em contextos de selecção obrigatória ou opcional do modo conjuntivo em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, e em orações subordinadas relativas restritivas. Nestes contextos, o futuro do conjuntivo co-ocorre com verbos que na matriz se apresentam no presente do indicativo, futuro do indicativo ou imperativo. Porém, o PM particulariza-se por admitir a possibilidade de o futuro do conjuntivo correlacionar-se com o infinitivo, entre os dois domínios frásicos.

Relativamente à distribuição do futuro do conjuntivo em estruturas condicionais, ao contrário do PE, em que o seu uso é (i) marginal em condicionais com a interpretação genérica universal e (ii) pouco preferencial em factuais não genéricas com o conteúdo da frase total verificável no momento da enunciação, os dados do PM apontam para um uso sobregeneralizado do futuro do conjuntivo, independentemente dos possíveis valores semânticos da frase. No entanto, considerando os dados de fala espontânea, que revelaram que ainda se produzem com presente do indicativo algumas condicionais reais e genéricas habituais, a conclusão geral a que se pode chegar é a de que existe uma tendência para a sobregeneralização do futuro do conjuntivo nas condicionais com presente do indicativo, futuro do conjuntivo e imperativo na frase raiz, decorrente da fase (actual) de formação do PM, caracterizada por *libertação e expansão em que reina alguma confusão* (Gonçalves 2010a), ou, no nosso entender, fase de transição da gramática da língua-alvo (PE) para a gramática da emergente variedade do PM.

Em estruturas temporais, o futuro do conjuntivo é obrigatoriamente seleccionado quando o tempo da raiz tem, interpretativamente, um valor de futuro, que pode ser expresso pelo presente do indicativo, futuro do indicativo ou imperativo. Em temporais genéricas habituais, em que o verbo matriz ocorre no presente do indicativo, o uso do futuro do conjuntivo é pouco natural, motivado pelo facto de o seu valor temporal de posterioridade (cf. Marques 2010:555) bloquear a interpretação genérica habitual.

Relativamente ao recurso aos paradigmas do infinitivo flexionado na produção dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo, não obstante a variação em função do nível de instrução e do tipo de verbos, verificou-se, no PM, que se trata de um fenómeno bastante recorrente. Este fenómeno é motivado, em primeiro lugar, por um processo de regularização morfológica que consiste na generalização aos verbos irregulares a regra da língua-alvo segundo a qual as formas do futuro do conjuntivo são homófonas das do infinitivo flexionado, em segundo lugar, pela dificuldade de flexão dos verbos irregulares (Gonçalves *et al.* 2005). Estes aspectos podem concorrer ou para a perda de algumas formas lexicalizadas dos verbos irregulares ou para a aceitação de duas formas do futuro do conjuntivo para o mesmo verbo irregular.

Os resultados do estudo revelaram que, para uma intervenção didáctica eficaz, é necessário consciencializar os estudantes sobre a distribuição do tempo/modo em condicionais e sobre a forma dos verbos irregulares no futuro do conjuntivo, de acordo com a língua de ensino, fornecendo-lhes meios (como sequências didácticas às que foram propostas no capítulo 5) para dominarem a gramática do PE padrão. Paralelamente a isso, é necessário que o professor tenha em consideração as propriedades específicas do PM, atribuindo-lhes espaço no contexto da sala de aula e promovendo a comparação com o PE. Assim, em primeiro lugar, deve-se consciencializar os professores e os alunos universitários sobre a existência de propriedades gramaticais específicas do PM que as distinguem do PE, língua de escolarização, bem como sobre os contextos em que se deve limitar o seu uso até que seja oficialmente padronizado. Em segundo lugar, o PM deve constituir, nos níveis secundário e universitário, um recurso para o ensino do PE, o que implica a existência de descrições sobre as diferentes propriedades do PM e a formação de professores com conhecimentos linguísticos das duas variedades.

Dada a inexistência de estudos sobre a distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo, o presente estudo apresenta-se como um contributo para o alargamento do conhecimento das propriedades gramaticais do PM. Adicionalmente, este estudo disponibiliza dados que os professores dos diferentes níveis de ensino poderão considerar na preparação e exploração do tópico aqui tratado na aula de língua portuguesa, chamando a atenção para o facto de o conhecimento dos alunos universitários não convergir, em certos aspectos, com as propriedades da língua de escolarização.

Feito este trabalho, sentimos ter cumprido com os objectivos principais. Estamos, no entanto, conscientes de que o trabalho que apresentamos não é completo nem definitivo, havendo aspectos a aprofundar. Assim, quanto à distribuição do futuro do conjuntivo, e para uma melhor avaliação da hipótese do seu uso sobregeneralizado nas condicionais, é recomendável, por um lado, a aplicação de testes de juízo de gramaticalidade a linguistas moçambicanos e, por outro, a aplicação de outros testes em que se elicitam condicionais genéricas universais e genéricas habituais à população universitária moçambicana. Em segundo lugar, seria também interessante explorar as causas da sobregeneralização do futuro do conjuntivo, na tentativa de saber se a mesma decorre da ausência de correlação entre tempo/modo e valores semânticos associados ou se decorre simplesmente da interpretação dada à conjunção *se*. Finalmente, seria fundamental analisar a correlação entre futuro do conjuntivo e os tempos da oração matriz, que parece apontar para fenómenos de concordância temporal em estruturas temporais, em condicionais e, ainda, em relativas.



## ***Referências bibliográficas***

- Azevedo, Milton M. 1976. *O Subjuntivo em Português: um Estudo Transformacional*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda; Marques, Maria G. & Segura da Cruz, Luísa 1987. *Português Fundamental, Métodos e Documentos, t. 1: Inquérito de Frequência*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Bergareche, Bruno C. 1990. “El futuro de subjuntivo en español”. In Ignacio Bosque (ed.). *Indicativo y Subjuntivo*. Taurus Universitaria: Madrid, pp. 410-461.
- Brito, Ana M. 1988. *A Sintaxe das Orações Relativas do Português: Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto.
- Brito, Ana M. 2003. “Subordinação adverbial”. In Maria Helena Mateus *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, pp. 695-728.
- Brito, Ana M. & Duarte, Inês 2003. “Orações relativas e construções aparentadas”. In Maria Helena Mateus *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, pp. 653-694.
- Bechara, Evanildo 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Callou, Dinah 2007. “Gramática, variação e normas”. In Sílvia Vieira & Sílvia Brandão (orgs.). *Ensino da Gramática*. São Paulo: Contexto, pp. 13-29.
- Carlson, Gregory N. 1988. “The semantic composition of english generic sentences”. In Gennaro Chierchia, Barbara Partee & Ruy Turner (eds.). *Property Theory, Type Theory, and Semantics*. D. Reidel Publishing. Citado a partir de:  
<http://www.ling.rochester.edu/people/carlson/download/generics/Amherst86.pdf>
- Carlson, Gregory N. 1995. “Truth-conditions of generic sentences”. In Gregory Carlson & Francis Jeffrey Pelletier (eds.). *The Generic Book*. University of Chicago Press, pp. 224-37. Citado a partir de:  
<http://www.ling.rochester.edu/people/carlson/download/generics/GenericBookContent.pdf>

- Carlson, Gregory N. 2005. "Generics, habituals and iteratives". *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd Ed. Elsevier. Citado a partir de: <http://www.ling.rochester.edu/people/carlson/download/generics/habituals.pdf>
- Carmo, Hermano & Ferreira, Manuela M. 1998. *Metodologia da Investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chomsky, Noam 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge: Massachusetts, MIT Press, trad. Port. E. P. Raposo, *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho. 1999.
- Cook, Vivian 2001. *Second Language Learning and Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Costa, Ana L. 2010. *Estruturas Contrastivas: Desenvolvimento do Conhecimento Explícito e da Competência da Escrita*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Costa, João 2002. "Será que a Linguística Generativa pode ser útil aos professores de português?" In Cristina Mello *et al.* (coord). *II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*. Coimbra: Almedina, pp. 225-243.
- Cuesta, Pilar Vasquez & Luz, Maria Albertina Mendes 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70. 1980.
- Cunha, Cunha & Cintra Lindley 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- DeKeyser, Robert 1998. "Beyond focus on form: cognitive perspectives on learning and practicing second language grammar". In Catherine Doughty & Jessica Williams (eds.). *Focus on Form in Classroom Second Language Acquisition*. Cambridge: University Press, pp. 43-66.
- DeKeyser, Robert 2003. "Implicit and explicit learning". In Michael Long & Catherine Doughty (eds.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell, pp. 313-348.
- Dias, Helena M. 1993. *Exercícios e Notas Gramaticais: Curso Básico de Português-Língua Estrangeira*. Lisboa: Colibri.
- Dias, Hildizina 2002. *Minidicionário de Moçambicanismos*. Maputo: Edição da autora.
- Dias, Hildizina 2009 (org.). *Português Moçambicano: Estudos e Reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária.

- Duarte, Inês 1992. “Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo”. In Delgado-Martins *et al.* *Para a Didáctica do Português: Seis Estudos de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 165-177.
- Duarte, Inês 1993. “O ensino da gramática como explicitação do conhecimento linguístico”. In Luís Filipe Barbeiro *et al.* *Ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa*. Leiria: ESEL, pp. 49-60.
- Duarte, Inês 2008. *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. (Brochura do PNEP). Lisboa: ME, DGIDC.
- Duarte, Inês 2009. “Desenvolvimento Sintáctico e Escolarização”. Ms. Conferência apresentada na Escola Superior de Educação de Leiria.
- Eberenz, Rolf 1990. “Sea como fuere. En torno a la historia del futuro de subjuntivo español”. In Ignacio Bosque (ed.). *Indicativo y Subjuntivo*. Taurus Universitaria: Madrid, pp. 383-409.
- Ellis, Rod 1997. *SLA Research and Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Ellis, Rod 1999. *Learning a Second Language Through Interaction*. Amsterdam: John Benjamins.
- Espada, Catarina 2009. *Indicativo e Conjuntivo em Completivas de Objecto: Contributos Didácticos para o Ensino do Português como Língua Materna*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Ferrari, Liliane V. 1999. “Construções condicionais e a negociação de perspectivas epistémicas na interacção entre professores”. *Revista do Gelne*, 1(1). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, pp. 79-81.
- Ferreira, Idalina 1998. “Afinidades semânticas entre estruturas condicionais e outras construções”. In *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Vol. I)*. Lisboa: Colibri, pp. 287-301.
- Genouvrier, Emile & Peytard, Jean 1973. *Linguística e o Ensino do Português*. Coimbra: Almedina.
- Gerstner-Link Claudia & Krifka Manfred 1993. “Genericity”. In Joachim Jacobs *et al.* (eds.). *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: De Gruyter, pp. 966-978. citado a partir de: <http://amor.cms.hu-berlin.de/~h2816i3x/articles.html>

- Gonçalves, Perpétua 1990. *A Construção de uma Gramática de Português de Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos. Anexos – Corpus*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Perpétua 1997. “Tipologia de *erros* de português oral de Maputo”. In Perpétua Gonçalves e Christopher Stroud (orgs.) *Panorama do Português Oral de Maputo (Vol. II): A Construção de um Banco de “Erros”*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, pp. 37-70.
- Gonçalves, Perpétua 2001. “Panorama geral do português de Moçambique”. *Revue Belge de Philologie et D’Histoire*, 79.
- Gonçalves, Perpétua 2007. “Pesquisa linguística e ensino do Português: potencialidades das taxonomias de erros”. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 2 (1), pp. 61-76.
- Gonçalves, Perpétua 2010a. *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Gonçalves, Perpétua 2010b (org.). *O Português Escrito por Estudantes Universitários: Descrições Linguísticas e Estratégias Didáticas*. Maputo: Texto Editora.
- Gonçalves, Perpétua & Uamusse, Luís 2004. “O ensino-aprendizagem da gramática”. In Perpétua Gonçalves & Maria João (orgs.) *Português no Ensino Primário: Estratégias e Exercícios*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, pp. 41-65.
- Gonçalves, Perpétua; Companhia, Carlito & Vicente, Francisco 2005. *Português no Ensino Secundário Geral: Perfil Linguístico dos Alunos e Programas de Ensino*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.
- Gonçalves, Perpétua & Siopa, Conceição 2005. “Português na universidade: da análise linguística às estratégias de ensino-aprendizagem”. *Idiomático*, 5, *Revista Digital de Didáctica de PLNM*. Instituto Camões – Centro Virtual Camões ([www.instituto-camoes.pt/cvc/idiomatico/01](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/idiomatico/01)).
- Hudson, Richard 1992. *Teaching Grammar: A Guide for the National Curriculum*. Oxford: Blackwell.

- Hudson, Richard 1999. "Grammar teaching is dead-Not!". In Wheeler, R. S. (ed) *Language Alive in the Classroom*. Westport: Greenwood, pp. 101-112. Citado a partir de: <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/dick/papers.htm#ed>
- Hudson, Richard & Walmsley, John 2005. "The english patient: English grammar and teaching in the twentieth century". In *Journal of Linguistics*, 41 (3), pp. 593-622.
- Justino, Vítor M. 2010. "Contextos de uso obrigatório do conjuntivo: da estimulação à explicitação do conhecimento linguístico". Ms. Comunicação apresentada no *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto.
- Krifka, Manfred *et al.* 1995. "Genericity: an introduction". In Gregory Carlson and Francis Pelletier. (eds). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Krifka, Manfred 2004. "Bare NPs: kind-referring, indefinites, both, or neither?" Proceedings of semantics and Linguistic Theory (SALT) XIII, University of Washington, Seattle. Edited RB Young & Y. Zhou, CLC Publications, Cornell, pp 1-24. Citado a partir de: <http://amor.cms.hu-berlin.de/~h2816i3x/Publications/BarePluralsSalt13.pdf>.
- Larsen-Freeman, Diane 2009. "Teaching and Testing Grammar". In Michael Long and Catherine J. Doughty (ed). *The Handbook of Language Teaching*. Blackwell, 518-542.
- Lopes, Ana Cristina M. 1992 "Aspectos da genericidade". *Cadernos de Semântica*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lopes, Ana. C. M. 2010. "Condicionalis de enunciação no português europeu contemporâneo". Seminários@CELGA 2010: FLUC. [<http://www.uc.pt/uid/celga/agenda2010/acml>]
- Lopes, Ana Cristina M. & Santos, Pedro 1993. "A condicionalidade das frases genéricas". *Cadernos de Semântica*, 17. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lopes, Armando; Siteo, Salvador & Nhamuende, Paulino 2002. *Moçambicanismos: Para um Léxico de usos do Português Moçambicano*. Maputo: Livraria Universitária/Universidade Eduardo Mondlane.

- Machava, Benilde 1994. *A Colocação do Pronome Pessoal Átono em Frases Subordinadas no Português de Moçambique*. Dissertação de Licenciatura, Universidade Eduardo Mondlane.
- Marques, Rui 1995. *Sobre o Valor dos Modos Conjuntivo e Indicativo em Português*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Marques, Rui 2001. “O Modo em condicionais contrafactuais e hipotéticas”. In *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 325-335.
- Marques, Rui 2010. “Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo”. In *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 549-565.
- Móia, Telmo 1992. *A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Müller, Ana 2000. “Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no português brasileiro”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 39. Campinas, pp. 141-158.
- Müller, Ana 2003. “Anaphora and genericity in brazilian portuguese”. *Letras de Hoje* 38. Porto Alegre, pp. 109-124. Citado a partir de <http://www.fflch.usp.br/dl/anamuller/trabalho.html>
- Müller, Ana 2004. “Tipos de genericidade como tipos de modalidade”. *Revista Letras (Curitiba)*: Curitiba 60, pp. 341-362. Citado a partir de: <http://www.fflch.usp.br/dl/anamuller/pdf/Tipos%20de%20Genericidade%20Letras%202004.pdf>
- Oliveira, Fátima 1991. “Sobre as condicionais”. In *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.239-257.
- Oliveira, Fátima 2003a. “Tempo e aspecto”. In Maria Helena Mateus *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, pp. 128-178.
- Oliveira, Fátima 2003b. “Modalidade e modo”. In Maria Helena Mateus *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, pp. 245-272.
- Peres, João; Móia, Telmo & Marques, Rui 1999. “Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português”. In Isabel Faria (org.). *Lindley e Cintra*:

- Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Comos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 627-656.
- Pontes, Eunice 1972. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Quirk, Randolph *et al.* 1985. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.
- Reis, Silvia Lopes 2006. *Estudo de Inglês para Turismo: Recurso à Linguística de Corpus*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Rocha, Luíz Carlos 2002. *Gramática: Nunca Mais*. São Paulo: Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Romero, Henrique M. 1989. “Subxuntivo futuro/indicativo presente na prótase das orações condicionais do galego medieval”. In Ramón Lorenzo (pub.). *Actas do XIX congresso internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas (Vol. VI)*. Universidade de Santiago de Compostela, pp 337-352.
- Sá de Almeida, Elísio F. 1998. “Sintagmas nominais genéricos e processos anafóricos portadores de genericidade”. In *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística Vol. I*. Lisboa: Colibri, pp.11-19.
- Said Ali, Manuel 1931. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos (3.<sup>a</sup> edição, 1964).
- Seliger, Herbert & Shohamy Elana 1989. *Second Language Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Silvano, Purificação & Rodrigues, Sónia Valente 2010. “A pedagogia dos discursos e o laboratório gramatical no ensino da gramática: uma proposta de articulação”. In Ana Maria Brito (org.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Fundação Universidade do Porto: Faculdade de Letras, pp. 275-286.
- Sim-Sim, Inês; Duarte, Inês & Ferraz, Maria José 1997. *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: DEB.ME.
- Sinclair, John 1996. “Tipologia textual EAGLES”. In Fernanda Bacelar de Nascimento, Maria Celeste Rodrigues & José Bettencourt Gonçalves (orgs.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Vol. I)*. Lisboa: Colibri, pp. 39-91.

- Siopa, Conceição 2006. “Ensino do português na universidade em Moçambique: Trabalhos oficiais de gramática”. In Fátima Oliveira & João Barbosa (orgs.). *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Texto Seleccionado*. Lisboa: APL, pp. 659-74.
- Thornton, Rosalind 1998. “Elicited production”. In Dana McDaniel, Cecile McKee & Helen Cairns (eds.). *Methods for Assessing Children’s Syntax*. Massachusetts: MIT Press, pp. 77-102.
- Villalva, Alina 2003. “Aspectos morfológicos da gramática do português”. In Maria Helena Mateus *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, pp. 917-983.

## **ANEXO 1 – Tarefa de juízo de gramaticalidade do PE**

Código \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

**Por favor, indique os seus juízos de gramaticalidade relativamente às frases (1) a (19), marcando-as com “ok”, “?” (aceitável mas pouco natural, ou marginal) ou “\*” (inaceitável/agramatical)**

1. a. Se o casal não tiver filhos, poderá adoptá-los. [1]  
b. Se o casal não tem filhos, poderá adoptá-los.
2. a. Se tu não pões as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. [6]  
b. Se tu não puseres as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se.
3. a. Se a cerejeira é uma árvore, então pertence ao reino vegetal. [7]  
b. Se a cerejeira for uma árvore, então pertence ao reino vegetal.
4. a. Se eles não vierem com as raparigas, não entram nesta festa. [8]  
b. Se eles não vêm com as raparigas, não entram nesta festa.
5. a. Se estás com ressaca, bebe uma água. [12]  
b. Se estiveres com ressaca, bebe uma água.
6. a. Se eles empurrarem, o carro pega. [13]  
b. Se eles empurram, o carro pega.
7. a. Se tu não queres trabalhar, fica em casa. [14]  
b. Se tu não quiseres trabalhar, fica em casa.
8. a. Se não há muitos passageiros, os autocarros não param nesta paragem. [18]  
b. Se não houver muitos passageiros, os autocarros não param nesta paragem.
9. a. Se os meios de comunicação não divulgam esta informação, as pessoas ficam sem saber nada. [22]  
b. Se os meios de comunicação não divulgarem esta informação, as pessoas ficam sem saber nada.

10. a. Se a água atingir a temperatura de 100°C, começa a ferver. [23]  
b. Se a água atinge a temperatura de 100°C, começa a ferver.
11. a. Os miúdos só podem ir às aulas se os carros dos pais não avariarem. [24]  
b. Os miúdos só podem ir às aulas se os carros dos pais não avariam.
12. a. Se tu vieres ao Algarve, não deixes de ir à praia. [26]  
b. Se tu vens ao Algarve, não deixes de ir à praia.
13. a. Se os professores dispuserem de tempo, publicam as notas. [31]  
b. Se os professores dispõem de tempo, publicam as notas.
14. a. Se vocês dão a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação. [33]  
b. Se vocês derem a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação
15. a. Se as crias forem fêmeas, ganhamos com isso. [35]  
b. Se as crias são fêmeas, ganhamos com isso.
16. a. Se alguém me vem dizer que a qualidade de ensino é baixa, pode ter razão. [36]  
b. Se alguém me vier dizer que a qualidade de ensino é baixa, pode ter razão.
17. a. Se não chover neste trimestre, não semeamos nada. [40]  
b. Se não chove neste trimestre, não semeamos nada.
18. a. Se tu dispuseres de dicionário, será fácil fazer a tradução. [43]  
b. Se tu dispões de dicionário, será fácil fazer a tradução.
19. a. Se tu disseres a verdade, estaremos tramados. [45]  
b. Se tu dizes a verdade, estaremos tramados.

Obrigado pela sua colaboração.

### ANEXO 1.1 – Resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade no PE

Frases		Informantes									
		S1	S2	S1	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10
F1	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	ok	ok	ok	ok	ok	?	??	??	ok
F6	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
F7	FC	ok	*	ok	*	?	?	ok	??	?	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
F8	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	?	ok
F12	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
F13	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	*	ok	?	?	?	ok	*	?	ok
F14	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
F18	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	*	??	ok	ok
	PI	*	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	?	ok
F22	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
F23	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	?	ok	ok	ok	ok	?	??	ok	ok
F25	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	*	*	*	?	ok	?	??	ok	ok
F26	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	ok	ok	ok	*	ok	?	ok	ok	ok
F31	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	?	?	ok	?	ok	*	ok	ok
F33	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	ok	?	?	ok	?	?	??	?	ok
F35	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	ok	ok	ok	?	ok	?	??	ok	?
F36	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	*	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	?	ok
F40	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	ok	ok	ok	ok	ok	ok	*	ok	ok	ok
F43	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	ok	ok	ok	ok	ok	ok	??	ok	ok
F45	FC	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok	ok
	PI	*	ok	ok	*	ok	ok	?	ok	ok	ok

## ANEXO 2 – Tarefa de produção provocada do PE

**Caro informante,**  
**Para fins de investigação em Linguística Aplicada, vimos solicitar a sua colaboração, respondendo às perguntas deste inquérito.**

Código \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

### 0. INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

1. Nome \_\_\_\_\_
2. Ano \_\_\_\_\_
3. Idade \_\_\_\_\_ 4. Sexo \_\_\_\_\_
4. Naturalidade \_\_\_\_\_
5. Qual foi a 1ª língua que aprendeu a falar? \_\_\_\_\_
6. Que língua(s) usa para comunicar em casa com a família e com os amigos?  
\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_;
7. Onde aprendeu a falar a língua portuguesa? \_\_\_\_\_

### I. Preencha os espaços vazios com a forma adequada dos verbos que se encontram Entre parênteses.

1. Se o casal não \_\_\_\_\_ (ter) filhos, poderá adoptá-los.
2. Tens de ir à varanda para \_\_\_\_\_ (ver) as manifestações populares.
3. Fica tranquilo que terás tudo o que \_\_\_\_\_ (querer).
4. Como o professor não chegava, os alunos \_\_\_\_\_ (ir) para as suas casas.
5. Temos de fazer o trabalho enquanto \_\_\_\_\_ (estar) bem dispostos e inspirados.
6. Se tu não \_\_\_\_\_ (pôr) as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se.
7. Se a cerejeira \_\_\_\_\_ (ser) uma árvore, então pertence ao reino vegetal.
8. Se eles não \_\_\_\_\_ (vir) com as raparigas, não entram nesta festa.
9. Quando \_\_\_\_\_ (ser) 12 horas, feche as portas da loja.
10. O condutor do autocarro só pára quando se \_\_\_\_\_ (dizer) “stop”.
11. O funcionário que \_\_\_\_\_ (desviar) o salário dos trabalhadores foi preso.
12. Se \_\_\_\_\_ (estar) com ressaca, bebe uma água.
13. Se eles \_\_\_\_\_ (empurrar), o carro pega.
14. Se tu não \_\_\_\_\_ (querer) trabalhar, fica em casa.
15. O aluno que \_\_\_\_\_ (dizer) a verdade é sempre perdoado.
16. Seja o que \_\_\_\_\_ (ser), a polícia municipal irá vencer esta guerra.
17. O povo \_\_\_\_\_ (querer) que o governo lhes dê alguma esperança.
18. Se não \_\_\_\_\_ (haver) muitos passageiros, os autocarros não param nesta paragem.
19. Para tu \_\_\_\_\_ (estar) bem na vida, tens de estudar bastante.
20. Quem \_\_\_\_\_ (ter) melhores oportunidades, vence na vida.
21. Quando nós \_\_\_\_\_ (ver) o Paulo, diremos apenas o

necessário.

22. Se os meios de comunicação não \_\_\_\_\_ (divulgar) esta informação, as pessoas ficam sem saber nada.
23. Se a água \_\_\_\_\_ (atingir) a temperatura de 100°C, começa a ferver.
24. Quando tu \_\_\_\_\_ (terminar) o trabalho, desliga o computador.
25. Os miúdos só podem ir às aulas se os carros dos pais não \_\_\_\_\_ (avariar).
26. Se tu \_\_\_\_\_ (vir) ao Algarve, não deixes de ir à praia.
27. Precisamos de 100 euros para \_\_\_\_\_ (ir) à discoteca.
28. Quando ela \_\_\_\_\_ (terminar) de escrever, desligou o PC.
29. Eles foram divertir-se à noite ao \_\_\_\_\_ (chegar) a Lisboa.
30. Quando \_\_\_\_\_ (estar) mau tempo, os barcos não circulam nos Açores.
31. Se os professores \_\_\_\_\_ (dispor) de tempo, publicam as notas.
32. Dir-me-ás o resultado do teste quando \_\_\_\_\_ (ir) à faculdade.
33. Se vocês \_\_\_\_\_ (dar) a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação.
34. Os piratas ficam sujeitos às consequências que \_\_\_\_\_ (haver).
35. Se as crias \_\_\_\_\_ (ser) fêmeas, ganhamos com isso.
36. Se alguém me \_\_\_\_\_ (vir) dizer que a qualidade de ensino é baixa, pode ter razão.
37. Para ele \_\_\_\_\_ (dar) um grande festa, precisa de muito dinheiro.
38. Sempre que não \_\_\_\_\_ (chover) nestas terras, perdemos as plantações.
39. Volte para a cama, senão o médico mata-me quando a \_\_\_\_\_ (ver) em pé.
40. Se não \_\_\_\_\_ (chover) neste trimestre, não semeamos nada.
41. Quando nós \_\_\_\_\_ (chegar), vamos visitar os nossos avôs.
42. Enquanto compras um jornal, eu \_\_\_\_\_ (beber) uma cerveja.
43. Se tu \_\_\_\_\_ (dispor) de dicionário, será fácil fazer a tradução.
44. Quando eu \_\_\_\_\_ (ter) um diamante, ofereço-o à minha mãe.
45. Se tu \_\_\_\_\_ (dizer) a verdade, estaremos tramados.

Obrigado pela sua colaboração.

## ANEXO 2.1 – Resultados da tarefa de produção provocada no PE

### 2.1.1 – Frases condicionais

	INFORMANTES																		
	S1	S2	S3	S4	S5	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16	S17	S18	S19	S20
<b>Fr. 1</b>	FC	FC	FC	PI	FC	PI	PI	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 6</b>	FC	PI	PI	PI	FC	PI	FC	FC	FC	PI	Inf	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 7</b>	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	FC	FC	PI	PI	IC	FC
<b>Fr. 8</b>	PI	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	PI	PI	FC	FC	FC	FC	PI	FC	PI	FC	Inf
<b>Fr. 12</b>	FC	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	FC	PI	FC	PI	FC	FC	PI	FC	FC	FC	PI
<b>Fr. 13</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 14</b>	FC	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	FC	PI	FC	PI	FC	PI	FC	PI	PI	PI	FC
<b>Fr. 18</b>	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC
<b>Fr. 22</b>	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	PI	FC	PI	PI	PI	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC
<b>Fr. 23</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 25</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 26</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 31</b>	Inf	PI	PI	PI	FC	PI	FC	PI	FC	PI	Inf	Inf	FC	Inf	FC	Inf	FC	FC	FC
<b>Fr. 33</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	PI	FC	Inf	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 35</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 36</b>	FC	FC	FC	FC	PI	FC	Inf	PI	FC	Inf	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC
<b>Fr. 40</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 43</b>	Inf	PI	FC	FC	FC	PI	FC	PI	PI	FC	Inf	Inf	FC	Inf	FC	PI	-	FC	PI
<b>Fr. 45</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	PI	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	PI

**2.1.2 – Frases temporais**

	INFORMANTES																		
	S1	S2	S3	S4	S5	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16	S17	S18	S19	S20
<b>Fr. 9</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 10</b>	FC	PI	FC	PI	PI	FC	FC	PI	Inf	FC	PI	FC	PI	FC	FC	PI	FC	PI	FC
<b>Fr.21</b>	Inf	FC	FC	FC	PP	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	PI	Inf	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 24</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PP	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 30</b>	FC	PI	PI	PI	PI	PI	II	FC	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI	PI
<b>Fr. 32</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 39</b>	Inf	FC	IC	FC	FC	FC	FC	-	FC	FC	Inf	Inf	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 41</b>	FC	FC	FC	FC	FC	PP	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 44</b>	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC

## ANEXO 3 – Tarefa de produção provocada do PM

**Caro informante,**

**Para fins de investigação em Linguística Aplicada, vimos solicitar a sua colaboração, respondendo às perguntas deste inquérito.**

Código \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

### 0. INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

1. Nome \_\_\_\_\_
2. Nível \_\_\_\_\_
3. Idade \_\_\_\_\_ 4. Sexo \_\_\_\_\_
4. Naturalidade \_\_\_\_\_
5. Qual foi a 1ª língua que aprendeu a falar? \_\_\_\_\_
6. Que língua(s) usa para se comunicar em casa com a família e com os amigos?  
\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ ;
7. Onde aprendeu a falar a língua portuguesa \_\_\_\_\_

**I. Preencha os espaços vazios com a forma adequada dos verbos que se encontram entre parênteses.**

1. Se o casal não \_\_\_\_\_ (ter) filhos, poderá adoptá-los.
2. Tens de ir ao terraço para \_\_\_\_\_ (ver) as manifestações populares.
3. Fica tranquilo que terás tudo o que \_\_\_\_\_ (querer).
4. Como o professor não chegava, os alunos \_\_\_\_\_ (bazar) para as suas casas.
5. Temos de fazer o trabalho enquanto \_\_\_\_\_ (estar) bem dispostos e inspirados.
6. Se tu não \_\_\_\_\_ (pôr) as magumbas na geleira, elas estragam-se.
7. Se o canhoeiro \_\_\_\_\_ (ser) uma árvore, então pertence ao reino vegetal.
8. Se eles não \_\_\_\_\_ (vir) com as bradas, não entram nesta festa.
9. Quando \_\_\_\_\_ (dar) 12 horas, feche as portas do contentor.
10. O motorista só pára quando o cobrador \_\_\_\_\_ (dizer) “paragem”.
11. O funcionário que \_\_\_\_\_ (esquinar) o salário dos trabalhadores foi preso.
12. Se \_\_\_\_\_ (estar) com babalaza, bebe uma Coca.
13. Se eles \_\_\_\_\_ (tchovar), o carro pega.
14. Se tu não \_\_\_\_\_ (querer) jobar, fica em casa.
15. O aluno que \_\_\_\_\_ (dizer) a verdade é sempre perdoado.
16. Seja o que \_\_\_\_\_ (ser), a polícia irá vencer os malfetores.
17. O povo \_\_\_\_\_ (querer) que o governo lhes dê alguma esperança.
18. Se não \_\_\_\_\_ (haver) muitos passageiros, os chapeiros não param nesta paragem.

19. Para tu \_\_\_\_\_ (estar) na mão de cima, deves ter muitos padrinhos no governo.
20. Quem \_\_\_\_\_ (ter) melhores oportunidades, vence na vida.
21. Quando nós \_\_\_\_\_ (ver) o Paulo, diremos o necessário.
22. Se os medias não \_\_\_\_\_ (divulgar) essa informação, as pessoas ficam sem saber nada.
23. Se a água \_\_\_\_\_ (atingir) a temperatura de 100°C, começa a ferver.
24. Quando tu \_\_\_\_\_ (terminar) o trabalho, desliga o computador.
25. Os putos só irão ao “fama show” se os chapas não \_\_\_\_\_ (matrecar).
26. Se tu \_\_\_\_\_ (vir) a Inhambane, não deixes de ir ao Tofo.
27. Precisamos de mil paus para \_\_\_\_\_ (ir) à discoteca.
28. Quando ela \_\_\_\_\_ (terminar) de escrever, desligou o PC.
29. Eles foram tchilar ao \_\_\_\_\_ (chegar) à capital moçambicana.
30. Quando \_\_\_\_\_ (estar) mau tempo, os barcos não circulam na baía de Inhambane.
31. Se os professores \_\_\_\_\_ (dispor) de tempo, publicam as notas.
32. Dir-me-ás o resultado do teste quando \_\_\_\_\_ (ir) à faculdade.
33. Se vocês \_\_\_\_\_ (dar) a resposta correcta, somamos mais um ponto à classificação.
34. Os operadores piratas ficam sujeitos às consequências que \_\_\_\_\_ (haver).
35. Se as crias \_\_\_\_\_ (ser) fêmeas, ganhamos com isso.
36. Se alguém me \_\_\_\_\_ (vir) dizer que a educação baixou, pode ter razão.
37. Para ele \_\_\_\_\_ (dar) um mega party, precisa de muita mola.
38. Sempre que não \_\_\_\_\_ (chover) nestas terras, deve-se encontrar os culpados.
39. Volte para a cama, senão a senhora mata-me quando a \_\_\_\_\_ (ver) em pé.
40. Se não \_\_\_\_\_ (chover) neste trimestre, não semeamos nada.
41. Quando nós \_\_\_\_\_ (chegar), vamos visitar os nossos velhos.
42. Enquanto compras um jornal, eu \_\_\_\_\_ (beber) uma 2M.
43. Se tu \_\_\_\_\_ (dispor) de dicionário, será fácil fazer a tradução.
44. Quando eu \_\_\_\_\_ (ter) um diamante em casa, talvez vá ter uma opinião diferente.
45. Se tu \_\_\_\_\_ (dizer) a verdade, estaremos fritos.

Obrigado pela sua colaboração.

## ANEXO 3.2 – Resultados da tarefa de produção provocada no PM

### 3.2.1 – Frases condicionais

Frases	INFORMANTES																							
	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16	S17	S18	S19	S20	S21	S22	S23	
<b>Fr. 1</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PC	FC	PI	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	
<b>Fr. 6</b>	PI	PI	FC	FC	Inf	FC	Inf	PI	PI	Inf	Inf	PC	FC	FC	Inf	Inf	FC	PI	Inf	Inf	PI	Inf	PI	
<b>Fr. 7</b>	FC	FC	IC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	IC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	PI	PI	
<b>Fr. 8</b>	PI	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	PI	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	PP	
<b>Fr. 12</b>	FC	FC	FC	FC	PI	FC	PI	FC	PI	PI	FC	FC	Inf	FC	IC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	PI
<b>Fr. 13</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	PC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	IC	FC	FC	FC	
<b>Fr. 14</b>	FC	PI	FC	FC	PI	PI	FC	FC	PI	PI	FC	FC	PI	FC	PI	Inf	FC	PI	FC	FC	FC	PI	FC	
<b>Fr. 18</b>	FC	PI	IC	FC	PI	FC	PI	FC	FC	PC	PI	PP	PI	FC	PI	-	FC	PI	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	
<b>Fr. 22</b>	FC	PI	FC	FC	FC	FC	PI	PI	FC	IC	PI	FC	PI	PI	FC	PI	FC	PI	FC	FC	PI	FC	FC	
<b>Fr. 23</b>	PI	FC	IC	FC	PI	FC	FC	PI	FC	PI	PI	FC	PI	FC	IC	PI	PI	PI	FC	FC	PI	PI	FC	
<b>Fr. 25</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	
<b>Fr. 26</b>	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	Inf	Inf	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	
<b>Fr. 31</b>	Inf	FC	IC	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	PI	PI	Inf	FC	IC	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	
<b>Fr. 33</b>	FC	FC	Inf	Inf	FC	FC	Inf	FC	FC	PI	Inf	FC	Inf	PI	IC	Inf	FC	PI	Inf	Inf	FC	Inf	PI	
<b>Fr. 35</b>	FC	FC	IC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	PI	FC	PI	FC	PI	Inf	FC	FC	Inf	FC	FC	Inf	FC	
<b>Fr. 36</b>	Inf	FC	IC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	PI	-	FC	PC	FC	-	Inf	FC	FC	FC	Inf	FC	PI	Inf	
<b>Fr. 40</b>	FC	FC	FC	PI	FC	PI	FC	FC	FC	PI	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	-	FC	FC	
<b>Fr. 43</b>	FC	FC	IC	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	PI	Inf	FC	IC	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	Inf	
<b>Fr. 45</b>	FC	PI	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	PI	Inf	FC	Inf	FC	Inf	Inf	FC	Inf	Inf	FC	FC	Inf	Inf	

### 3.2.2 – Frases temporais

	INFORMANTES																						
	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16	S17	S18	S19	S20	S21	S22	S23
<b>Fr. 9</b>	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	Inf	FC	FC	Inf	Inf	FC	Inf	Inf
<b>Fr. 10</b>	FC	PI	IC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	PI	PI	Inf	PI	FC	PI	PI	FC	PI	Inf	FC	FC	PI	PI
<b>Fr.21</b>	Inf	Inf	IC	Inf	Inf	FC	Inf	FC	FC	Inf	Inf	PI	Inf	FC	IC	FC	FC	Inf	Inf	Inf	Inf	PP	Inf
<b>Fr. 24</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 32</b>	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	Inf	Inf	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 39</b>	Inf	FC	IC	FC	Inf	FC	Inf	Inf	Inf	Inf	-	Inf	PC	FC	FC	Inf	FC	Inf	Inf	Inf	-	-	Inf
<b>Fr. 41</b>	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	-	FC	FC
<b>Fr. 44</b>	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Fr. 30</b>	PI	FC	FC	FC	PI	FC	PI	FC	FC	PI	FC	FC	PI	PI	PI	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	PI	PI

## ANEXO 4 – Tarefa de juízo de gramaticalidade do PM

Código \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

Nome: \_\_\_\_\_

### II. Das frases apresentadas em cada grupo, marque com uma cruz (X) a que lhe parece correcta.

- (1) a. Se estiveres com malária, não sairás do gone.  
b. Se estás com malária, não sairás do gone.  
c. Se estares com malária, não sairás do gone.
- (2) a. Quando faz muito calor, as pessoas ferram tarde.  
b. Quando fizer muito calor, as pessoas ferram tarde.  
c. Quando fazer muito calor, as pessoas ferram tarde.
- (3) a. Se pores o metal ao lume, ele derrete.  
b. Se pões o metal ao lume, ele derrete.  
c. Se puseres o metal ao lume, ele derrete.
- (4) a. Quando vires o António, dá-me um toque.  
b. Quando veres o António, dá-me um toque.  
c. Quando vês o António, dá-me um toque.
- (5) a. Se ela nos dar muita grana, não é kakata.  
b. Se ela nos der muita grana, não é kakata.  
c. Se ela nos dá muita grana, não é kakata.
- (6) a. Quando temos tempo, beberemos um copo.  
b. Quando tivermos tempo, beberemos um copo.  
c. Quando termos tempo, beberemos um copo.
- (7) a. Se tu fores esperto, bates o exame da UEM.  
b. Se tu és esperto, bates o exame da UEM.  
c. Se tu seres esperto, bates o exame da UEM.
- (8) a. Quando haver muitos chapas, as crianças chegam cedo à escola.  
b. Quando houver muitos chapas, as crianças chegam cedo à escola.  
c. Quando há muitos chapas, as crianças chegam cedo à escola.
- (9) a. Quando ela vir, não vai querer andar mais comigo.  
b. Quando ela vier, não vai querer andar mais comigo.  
c. Quando ela vem, não vai querer andar mais comigo.

- (10) a. Se fores à discoteca bem grifado, entras sem pagar.  
b. Se ires à discoteca bem grifado, entras sem pagar.  
c. Se vais à discoteca bem grifado, entras sem pagar.

**ANEXO 4.1 – Resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade**

Frases	INFORMANTES																							
	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16	S17	S18	S19	S20	S21	S22	S23	
<b>Frases condicionais</b>																								
Fr. 1	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	Inf	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
Fr. 3	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	PI	PI	PI	FC	FC	PI	PI	FC	PI	FC	PI	PI
Fr. 5	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	Inf	PI	FC	FC	FC	PI	FC	FC	FC	FC	Inf	Inf
Fr. 7	FC	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	FC	PI	PI	FC	FC	PI	FC	Inf	FC	PI	Inf	FC	FC	FC	FC	FC
Fr. 10	PI	FC	PI	PI	PI	FC	FC	FC	FC	FC	PI	FC	PI	FC	FC	FC	FC	PI	Inf	FC	FC	FC	FC	FC
<b>Frases temporais</b>																								
Fr. 2	PI	PI	PI	PI	PI	FC	PI	FC	PI	PI	PI	FC	PI	PI	PI	PI	FC	PI	FC	FC	PI	PI	PI	PI
Fr. 4	FC	Inf	FC	Inf	Inf	FC	Inf	FC	PI	Inf	Inf	Inf	Inf	FC	Inf	FC	FC	Inf	FC	FC	Inf	Inf	Inf	Inf
Fr. 6	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC
Fr. 8	PI	PI	PI	PI	PI	FC	PI	FC	PI	FC	PI	FC	PI	PI	PI	PI	FC	PI	PI	PI	FC	Inf	PI	PI
Fr. 9	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	FC	Inf	FC	FC	FC	FC

## ANEXO 5 – Dados de fala espontânea

Código do Sujeito: NAWM38

Duração da conversa: 1:02h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
30/M	Estudante (UEM)	Médio (12º)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Chope	Português	Gitonga Inglês Francês

### I. Futuro do conjuntivo

1. Se *formos* a ver, 90 senão 80 por cento da população de Moçambique fala correctamente o Português.
2. Se não *puder*, a alternativa é ir ao mercado à busca de trabalho.
3. Se *formos* a ver, o meu Português está com pequenas dificuldades.

### II. Presente do Indicativo

4. Nós em Moçambique, se **estudamos** é porque precisamos do diploma.
5. Quando **estamos** em casa, não nos podemos separar da família.
6. Os jovens quando **decidem** que vão à vida religiosa, vão porque seguem um ídolo.
7. Quando **chega** no terreno, a realidade é outra.
8. Quando **chegamos** cá, estamos à busca de ferramenta.

Código do Sujeito: NZC39

Duração da conversa: 34mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
27/F	Estudante (UEM)	Médio (12º)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português	Inglês Português	Francês Changana

### I. Futuro do conjuntivo

1. Se *for* chamada para o exame, melhor.
2. Se *conseguir*, melhor.
3. Quando o dia *chegar*, vai acontecer.
4. Quando eu *estiver* a precisar daquele momento meu é só entrar no meu quarto fechar a porta.
5. Quando *estiver* bem no novo emprego, posso começar o meu plano.
6. Vai pondo feijão verde, cenoura, tudo o que tu *puderes*.

### II. Presente do indicativo

7. Se eu te **levo** para Lichinga vais encontrar pessoas que falam Português de maneiras diferentes.

Código do Sujeito: JR41

Duração da conversa: 1:01h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
29/M	Estudante/ Docente	Médio (12°)	Nampula/Cidade de Maputo	Português	Português	Inglês Makua

I. Futuro do conjuntivo

1. Espero que se *tiver* mais possa convidar.
2. Irei viver (*para*) fora, se o ambiente *continuar* como tem sido.

II. Presente do indicativo

3. Você está errado, quando **diz** assim.
4. É normal o PR quando **tem** (*um*) evento numa certa comunidade almoçar lá com o povo.
5. Se não **vou correr** nas manhãs, estou com (*um*) grupo de amigos.
6. Se não **há** jantares de confraternização, vou a discoteca.
7. Se não **vou**, faço contactos sempre.

Código do Sujeito: D44

Duração da conversa: 33mim

Idade/ Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
22/F	Bibliotecária Estudante (UEM)	Médio (12°)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português	Português	

I. Futuro do conjuntivo

1. Se [as empresas] *quiserem* aumentar a produtividade devem capacitar os agricultores.
2. Se os agricultores *forem* formados, terão melhor produtividade.
3. Se eu *quiser ter* bons resultados, tenho que procurar muita bibliografia que tem a ver com o tema.
4. Se eu *quiser ter* uma boa nota, tenho que me esforçar para dominar o tema.
5. Se eu *quiser* defender, tenho que ensaiar.
6. Se não *for* à piscina, vou ao cinema.
7. Se não ver o filme, vou ao teatro.
8. Se não *assistir* (*a*)o filme, vou ao teatro.

II. Presente do indicativo

9. Quando **chego** à casa, só me resta ver novela.

Código do Sujeito: HT45

Duração da conversa: 33:31mim

Idade/ Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L. Com.	Outras L.
32/M	Assistente (Reprografia)	Médio (12º)	Maputo/ Cidade de Maputo	Chamgana	Português Chamgana	Ronga Chope

I. Futuro do conjuntivo

1. Se eu não *conseguir*, paciência.
2. Se a direcção *procurar saber* o que está acontecer (...), os resultados podem vir a melhorar.

Código do Sujeito: LFM49

Duração da conversa: 30:48mim

Idade/ Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L. Com.	Outras L.
28/F	Bibliotecária (UEM)	Superior (Bach.)	Gaza/ Cidade de Maputo	Chamgana	Português Chamgana	Inglês Francês

I. Futuro do Conjuntivo

1. Se o negócio *continuar* assim, posso continuar nesta área.
2. Se esse negócio *pegar*, posso não trabalhar na minha área.
3. Se o cliente *for* a pedir desconto, arear até aquele valor normal.
4. Se não *chover*, irei sair amanhã.
5. Se eu não *receber* visita amanhã, irei a Facim.
6. Se eu não *for a receber* visita amanhã, irei a Facim.
7. Amanhã irei à Facim independentemente do que *for* a acontecer.

Código do Sujeito: CAM52

Duração da conversa: 22:42 mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L. Com.	Outras L.
35/M	Secretária Estudante	Médio (12º)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Chamgana	Português	

I. Futuro do conjuntivo

1. Lava a mandioca (*e*) põe a ferver. Depois que ela *estiver* quase (...) cozida, separa do meio, lava a cacana, depois de já escolhida e põe na panela.

Código do Sujeito: CFM54

Duração da conversa: 40:50mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
21/F	Estudante (UEM)	Médio (12º)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português	Português	Ingles Changana

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se *tiver* um tempinho, passear visitar os pais.
2. As pessoas quando *sairem* dali, estarem fortes no Inglês.
3. Se ele *provocar* uma briga vou ficar na minha, ficar calada.
4. Se eu não *for* a conseguir usar o ensino sul africano, vou usar o ensino de Moçambique.
5. Não podem me defender se eu *for* a argumentar nesse sentido.
6. Os profissionais que terem que estar lá, têm que ser profissionais de verdade.

#### II. Presente do Indicativo

7. Se a criança não **fala** português é olhada de uma maneira diferente.
8. Quando uma criança **fala** português, tem mais consideração.
9. Agente quando **está a namorar** pensa que vai ser um mar de rosas, mas quando você já **está** no campo só os dois, as coisas mudam.
10. Quando **estou** em casa, escrever, ler, conversar.
11. Se não **estou** em casa, estou a visitar algum familiar.
12. Se não **estou a fazer** isso, estou na escola.
13. É vida de sonhos, mas quando tu **estás** já na prática, acho que não agrada.
14. Quando **saímos** juntos, eu não fico à vontade.
15. Quando ele **começa** uma briga, eu calo.
16. Se ele não **confia** em mim, é porque tem motivos.
17. Quando **aparecem** vestígios de coisas que não têm nada a ver, eu tenho que reagir.
18. [A nossa relação] é um casamento de aparências quando **estamos** em frente das pessoas.
19. Se a criança tem problemas em casa, vou tentar ver o que fazer para ajudar.

Código do Sujeito: RMF55

Duração da conversa: 45mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
37/F	Docente Estudante	Superior (bach.)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Português	Português	Changana

### I. Futuro do conjuntivo

1. Se eu *tiver* que falar as outras, eu falo.
2. Se *for* mesmo para aprender a escrever, não tens como.
3. Se eu *conseguir* criar bem essas crianças (...), faço mais um e quando é que hei-de ter casa.
4. Preciso de ir ao banco? Só se *for* para construir um prédio [é que lá posso ir].
5. O carro é barato em relação à casa, enquanto não *tiver* casa, hei-de ter carro?
6. Se a minha vida *mudar*, faço mais um.

### II. Presente do indicativo

7. Se eu **tiro** 15 milhões para pagar [casa] e o resto, a minha escola, alimentação quem paga?
8. Se eu **tenho** 90 de rendimento, preciso de ir ao banco, não preciso, só se *for* para construir um prédio.
9. Se **estou a tirar** tudo meu para pagar casa, quando é que vou comprar (*ou*) construir uma casa para meu [filho].
10. Quando **sobem** (*os*) preços, eles tiram subsídios de ministros.
11. Se **há** pessoas bem formadas e não conseguem ir a lado nenhum, imagine quem não está formada.
12. Gosto de conversar quando **posso**.
13. Quando **começam** as novelas em casa da minha mãe, eu vou-me embora.
14. Quando a viúva **morre**, põe mucumes.

Código do Sujeito: FMF56

Duração da entrevista: 37:31mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
36/F	Secretária (UEM)	Superior (Lic.)	Tete/ Cidade de Maputo	Português	Português	Changana

### I. Presente de Indicativo

1. A pessoa quando **forma-se**, espera desenvolver aquilo que aprendeu.
2. Quando a pessoa **traz** um supervisor de fora, a consideração é outra.

Código do Sujeito: ACAT57

Duração da entrevista: 35:35mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
21/F	Assistente (Loja)	Médio (12°)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Português	Português	

I. Futuro do conjuntivo

1. Se não *tiver* batata, não ponho.
2. No calor, a pessoa veste o que *quiser*.
3. A pessoa faz o que *quiser*.
4. Se (*a visita*) aparecer, apareceu, quanto mais longe melhor.

I. Presente do indicativo

5. Quando **estamos** reunidos, bebemos.
6. Quando **estamos** reunidos, eu bebo.
7. Quando ele não **vem**. Ela pergunta.
8. Se **fazes** carril de frango, não tens que fazer seco. Tem que ser com molho.
9. Quando não **tem**, cozinhamos assim mesmo.
10. Se o aluno não é dedicado, chumba.
11. Os professores quando **vêm** a ela, pensam que ela já tem muito dinheiro.
12. Quando **tenho** tempo de ir a mesquita, eu vou.
13. Se **arrumo** a casa, se eu **ponho** um copo em cima da mesa de um jeito e tu pões de outro, eu não gosto.

Código do Sujeito: AG61

Duração da entrevista: 1:13mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
36/M	Assistente (Tradutor)	Superior (Lic)	Tete/ Cidade de Maputo	Nyungwe	Português Ingles Changana	Sena,

I. Futuro do conjuntivo

1. Quando *for* velho, os meus filhos não dependerem de mim.

II. Presente do indicativo

2. Quando **estou** em casa, tenho me articulado com a população local em Changana.
3. Quando **estou a trabalhar**, sou incansável.

Código do Sujeito: DBL60

Duração da entrevista: 1:08mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
25/M	Estudante Docência	Médio (12°)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português	Português	Inglês Changana

### I. Futuro do conjuntivo

1. Talvez quando eu *terminar* o curso possa inscrever a escola.
2. Talvez quando eu *puder* abrir num local com maior viabilidade, possa inscrever a escola.
3. Se eu *quiser ir* trabalhar para uma outra organização terei que ganhar migalhas.
4. Se *for* um caril que a gente não podia aproveitar a gente preferia passar fome.
5. Quem *quiser ir*, eu não hei-de achar mal.
6. Este fim de semana se eu não ver filme, hei-de sair com a família.
7. Se eu não *for a dar* aulas no sábado, sairei para dar umas voltas.
8. Se eu não *for a comer* uma maçã este fim de semana, irei comer uma laranja.
9. Se *precisar* de fundos, onde vou tirar?

### II. Presente do Indicativo

10. Toda a criança quer fazer algo que não tem oportunidade de fazer quando os pais **estão** por perto.
11. Se **existe** um grande número a falar daquele jeito (...) devia ser uma forma moçambicana de falar Português.
12. Quando as pessoas **estudam**, preferem seguir o padrão europeu.
13. Quando **citamos** autores, as pessoas sentem-se limitadas.
14. Quando eu **estou** na comunidade, eu falo assim para eles poderem me perceber.
15. Quando eu **chego** lá (...) tenho de falar do jeito que as pessoas me entendem.
16. Quando **quero** algo, eu sou persistente.
17. Se **conseguem** provar que estava fazer isto, [serei incriminado].
18. Se eu **tenho** um objectivo a alcançar não posso deixar de alcançar, [tenho de o alcançar].
19. Se eu **quero pensar** em algo que não faz parte da realidade, posso perder uma coisa por querer ganhar outra.
20. De manhã, quando eu **saio** para faculdade, ele está lá a dar aulas.
21. Quando **se lembra** dessas palavras, ela chora.
22. Se a mamã não **quer** correr risco por minha causa, prefiro ficar menino de rua.
23. Se o senhor não nos **quer** aqui, escreve que o senhor não é nosso pai.
24. Ele disse assim: “Se os filhos **são** meus, hão-de me precisar”.
25. Quando **sai**, vai trabalhar, só volta às 17.
26. Se **liga**, pergunta isto, eu não quero ouvir.
27. Se a sua decisão **é conviver**, conviva, mas não me envolva em nada.
28. Se alguém não **quer se redimir** nós talvez chegaremos a pontos mais drásticos.
29. Quando **tenho** um *break* tenho que fazer actividades da faculdade.
30. Quando a gente **fala**, encara como normal.

Código do Sujeito: IMC64

Duração da entrevista: 1h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
29/M	Estudante	Médio (12°)	Inhambane/ Maputo província	Português	Português Changana	Chope Inglês

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se não *fizermos* por nós, o estado não se preocupa.
2. Se eu *tiver* alguma curiosidade, posso pegar num livro de gramática.
3. Se *calhar* posso não ter falado num a vontade.
4. No dia em que tu te *fores* a lesionar, vou te dar uma boa tchaia.
5. Tudo que *acontecer* lá no seu jogo de futebol, que termine lá.
6. Se *virem* ele jogar futebol, venham me dizer.
7. Havia uma ajuda por parte dos carros do parque, mas se eles *tiverem* (tivessem) o carro lotado, claro o professor não tem lugar.

#### II. Presente de indicativo

8. Quando as pessoas **tendem a colocar** as outras acima da minha, eu posso por quem não fala as línguas deles também.
9. Eu disse naquela altura, se eles não **querem** que eu jogue futebol, eu também não vou fazer o que eles querem que é estudar.
10. Quando **chega** o tempo da colheita, as crianças abandonam a escola.
11. Quando **chega** o mês de ritos de iniciação, elas abandonam a escola.
12. Se eu **vou ajudar** em alguma coisa, sinto-me honrado.

Código do Sujeito: NC62

Duração da entrevista: 31min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
27/F	Estudante	Médio (12°)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português	Português	Inglês Francês

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se por acaso *houver* algum contratempo, não sairei.
2. Se não *for* ao cinema irei a casa do meu pai.
3. Se não *for dar* voltas, irei ficar em casa.
4. Este fim de semana quando eu *estiver* em casa, hei-de me ocupar a fazer encomendas.
5. Quando o meu marido *sair* de casa e eu *estiver* sozinha, vou aproveitar para estudar casa.
6. Quando as crianças *dormirem*, vou aproveitar para fazer trabalho de Linguística.

#### II. Presente do indicativo

7. e **estou** na faculdade é por vontade própria.
8. Se é uma coisa para fim de semana, eu faço ao fim de semana.

9. Quando **precisam** de mim, eu estou presente.
10. Se **queres** ser futebolista, vai, luta!

Código do Sujeito: AJ65

Duração da entrevista: 1h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
27/M	Estudante (docência)	Médio (12°)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português Changana	Português Changana	Inglês Francês Zulo

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se *formos* a ver, no campo agrícola, quem faz a revolução verde é o camponês.
2. Se *for* possível este final de semana, veremos televisão.
3. Se *for* possível, também sairemos para tomar alguma coisa.
4. Se *for* possível, visitaremos a minha mãe.
5. Se *tivermos* tempo, domingo iremos à igreja.
6. Se ainda *tivermos* um pouco de tempo, ainda podemos assistir ao jogo na televisão.
7. Quando *chegar* o sábado, terei que arranjar mecanismos.
8. Quando *tivermos* tempo, vamos a praia.
9. Quando assim *for*, restar-me-á pouco tempo.

#### II. Presente do indicativo

10. Quando as coisas **acontecem**, ficamos divididos.
11. Quando **estou** em casa, uso Changana.
12. Então se eu **tenho** alguém que consiga sustentar as suas necessidades básicas é possível que eu consiga desenvolver este e aquele projecto.

Código do Sujeito: EDU63

Duração da entrevista: 30:55min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
22/M	Servente (bar)	Médio (12°)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Português	Português	Gitonga

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se *calhar* mais tarde pode se introduzir.
2. Se *der* certo, faria o curso dos meus sonhos.
3. Se *calhar* isso trouxe reconhecimento na zona.
4. Se não *puder ir ver* um filme, acho que poderei dar uma volta. (FI)
5. Se não *puder ver* a partida de basquete, volto para casa. (FI)
6. Se *estiver* bem, posso vir a aumentar o número de filhos.

#### II. Presente do indicativo

7. A situação em casa, quando **é** assim, começa a ser apertada.
8. Se na zona não **temos** uma padaria em condições (...) lá pode ter mais saída.

9. Quando **sobra** algum tempo, vou assistir a uma partida de basquete.
10. Quando **tem** uma partida de basquete interessante, vou ao campo.
11. Se não **dá** para sair, passo em casa.

Código do Sujeito: EG67

Duração da entrevista: 31min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
27/F	Estudante (docência)	Médio (12°)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Português	Português Inglês	Changana

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se eu *conseguir* que ele cresça, vai ser bom.
2. Se este fim de semana eu não *vir* televisão, irei à praia.
3. Se eu não *for* à nataçã, irei viajar.
4. Se eu não *for* a viajar, gostaria de ir ao cinema.
5. Se este fim eu não *quiser* dormir, irei sair com amigas.
6. Quando *der* para voltar, estar em condições para voltar.
7. Se *acontecer* algum dia, não me sinto capaz.
8. Vou tentar até onde eu *puder*.
9. Gostava de dar valor (*a*) o que *tiver* na altura.
10. Quando *for* a compilar um livro, eu quero apontar.
11. Se a pessoa não *tiver* uma base, cai logo.

#### II. Presente do Indicativo

12. Quando ele **volta** para casa da minha mãe, diz quero ir para casa da minha mãe.
13. Se ele não **se respeita**, não vai respeitar os outros.
14. Quando eu **estou** menos empenhada como aluna, tento compensar nos testes.
15. Quando eu **falto** uma aula, sei de que tenho de compensar a aula que faltei.

Código do Sujeito: EBN69

Duração da entrevista: 41min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
45/F	Docente Estudante	Médio (12°)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Chope	Português Chope Xitshwa	Inglês

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Quando eles *começarem a estudar*, vão aprender Português.

#### II. Presente do indicativo

2. Uso Chope quando **estou** com os meu parentes.
3. Tem uma outra orientação quando uma criança **estuda**.
4. Quando a pessoa **tem** vontade de aprender, acaba vendo formas de gerir o tempo.
5. Quando a pessoa **tem** vontade, por vezes, não sente isso.
6. Se eu **consigo sair** de casa, faço tudo para cumprir com a jornada.

7. Quando **consigo chegar** e terminar o dia com sucesso digo tudo bem.

Código do Sujeito: PV70

Duração da entrevista: 56min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
52/F	Músico	Médio (11º)	Maputo/ Cidade de Maputo	Ronga	Português	Changana

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se nós *pudermos fazer* com que a música desenvolva mais, fazendo música para o Mundo será melhor.
2. Tem que existir leis que penalizam quando *estiverem a fazer* coisas erradas.
3. Se eu *precisar//quiser comprar* um disco da Lisa, sou capaz de não encontrar.
4. Se eu *for* a escolher a música como opção, não há maneira de viver dela.
5. Se a editora *estiver* interessada, assina outro.
6. Quando *fores* lá, fala com Pacha Viegas.
7. Se *perguntares* aos que estiveram no festival, não conhecem.

#### II. Presente do Indicativo

8. Quando **há** qualquer coisa, ela comunica-me.
9. Se **faz** a fusão disso, podemos nos entender com o vizinho de lado.
10. Eles enganam ao Estado quando **vão buscar** o selo.
11. Se o maconde **quer se lançar**, sai de lá, vem para Maputo.
12. Quando você **tem** o disco no mercado, não querem comprar.
13. Se eu **escrevo** um livro, [e a pessoa] quer autógrafo, tem que comprar.
14. Se **vou** África do Sul tocar, diminuo as minhas férias.
15. Quando a gente **toca** fora, vemos o calor que as pessoas nos transmitem.
16. Quando [o evento] **é** na Praça da Independência, vai o povo, esse gosta.
17. Os moçambicanos quando **têm** bolsa, passam por lá.
18. Quando não **temos** uma agenda fixa, ensaiamos uma vez por semana.
19. Quando **há** um trabalho específico, ensaiamos cinco vezes por semana.
20. Se não **pode**, diz naquele momento.
21. Se o milho não **pega**, feijão pega.
22. Quando a gente **vai tocar**, se ele **não está interessado** em levar a bateria dele, ele não leva.

Código do Sujeito: MIM37

Duração da conversa: 44min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
47/M	Servente (Limpeza)	Básico (10º)	Maputo/Cidade de Maputo	Sena	Português Changana	Ronga Alemão

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Só quando *for* um indivíduo poliglota, é que já entende.
2. Quando a pessoa *estiver* à minha esquerda, não tenho problemas de [audição].
3. Quando a pessoa *estiver* a articular, eu tinha que olhar como se fosse um indivíduo surdo-mudo, tinha que prestar muita atenção.
4. Se a gente *sentar* e ver, termos cultura de aproximação e saber ponderar.
5. África vai crescer quando *potenciar* educação e aprendizagem.
6. Não se deve falar muito do passado, o que *houver* temos que conceder.
7. Quando as pessoas têm ferramenta já sabem definir que ali há uma violação, enquanto  
que as pessoas não *tiverem* essa ferramenta, será difícil.
8. Quem *tiver* ferramenta terá que se virar, mas o grosso não.

#### II. Presente do indicativo

9. Para a faculdade crescer depende de progenitores, quando **temos** bons progenitores, teremos bons filhos.
10. Quando os pais não **se entendem**, não há-de haver boa harmonia.
11. Quando os pais **começam** nessa fricção, isso afecta o comportamento dos filhos.
12. Quando **há** uma ruptura entre os cônjuges, deve-se assegurar os filhos.
13. Fico muito chocado quando **vejo** os pais//disputa de filhos porque já há ruptura.
14. Quando as pessoas **têm** ferramenta já sabem definir que ali há um atropelo.
15. Quando **tento ligar**, dizem que não existe este número.
16. Quando as pessoas **alimentam-se**, não pensam muito na maldade.
17. Quando o professor **vai** à banca é para pagar o triplo.

Código do Sujeito: CAR43

Duração da conversa: 52:53mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
22/M	Servente (Limpeza)	Básico (9º)	Maputo/ Província de Maputo	Changana	Português Changana	

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se eu ter esse espaço, construo minha casa.
2. Se ter um espaço, construo uma casa.

Código do Sujeito: ALAC40

Duração da conversa: 30mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
28/F	Assistente (Bar)	básico (9º)	Maputo/ Cidade de Maputo	Português	Português	Changana

I. Futuro do conjuntivo

1. Se a pessoa *quiser* ou desejar, pusemos também tomate sauce ou maionese.
2. Se não *tiver* repolho, preparo assim.
3. Se ele não *estiver* com vontade de comer, posso dar um chá.
4. Se ele *quiser beber*, deixo.

II. Presente do indicativo

5. Se a pessoa **vem** chateada de casa, deixa tudo lá.

Código do Sujeito: MS42

Duração da conversa: 39:15mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
23/M	Servente (limpeza)	Básico (10º)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Chope	Português Changana	Inglês

I. Futuro do conjuntivo

1. Quando eu estar aqui é porque não tinha dinheiro.
2. Quando a pessoa *falar*, consigo capturar o significado das palavras.
3. Quando uma pessoa você lhe *nascer* sempre a usar a mesma língua, quando ir na escola aprende mais.
4. Quando *tiver* na escola, aquilo sempre sobe amais.
5. Quando você *sair* sem saber, ir na escola e capaz de saber na escola.
6. Se *for* possível para fazer transferência de lá para cá, não foi fácil. (?)
7. Quando a pessoa *me chamar*, venha lá fazer isto só para ter qualquer coisa para ajudar a nossa mãe.
8. Quando *(es)tiver* no Matola Gar tem outro bairro chamado Ntenga.
9. Se não haver uma escola perto da zona, é preciso transporte..
10. Quando você *ficar* sem fazer nada, perde a sabedoria.
11. Quando eu *trabalhar* aqui enquanto não conclui a 12ª começo puxar muito.
12. Quando ver a mim com vassoura na mão, o que é que eles pensam.
13. Em qualquer empresa quando ter 12ª classe, há aceitação.
14. Quando *acabar* de preencher os meus 12, levo este papel (*e*) vou apresentar nos RH.
15. Se dar para me tirar deste trabalho e me porem noutra podem fazer.
16. Se não ter a minha casa, não gostaria.
17. Quando eu ter meu carrinho, vai me ajudando a fazer outras coisa.
18. Podemos conviver contigo se não haver trabalho neste fim de semana.
19. Se não querer dar a festa aos meus amigos, posso.

20. Quando eu *levar*...

21. #Quando tu vires para cá a sair da Matola, tem um rio que divide Maputo e Matola.

Código do Sujeito: R46

Duração da conversa: 1:02h

Idade/ Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
66/M	Assistente (Reprografia)	Básico (8º)	Inhambane/ Cidade de Maputo	Matshwua	Português Matshwua	Gitonga

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se a pessoa *viver* um dia, na tropa, na guerra, era um ano.
2. Se *for* um combate que dura 30 minutos, era um ano da vida.
3. Se *for* seis ou oito anos, considerava que a pessoa cumpriu.
4. Fico muito chocado se um jovem *falar* mal Português.
5. Se por acaso o treinador *falar* com a direcção ser pago, o ferroviário poderá ganhar o campeonato.
6. Se não *for* dessa formalidade, vão sabotar.

#### II. Presente

7. O governo quando **umenta** salários, os investidores triplicam os preços.

Código do Sujeito: MAM53

Duração da conversa: 48:38min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L. Com.	Outras L.
42 /M	Zelador de salas	Básico (8º)	Gaza/ Província de Maputo	Changana	Português	

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se eles *aceitarem*, eu posso continuar o meu curso.
2. Se aqui não vir próximo ano, [irei à escola].
3. Se a vida vir melhorar, podemos vir a pôr a quarta [criança].
4. Se a vida *continuar* a ser difícil, posso terminar com aqueles três filhos.
5. Quando *chamar* não vai saber (*quem*) está chamar a quem.
6. Quando nós *chamar* por aquele nome outro é que a criança vivia bem.
7. Quando nós *chamar* de Afonso, a criança sempre ficava doente.

#### II. Presente de Indicativo

8. Senhor, se **queres** que a sua casa ter vida, tem de deixar de estudar.
9. Se **pode** eu tinha mudado de curso diurno para nocturno, não ia dar.
10. Quando **vai fazer** 10 15 anos, lhe meter numa oficina.
11. Se você não **vai comprar** lá na fábrica, não é barato.
12. Se hoje o pão **vem** subir para 6 conto é o fim da vida.

Código do Sujeito: ALC50

Duração da conversa: 46:49mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
30/M	Fotógrafo	Primário (7º)	(Gaza?)/ Cidade de Maputo	Changana	Português Changane	

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se estar vivo, eu vou contar isso.
2. Quando *crescer* vão sabendo a história dos pais.
3. #Se (a)cabando essa feitiçaria ela vai ficar (*ar*)rependido.
4. Se ter emprego, meu sonho é de voltar para escola estudar.

#### II. Presente do indicativo

5. Se eu **penso voltar** (a minha ex-esposa), eu risco a minha vida.
6. Se **querem** confirmar, vão lá ter com vosso avô.
7. Se **apanho** emprego, vou cortar uma coisa, vou ir estudar.
8. Se eu **fico**, não fazer isso, não há vida.
9. Quando **arranjo** emprego, daí eu sei que (*no*) final do mês vou ter salário.
10. Fico a ter seguro quando na minha família **morre** uma pessoa, daí vou ter um sítio para ter valor[= dinheiro] de funeral.
11. Quando eu **morre**, eles ficar a lembrar.

Código do Sujeito: L51

Duração da conversa: 29min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
22M	Vendedor	Primário (7º)	Maputo P./ Cidade de Maputo	Português	Changana Português	

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Se ir na escola, não hei-de conseguir.
2. Se dar certo, deu certo.
3. Se *conseguir* vinte, hei-de comprar pão.
4. Não tenho dinheiro, se eu conseguir, hei-de trazer para ti.
5. Se eu ter doença, ou ela vai me deixar ou continuar.
6. Se *pegar* 100R, você pode comprar comida.

#### I. Presente do Indicativo

7. Se não **faz** isso ai, vai apanhar sida.
8. Se **dá** para passear, ir dar uma volta na praia e voltar para casa.

Código do Sujeito: AN56

Duração da Entrevista: 1:30h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
61/M	Segurança Estudante	Básico (8º)	Tete/ Cidade de Maputo	Nyungue	Português	Changana

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Mesmo que *estiver* aqui (no trabalho), a Igreja me ocupa tanto.
2. Quando você vir/*chegar* aqui, hão-de apanhar uma pessoa.
3. Quando *apanhar* população, não mata.
4. Quando *gritar*, hão-de fugir.
5. Quando ele *vir*, vão vir vos matar.
6. Quando *precisar (de)* carne, é subir uma pessoa ir tirar.
7. Se você fazer isso, pode matar estão aqui, eu vou entregar o relatório.
8. Quando criar confusão, basta chegar aqui vou entregar peixe.
9. Quando ele *chegar* aqui, já não vão vos deixar.

#### II. Presente do indicativo

10. Quando **aquece**, manda secar.
11. Quando **reparo** no chão, vejo bota colonial.
12. Quando **reparo**, vejo já era outro grupo.
13. Uma pessoa quando **está a fugir** com medo, você não pode lhe dizer alô.
14. Quando não **queremos fazer** aquilo ali, pôr na água cozinhar.
15. Quando **faço** isto atrás, vejo G3 arma.
16. Se não **consigo conduzir (o)** carro da empresa, pelo menos se conseguisse meu.
17. Quando você não **está**, também lá as coisas pára.

Código do Sujeito: ASS47

Duração da conversa: 39:58mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
41/M	Segurança	Básico (9º)	Gaza/ Cidade de Maputo	Changana	Português	Alemão Inglês

#### I. Futuro do conjuntivo

1. Qualquer dia, o governo quando *entender*, dará qualquer coisa.
2. Quanto mais haver saúde, lá para frente vou.
3. Se eu *interferir*, vou intervir, se *calhar* estarei a cortar o sonho dela.
4. Se *calhar* os meus pais não pensavam que eu fosse isto, pensavam noutra coisa.

#### II. Presente do Indicativo

5. Se eu **sou** isto, hei-de continuar a ser aquilo.

Código do Sujeito: GMM57

Duração da Entrevista: 1:10h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
52/F	Vogal (Reformada)	Básico (10º)	Maputo/ Província de Maputo	Português	Português	Changana Inglês

I. Futuro do conjuntivo

1. Se não me ver, pode informar a eles.
2. Se *der* 17 horas não me ver é porque já fui embora.

II. Presente do indicativo

3. Se não me **abre** o jogo, não hás-de chegar onde você vai.
4. Se **estão** na fé, vão estudar.
5. Se você **quer** uma coisa, ela resolve.
6. Se a pessoa não é forte, não há nada que possa fazer.

Código do Sujeito: CAR66

Duração da entrevista: 48min

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
66/M	Guarda Sapateiro	Primário (3º)	Gaza/ Cidade de Maputo	Changana	Changana Português	

I. Futuro do conjuntivo

1. Quando *cultivar* milho arroz, vem (*a*)judar nas cidades.
2. Quando *surgir* alguma coisa, chamava a pessoa falar com ele
3. Samora quando dizer olha a partir de já...[todo o mundo respeitava].

II. Presente do indicativo

4. Quando **chega** na Macia, há loja, Mazivila.
5. Quando não (**a**)caba 1 ano não volta para casa e chibalo.
6. Quando (**a**)caba um ano, festejar, não fica em Maputo.
7. Quando **chega** uma hora, sobe bicicleta ir fechar cadeado.
8. Quando **chega** amigo dele, tem que falar língua portuguesa.
9. Quando vocês não **querem comprar** um terreno, vocês dois ficar neste terreno.
10. Quando não **tem** lobolo, não pode fazer filhos.
11. Quando vocês são professores **querem** conhecer região de muito tempo.
12. Quando (**a**)caba um mês, só da 20 meticais.
13. Bater a pessoa manda no chibalo, quando **volta** ele há-de bater outra pessoa.
14. Quando **está** na sala é uma respeito.

Código do Sujeito: AB68

Duração da entrevista: 1:04h

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
54/F	Servente	Primário (4°)	Gaza/ Cidade de Maputo	Changana	Português Changana	

### I. Futuro do conjuntivo

1. Se dar, podes.
2. Agora só se usa Português para quem seja *for*, já é Português.
3. Não tenho muitas histórias a contar, se não *for* aquilo que eu falei.
4. Devolve o teu cheque se não ter conseguido levantar.
5. Quando *quiser sair*, venha me dizer.
6. Se caso um dia serem chamados, falam assim.
7. Se você *tiver* a vida, vai ter de melhor.
8. Aquilo que *tiver* um saber que este é meu irmão.

### II. Presente do Indicativo

9. Quando o mais velho **fala**, é para ser ouvido.
1. Quando **saem** fora, não se entendem com os outros.
2. Quando você **tira** um dinheiro para dar os teus pais comer, eles te pergunta(m).
3. Quando **faço** isto, vejo talões de depósito em meu nome.
4. Quando **despedo** para voltar para Chibuto, meu irmão me pergunta não queres trabalhar cá.
6. Se **é** para servir, serve uma colher para todos.
7. Quando **entro**, vou lá dentro da casa.
8. Quando ainda **precisa** de vosso encontro [tem de ser] lá fora não aqui.

Código do Sujeito: CM48

Duração da conversa: 31:47mim

Idade/Sexo	Ocupação	Nível	Origem/residência	L1	L Com.	Outras L.
27/F	Assistente Administ.	Básico (10°)	Maputo/Cidade de Maputo	Português	Português	Changana Ronga

### III. Futuro do conjuntivo

1. Se *for* para viver sozinha, não vai ser fácil.
2. Se *forem* encontrados, vão perder o emprego.
3. Se eu *for* a Facim, o que farei?
4. Quando *estiver//for a levantar* a fervura, coar o coco (*e*) pôr na panela.

### II. Presente do indicativo

5. Se não **consigo ler** é por preguiça.
6. Se não **se resolve** a situação do salário, [a corrupção] vai piorar.